



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOÃO GABRIEL DIAS DOS SANTOS

**INTERESSES, AÇÕES E PRÁTICAS (IN)SUSTENTÁVEIS DA  
SAMARCO MINERAÇÃO S.A. EM REGISTROS  
FOTOGRAFICOS DO CRIME AMBIENTAL DE MARIANA:  
UMA CONSTRUÇÃO ANALÍTICA A PARTIR DA SOCIOLOGIA  
BOURDIEUSIANA**

JOÃO GABRIEL DIAS DOS SANTOS

**INTERESSES, AÇÕES E PRÁTICAS (IN)SUSTENTÁVEIS DA  
SAMARCO MINERAÇÃO S.A. EM REGISTROS  
FOTOGRAFICOS DO CRIME AMBIENTAL DE MARIANA:  
UMA CONSTRUÇÃO ANALÍTICA A PARTIR DA SOCIOLOGIA  
BOURDIEUSIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Administração da Universidade  
Estadual de Londrina como requisito para a  
obtenção do Título de Mestre em Administração

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza

Londrina  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Santos, João Gabriel Dias dos.

INTERESSES, AÇÕES E PRÁTICAS (IN)SUSTENTÁVEIS DA SAMARCO MINERAÇÃO S.A. EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CRIME AMBIENTAL DE MARIANA: : UMA CONSTRUÇÃO ANALÍTICA A PARTIR DA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA / João Gabriel Dias dos Santos. - Londrina, 2021.

159 f. : il.

Orientador: Rafael Borim-de-Souza.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Ação; Prática; Interesse; Bourdieu - Tese. 2. Sustentabilidade; Crime Ambiental; Mariana; Samarco - Tese. 3. Fotografia - Tese. I. Borim-de-Souza, Rafael. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658

JOÃO GABRIEL DIAS DOS SANTOS

**INTERESSES, AÇÕES E PRÁTICAS (IN)SUSTENTÁVEIS DA  
SAMARCO MINERAÇÃO S.A. EM REGISTROS  
FOTOGRAFICOS DO CRIME AMBIENTAL DE MARIANA:  
UMA CONSTRUÇÃO ANALÍTICA A PARTIR DA SOCIOLOGIA  
BOURDIEUSIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Administração da Universidade  
Estadual de Londrina como requisito para a  
obtenção do Título de Mestre em Administração

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Thais Accioly Baccaro  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Natália Rese  
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Londrina, 25 de novembro de 2021.

Dedico este trabalho aos meus pais que, em qualquer circunstância, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Como disse John Berger: “Uma fotografia, ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto”. Assim como a fotografia, esta dissertação é a materialização de um processo o qual não foi visto e alguns que trilharam esta jornada ao meu lado merecem destaque e agradecimento. Primeiramente a Deus, por ter me dado forças para chegar até esta fase final, mantido a minha fé e me amparado em todo instante.

Aos meus pais, Antenógenes e Denize, obrigado por acreditarem em mim, por apoiar as minhas escolhas, por todos os esforços destinados a minha educação e por abdicarem de suas vidas em prol das realizações e da felicidade de seus filhos. Vocês sempre foram e sempre serão minha maior inspiração na vida, na conquista de objetivos e como lidam com as adversidades. Se não fosse por vocês, eu não teria chego até aqui.

Ao meu orientador, Rafael Borim-de-Souza (com hífen porque é deste jeito que ele gosta de ser reconhecido), o qual conheci no primeiro ano da graduação e depois nos reecontramos no último ano para o TCC, quando pedi a sua orientação. Agradeço pelo suporte, disposição e por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa novamente e em outros projetos, sempre acreditando no meu potencial. Agradeço também pela amizade construída extra orientação, pelos conselhos, coversas, puxões de orelha, parceria e companherismo. Obrigado por todo o aprendizado que tive com você, me fez crescer como pessoa em nível acadêmico e fora deste.

Ao grupo de pesquisa EOSI, o qual me proporcionou conhecimento e amizades que levo até hoje. Rodrigo Nitt e Henrique Letrari, obrigado pelos momentos de descontração nas aulas de AECO. Beatriz Zanoni, uma história que começou com o desejo de entrar para o mestrado e passou pela supervisão do TCC. Sou grato pelas dicas, pelos conselhos, pelos desabafos, pela amizade e por todo o suporte nesta reta final. Felipe Caprioli e Mariana Ajita, amigas construídas na graduação, obrigado pelo convívio. Aos demais integrantes do grupo e também aqueles que supervisionei nos trabalhos de conclusão de curso obrigado pelo aprendizado gerado.

Camilla Atibaia Cestari, minha amiga e irmã de orientação, com quem compartilhei alegrias, seminários, artigos, angústias, sofrimentos, momentos de felicidade e diversão. Obrigado por todos os momentos compartilhados. Aos colegas de classe, Juliana Aguiar, Jean e Kauana, obrigado por toda conversa extra aula,

trocas de ideia e ajuda mútua. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos meses de bolsa concedidos, que me deram auxílio para dedicação integral ao mestrado.

As professoras Thais e Natália, obrigado pelo aceite de participar desta banca e da qualificação. Sou grato por dedicarem tempo para ler este trabalho. Os apontamentos e questionamentos gerados por vocês foram de grande contribuição para que a pesquisa chegasse nesta forma. Agradeço também aos professores do PPGA-UEL pelos ensinamentos gerados.

Aos amigos de fora do círculo do mestrado, muito obrigado aos que se dispuseram a ouvir sobre o mestrado. Obrigado aos que torceram para que desse tudo certo. Sou grato a amizade de vocês, os momentos juntos de conversa e distração tornaram tudo mais leve.

*“O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquentada e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem”.*  
*(Guimarães Rosa)*

## RESUMO

SANTOS, João Gabriel Dias dos. **Interesses, ações e práticas (in)sustentáveis da Samarco Mineração S.A. em registros fotográficos do crime ambiental de Mariana**: uma construção analítica a partir da sociologia bourdieusiana. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

A fotografia apresenta um papel crucial na sociedade contemporânea. Como forma de registro, ela testemunha e atesta uma série de acontecimentos históricos. Nesta perspectiva, as organizações como organismos multifacetados e complexos, passaram a aderir ao uso de registros fotográficos em documentos, relatórios e mídias sociais. Com isto, há uma necessidade de se entender essa nova configuração das organizações. O desenvolvimento do sistema capitalista e a busca incessante por recursos, colocou em xeque o papel das organizações no desencadeamento de uma crise ambiental. As organizações passaram a adotar a sustentabilidade em seus discursos, práticas e até mesmo com a publicação de fotografias. Contudo, muitas das práticas se mantêm somente no discurso e acabam por ocasionar grandes desastres. A partir deste cenário, esta pesquisa tem como objetivo geral desvelar, a partir de registros fotográficos do crime ambiental de Mariana, as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A. Para tanto, a lente sociológica de Pierre Bourdieu foi escolhida como arcabouço teórico e neste sentido as fotografias foram interpretadas como manifestações narrativas. Entendeu-se também que as fotografias apresentam elementos objetivos que denunciam elementos subjetivos e até mesmo simbólicos. Para que este objetivo fosse alcançado esta pesquisa foi classificada como qualitativa e descritiva. Como critério de seleção da unidade de análise, optou-se pela Samarco Mineração S.A. devido à repercussão do que foi considerado como o maior crime ambiental do Brasil, ocorrido em Mariana/MG no ano de 2015. Os dados foram alcançados a partir de uma pesquisa documental, incluindo registros fotográficos do crime ambiental extraídos do site corporativo, Facebook, relatório de sustentabilidade e book de um ano de rompimento da empresa selecionada. Ao todo foram dezesseis fotografias. Os registros fotográficos foram analisados a partir de uma metodologia que envolveu contribuições sobre análise de narrativas, análise de fotografias e interpretações inspiradas à luz da sociologia bourdieusiana. Na análise dos dados foi possível perceber que a Samarco optou pela publicação de fotografias pelo interesse de exposição de ações tomadas para lidar com os desdobramentos pós-crime. A empresa também aderiu a exclusão e/ou acobertamento de fotografias que pudesse comprometer sua nova postura pós-crime. A prática se revelou pela reconquista da confiança com os envolvidos diretamente e indiretamente com o acontecido e também pelo resgate da sustentabilidade. Ademais, questionou-se se uma organização que se diz sustentável teria esse tipo de comportamento. Mesmo diante deste cenário, as fotografias testemunharam evidências e rastros de (in)sustentabilidade. A sustentabilidade foi compreendida como alegoria, isto é, as fotografias promoveram uma extrapolação de seu sentido.

**Palavras-chave:** fotografia; interesses; ação; prática; crime ambiental; Mariana; sustentabilidade; Samarco.

## ABSTRACT

SANTOS, João Gabriel Dias dos. **Samarco Mineração SA's (un)sustainable interests, actions and practices in photographic records of Mariana's environmental crime**: an analytical construction based on Bourdieusian sociology. 2021. 159 f. Dissertation (Master in Business) – State University of Londrina, Londrina, 2021.

The photograph presents a crucial role in contemporary society. As a way of recording, it witnesses and attests a series of historical events. In this perspective, the organizations as a complex multifaceted organism, started to adhere to the use of photographic records in documents, reports and social media. Therewith, there is a need to understand this new configuration of organizations. The development of the capitalist system and the incessant pursuit for resources, put in check the role of organizations triggering an environmental crisis. Organizations started to adopt sustainability in their discourses, practices and even in publicated photographs. However, many practices maintain themselves only in discourses and end up causing great disasters. Stem from this scenario, the general objective of this research is to exhibit, from photograph records of the environmental crime in Mariana, the narratives related to (un)sustainable interests, actions and practices adopted by Samarco Mineração S.A. Therefore, the sociological lens of Pierre Bourdieu was chosen as a theoretical framework and for that matter, the photographs were interpreted as narratives manifestation. It was also understood that the photographs present objective elements that denunciate the subjective elements and even the symbolic ones. So that objective was achieved; this research was classified as qualitative and descriptive. As criterion for selecting the analysis unit Samarco Mineração S.A. was chosen due to the repercussion of what was considered as the great environmental crime in Brazil, which occurred in Mariana/MG in 2015. The data were obtained from a documentary search, including photographic records of the environmental crime extracted from the corporate website, Facebook, sustainability reports and a one year rupture book of the selected company. There were sixteen photographs in total. The photographic records were analyzed using a methodology that involved contributions on narrative analysis, photograph analysis and interpretations inspired in the light of bourdieusian sociology. In the data analysis, it was possible to notice that Samarco chose to publish photographs because of the interest in exposing the actions taken to deal with post-crime developments. The company also adhered to the exclusion and/or cover-up of photographs that could compromise its new post-crime attitude. The practice was revealed by the regaining of trust with those directly and indirectly involved with what happened and also by the rescue of sustainability. Furthermore, it was questioned whether an organization that claims to be sustainable would have this type of behavior. Even in this scenario, the photographs witnessed evidence and traces of (un)sustainability. Sustainability was understood as an allegory, in other words, the photographs promoted an extrapolation of its meaning.

**Keywords:** photography; interests; action; practice; environmental crime; Mariana; sustainability; Samarco.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Áreas de investigação da Sociologia Visual .....	51
Figura 2 – Práticas decorrentes da Sociologia Visual .....	52
Figura 3 – Esquema metodológico da pesquisa.....	86
Figura 4 – Foto 1 .....	90
Figura 5 – Foto 2 .....	93
Figura 6 – Foto 3 .....	94
Figura 7 – Foto 4 .....	103
Figura 8 – Foto 5 .....	110
Figura 9 – Foto 6 .....	116
Figura 10 – Foto 7 .....	118
Figura 11 – Foto 8 .....	119
Figura 12 – Foto 9 .....	125
Figura 13 – Foto 10 .....	127
Figura 14 – Foto 11 .....	129
Figura 15 – Foto 12 .....	130
Figura 16 – Foto 13 .....	131
Figura 17 – Foto 14 .....	137

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Compilado de perspectivas teórico-metodológicas de fotografias em pesquisas .....	81
Quadro 2 – Percurso Metodológico da Pesquisa .....	83
Quadro 3 – Síntese Foto 1, Foto 2 e Foto 3.....	96
Quadro 4 – Síntese foto 4 .....	105
Quadro 5 – Síntese Foto 5 .....	112
Quadro 6 – Síntese Foto 6, Foto 7 e Foto 8.....	121
Quadro 7 – Síntese Foto 9, Foto 10, Foto 11, Foto 12 e Foto 13.....	133
Quadro 8 – Síntese Foto 14 .....	139

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1	OBJETIVOS .....	17
1.1.1	Objetivo Geral.....	17
1.1.2	Objetivos Específicos .....	17
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	20
2.1	A SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA .....	20
2.1.1	Campo: Unidade De Análise, Configuração E A Dinâmica Relacional De Conceitos .....	26
2.2	FOTOGRAFIA.....	39
2.2.1	Origem Da Fotografia E Sua Relação Como Objeto De Análise Sociológica .....	40
2.2.2	Definições, Características, Aspectos E Dimensões Da Fotografia .....	41
2.2.3	Sociologia Visual .....	48
2.3	SUSTENTABILIDADE .....	54
2.3.1	Administração, Organizações E A Crise Ambiental .....	54
2.3.2	Sustentabilidade E Desenvolvimento Sustentável.....	56
2.3.3	Sustentabilidade Nas Organizações.....	61
2.3.4	Ecocídio: Crime Ambiental .....	63
2.4	CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTO DE PESQUISA: A SUSTENTABILIDADE COMO ALEGORIA.....	64
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	69
3.1	POSICIONAMENTO ONTO-EPISTEMOLÓGICO .....	69
3.1.1	Ontologia Historicista.....	69
3.1.2	Epistemologia Histórica .....	70
3.1.3	Perspectiva De Compreensão Da Realidade .....	72
3.2	CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA .....	73
3.3	TEORIA E EMPIRIA ORIENTADA PELA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA .....	73
3.4	ESTRATÉGIAS DA PESQUISA .....	75
3.5	UNIDADE DE ANÁLISE .....	76

3.6	ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS.....	77
3.7	ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE.....	78
3.8	ANALISANDO AS INFORMAÇÕES.....	79
3.9	ASPECTOS ÉTICOS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	87
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>88</b>
4.1	SAMARCO MINERAÇÃO S.A .....	88
4.1.1	Era Uma Vez? .....	89
4.1.2	Limpeza do Trabalho Sujo?.....	102
4.1.3	Por Onde Andava a Segurança? .....	115
4.1.4	Águas Passadas?.....	124
4.1.5	Tapar as Manchas? .....	137
4.2	UMA SÍNTESE A PARTIR DO MEU IMAGINÁRIO: EM BUSCA DE UMA FOTOGRAFIA REPRESENTATIVA.....	142
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>145</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 05 de novembro de 2015, rompe a barragem de Fundão em Mariana (MG), por responsabilidade da Samarco Mineração (S.A.). O evento, considerado crime ambiental, repercutiu na exclusão da Vale da versão 2016 do Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&FBovespa (atual B3), por ser uma integrante da *joint venture* da qual a Samarco Mineração pertence (BM&FBOVESPA, 2020). Diante do considerado maior crime ambiental da história do Brasil, “a perda de vidas, os impactos ao meio ambiente e o prejuízo à economia da região [...] são temas críticos que ficarão marcados na história das comunidades e, também, da Empresa e do setor mineral brasileiro” (SAMARCO, 2016a, p. 84). A destruição de infraestruturas e a perda de bens materiais também aderem aos efeitos suscitados pelo crime recaindo à temática de sustentabilidade. Inúmeros registros como fotografias expuseram estes efeitos e os desdobramentos do ecocídio.

Como uma forma de narrativa cotidiana em diferentes mídias, a fotografia se manifestou imprescindível na constituição das características históricas do mundo contemporâneo. Ela ascendeu a locais anteriormente destinados à linguagem oral e escrita, instaurando o reino visual nas relações cotidianas (PONTES, 2014). “A fotografia expressa, além das intenções explícitas do fotógrafo, um sistema de esquemas de percepção, pensamento e apreciação comuns a todo o grupo” (BOURDIEU, 1990, p. 6), portanto além de revelar posições sociais e contextos em um recorte da realidade, também estabelece uma conexão direta com comportamentos, experiências e ações compartilhadas em um mesmo espaço social. Bourdieu (1990) valida a utilização de metodologias visuais para aprofundamento de análises sociológicas. Materiais visuais e métodos visuais são valiosos para desvelar e elucidar o que é tido como certo e até mesmo aquilo que não está óbvio (BOURDIEU, 1980).

Optou-se, nesta pesquisa, por utilizar essa lente interpretativa, a fim de analisar os fenômenos da realidade. Em seu projeto intelectual, procurou construir uma teoria social voltada ao rompimento da visão dicotômica entre objetivismo, detentor de bases prescritivas e normativas, e o subjetivismo, alicerçado a uma visão crítica e explicativa. O enfoque do filósofo e sociólogo está pautado em analisar as relações que circulam entre estas duas perspectivas, perscrutando sobre um recorte

da sociedade em profundidade, o que caracteriza sua microssociologia (WACQUANT, 2002).

A dinâmica deste recorte da sociedade, transcorre a partir de um 'jogo' de disputa de posições sociais entre agentes por meio de objetos de interesse. Os agentes são constituídos de disposições incorporadas ao longo de vivências e experiências. As relações sociais estabelecidas entre os agentes são movidas por interesses, na maioria das vezes implícitos em discursos de dominação, os quais vão refletir em ações voltadas a um denominador comum, o que, na sociologia bourdieusiana, é denominada como prática, o anseio pela dominação (BOURDIEU, 1996; 1989; 2004; 2008; 2009).

Interesse, ação e prática são conceitos os quais contribuem para o entendimento da dinâmica de relações sociais no campo, e que conduziram esta pesquisa. A teoria da sociedade de Bourdieu tem sido amplamente utilizada nos estudos organizacionais como base para compreensão do funcionamento das organizações, entretanto voltada a tríade conceitual - campo, *habitus* e capital. A intersecção entre as temáticas de organizações e sustentabilidade, as fotografias do crime ambiental e a oportunidade de análise dos mais diversos contextos pela sociologia bourdieusiana, fornecem possibilidades de reflexão e entendimento do comportamento, práticas e ações das organizações em relação a sustentabilidade, a partir de um novo prisma teórico e metodológico.

A investigação sobre as organizações continua a desenvolver-se para promover a evolução e o debate crítico das mesmas e para alinhar a teoria com a prática a fim de compreender seu caráter multifacetado, tornando-se entidades multidimensionais complexas. Além dos aspectos técnicos, também passam a ser analisados aspectos sociais, isto é, a relação entre os fatores objetivos e subjetivos que as configuram como um processo de construção (BOURDIEU, 2009; SCOTT, 2004; WESTWOOD; CLEGG, 2003). Cabe ressaltar que organizações orientadas ao lucro, não são entidades sólidas, mas instrumentos de poder e dominação envolvidas por interesses que vão atuar na formação social de indivíduos e no direcionamento de certas práticas conforme seus objetivos (BENSON, 1977; WESTWOOD; CLEGG, 2003; ZALD, 1993).

O desenvolvimento do sistema capitalista, o crescimento populacional e a busca incessante por recursos a fim de atender as demandas do mercado, colocaram em xeque o papel das organizações na promoção e desencadeamento de

uma crise ambiental (LAYRARGUES, 2017; PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015). A propagação de discursos sustentáveis está cada vez mais sendo manifestada nas organizações (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014). Diferentes perspectivas qualificam a sustentabilidade nas organizações. Diante da pluralidade deste universo, se assume a concepção do termo além de uma perspectiva ambiental, mas também nas relações estabelecidas com as esferas política, econômica, social, cultural e também uma dimensão ideológica, a qual envolve significados compartilhados nas relações sociais (O'CONNOR, 2000).

O desdobramento de práticas de interferência do homem na natureza, tidas como “sustentáveis”, podem, eventualmente, levar a grandes desastres, podendo até mesmo serem enquadrados como crimes ambientais - ecocídios. As consequências originárias destes crimes apresentam danos irreversíveis à natureza e além disso, se resvalam sobre a sociedade e a economia (O'CONNOR, 2000; MOL, 2000; PARENTI, 2016; ROSSO; PIFFER, 2019), como foi o caso da mineradora Samarco em 2015.

Esse contexto resultou no seguinte problema de pesquisa: Quais as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A., a partir de registros fotográficos do crime ambiental de Mariana?

Para respondê-lo, esta pesquisa classificou-se a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa assumiu um nível teórico, por conta da pesquisa bibliográfica presente no referencial teórico e, um nível empírico, pelo estudo de caso da empresa Samarco Mineração S.A. As informações foram acessadas a partir de uma pesquisa documental referente aos registros fotográficos do crime ambiental em Mariana (MG). O acesso a estes foi realizado por meio de relatórios oficiais da empresa, redes sociais e site corporativo da empresa. Os registros fotográficos foram analisados a partir de uma metodologia que envolveu contribuições sobre análise de narrativas, análise de fotografias e interpretações inspiradas à luz da sociologia bourdieusiana.

A partir das definições dos parâmetros teórico metodológicos, para que todas as informações fossem apresentadas de maneira clara, a pesquisa organizou-se da seguinte forma: o primeiro capítulo de referencial teórico com quatro tópicos: (a) relatos da história, vida e obras de Bourdieu, abordando conceitos essenciais para a compreensão de sua teoria e a relação entre eles; (b) a fotografia,

sua origem particularidades, características e a relação de Bourdieu com a fotografia; (c) a sustentabilidade e seu universo; (d) a construção do argumento de pesquisa; logo após foram apresentados os procedimentos metodológicos, seguidos da apresentação e análise dos dados e encerra-se com as considerações finais.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Desvelar, a partir da sociologia bourdieusiana e por meio dos registros fotográficos do crime ambiental de Mariana, as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender os registros fotográficos como manifestações narrativas para os estudos desenvolvidos sob orientação da sociologia bourdieusiana;
- Identificar, por meio dos registros fotográficos selecionados, os interesses a respeito da sustentabilidade referentes à e da organização investigada;
- Descrever, por meio dos registros fotográficos selecionados, as ações relacionadas à sustentabilidade referentes à e da organização investigada;
- Interpretar, por meio dos registros fotográficos selecionados, as práticas vinculadas à sustentabilidade referentes à e da organização investigada.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Adentrar no universo da fotografia, associando a sociologia bourdieusiana e a sustentabilidade, se traduz como forma original de relacionar estes três temas nos estudos organizacionais. Após um levantamento realizado nas bases de dados, *Web of Science* e *Spell* nas áreas de *Business* e *Management*, e Administração, com as palavras-chave Bourdieu, fotografia e/ou *photograph*, foi possível compreender que o campo ainda pouco explorado, resultando em apenas

dois artigos, um publicado em 2016 e outro em 2018 (AHN; JACOBS, 2018; SALMON, 2016). Ambos os artigos, utilizam a fotografia como unidade de análise e a sociologia bourdieusiana como aporte teórico. Expandido a seleção para a área de Sociologia, foi encontrado um artigo (EVERINGHAM; DEVENIN; COLLINS, 2015) que se aproxima bastante dessa pesquisa. Ao analisar fotografias, o artigo examina, utilizando conceitos da sociologia bourdieusiana, o espaço social e lutas sociais em relação a injeção elevada recursos e a inserção em projetos de mineração de carvão e gás de carvão em larga escala, o que corroborou para disseminação de conflitos ambientais. As discussões se mantiveram nos conceitos de campo e capital. Ademais, não foram abordadas relação com sustentabilidade com os conceitos de interesse, ação e prática, logo justificando as contribuições desta pesquisa.

Para a Administração, enquanto ciência, esta pesquisa enriquece a teoria ao gerar progressos no campo que discorre o funcionamento das organizações a partir da lente interpretativa de Pierre Bourdieu. A pesquisa fortalece os poucos estudos nessa área, oferecendo novas perspectivas de reflexão nos estudos organizacionais, abordando as discussões além da tríade de Bourdieu – campo, *habitus* e capital – conceitos essenciais de sua teoria - com a inserção de novos conceitos trabalhados de modo relacional – interesse, ação e prática – a fim de gerar uma compreensão mais completa das organizações e suas relações com o homem, a sociedade e a sustentabilidade.

As fotografias são documentos para a construção e entendimento, da e de uma, história. Além dessa contribuição teórica, esta pesquisa apresenta também contribuições metodológicas, buscando operacionalizar a teoria bourdieusiana no aspecto visual, por meio das fotografias, apresentando novos caminhos para futuras análises em contextos diferentes e, a partir deste recurso visual, uma nova forma de enxergar a realidade, pois “as fotos são apreciadas porque dão informações. Dizem o que existe; fazem um inventário” (SONTAG, 2008, p. 60).

Outro propósito para a escolha do tema foi que o acontecido em Mariana, em Minas Gerais, foi considerado a maior tragédia ambiental nacional. Mídias, tanto nacionais quanto internacionais, veicularam sobre o rompimento das barragens e seus desdobramentos. Estudar e analisar a organização causadora deste desastre a fim de compreender a dimensão do crime ambiental em profundidade, os quais geram impacto até na legislação reforçando a lei que trata de desastres em grandes proporções, já se justificam por si só, tendo em vista os impactos sociais,

ambientais e econômicos. Argumenta-se que estas análises podem contribuir para que o administrador, enquanto profissional atuante nas organizações possa desenvolver uma capacidade reflexiva acerca das relações estabelecidas no campo de conhecimento proposto.

O estudo pode contribuir para a sociedade, em virtude de esta ser diretamente ou indiretamente influenciada pelas organizações. No aspecto prático, verifica-se a existência de um padrão das organizações ao considerarem fortemente aspectos internos e darem menor importância a aspectos externos que geram impactos positivos ou negativos na sociedade. Dessa forma, esta pesquisa contribui para entender o posicionamento, disposição e o arranjo das organizações em lidar com essas questões complexas.

As análises e discussões tendem a beneficiar também as organizações, uma vez que esta pesquisa aborda essencialmente aspectos, relações e reflexões sobre elas, por pautar-se em pesquisas da área de estudos organizacionais. Em aspecto prático, cabe ressaltar a contribuição na relação com a sustentabilidade, uma vez que existem práticas e mudanças organizacionais voltadas a atender as demandas exigidas nessa grande temática, em face aos problemas que a circunscrevem. Apresentadas as justificativas e prováveis contribuições desta pesquisa, o próximo capítulo desencadeia a discussão teórica sobre os três temas dessa pesquisa: a sociologia bourdieusiana, a fotografia e a sustentabilidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

“[s]e o leitor compreender o meu trabalho, poderá deduzir muitas das minhas propriedades do conhecimento desta posição e daquilo que escrevo sobre elas” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 175).

Com o intuito de utilizar a sociologia bourdieusiana como lente interpretativa nesta pesquisa, faz-se necessário apresentar seu percurso intelectual e projeto sociológico de análise da sociedade, seus desdobramentos onto-epistemológicos e os principais conceitos que fundamentam e embasam sua sociologia para a compreensão da realidade. Neste capítulo, portanto, discorreu-se brevemente sobre sua história de vida, trajetória acadêmica, inspirações e, por fim a relação entre os conceitos presentes no campo, a partir de suas respectivas configurações, com destaque para conceitos essenciais que o integram e influenciam diretamente em seu funcionamento: interesse, ação e prática. Logo após, foi construído um capítulo sobre a fotografia, seguido da temática de sustentabilidade e o argumento de pesquisa.

### 2.1 A SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

Pierre Félix Bourdieu nasceu em um vilarejo rural em Béarn, região no sudoeste da França, em agosto de 1930. De origem campesina, seu pai era funcionário dos correios e sua mãe, filha de médios proprietários de terras. Independentemente de família de classe média e dos poucos recursos econômicos, Bourdieu estudou na *Louis-le-Grand*, uma das escolas mais renomadas de Paris, em seguida formou-se em filosofia pela *École Normale Supérieure* também em Paris. Sua trajetória intelectual pode ser compreendida pela migração da filosofia para a ciência social, demonstrando seu interesse pela sociologia a partir da experiência adquirida nas vivências dolorosas pela guerra travada pelo nacionalismo argelino. Bourdieu perscrutou na construção de uma nova via para a ciência social, em que seu interesse sociológico está pautado no indivíduo e sociedade e nas relações existentes entre eles (WACQUANT, 2002).

A partir deste novo prisma da ciência social, Bourdieu lançou as bases de um projeto intelectual voltado a elucidar as relações de dominação que estruturam e orientam comportamentos e práticas dos agentes a partir de uma sociologia

reflexiva. Esta última, nas palavras do sociólogo, visa “compreender completamente o comportamento de um indivíduo agindo em um espaço é equivalente a entender a necessidade por trás do que ele faz, tornando necessário o que, à primeira vista, possa parecer contingente” (BOURDIEU, 2005, p. 280). Portanto, é possível perceber a importância das relações estabelecidas entre os indivíduos e entre indivíduos e estruturas na sociedade. Bourdieu e Wacquant (1992, p. 77) argumentam que “as ‘teorias’ são programas de pesquisa que chamam não de ‘debate teórico’, mas de uma utilização prática que os refuta ou generaliza ou, melhor, especifica e diferencia sua reivindicação de generalidade”. A sociologia bourdieusiana empenha-se em revelar sob quais conjunturas os dispositivos e instrumentos, mentais e práticos, desvelam a submissão dos dominados e dizem a subversão e as indagações da configuração e funcionamento do campo em foco.

O conceito de sociedade para Bourdieu aplica-se ao que se denomina espaço social. Conhecido como um macrocosmo, este espaço social é composto pelo texto, aquilo que é objetivo, e pelo contexto, aquilo que é subjetivo. Entre texto, onde está instaurada a objetividade, e o contexto, fundamentado pela subjetividade, se estabelece uma relação de dependência, uma relação dialética, que favorece o surgimento do que Bourdieu chama de universo intermediário. Todo seu interesse sociológico é permeado pela relação dialética que existe entre aquilo que é subjetivo e aquilo que é objetivo, entre contexto e texto, relação esta que é representada pelo microcosmo. Recorrendo a este interesse de estudo, o filósofo e sociólogo não trabalha com a análise do todo, para isso procurou desenvolver recortes de alguns pontos da sociedade, caracterizando sua análise em uma microsociologia (BOURDIEU, 2004; 1989, WACQUANT, 2002).

Ainda que em sua construção de teorias sociológicas muitos autores serviram como fonte de inspiração, Bourdieu menciona sempre três principais nomes: Weber, Marx e Durkheim. A partir da sociologia weberiana, Bourdieu toma para a construção de sua sociologia alguns conceitos como essenciais, dentre eles, a história objetiva, construída a partir da história e das relações. Além disso, apropria-se também da fenomenologia, para compreender a construção histórica do fenômeno. A influência do marxismo permeia a sociologia bourdieusiana a partir da ideia de análise histórica, do materialismo histórico, onde a vida em sociedade é determinada pela forma de produção material e na dialética, pela relação que se estabelece entre ambiente e os fenômenos na sociedade. Por fim, Durkheim contribui nesta construção

pela ideia de que há a necessidade de funcionalizar a sociedade e que isso pode ser feito pelo empirismo (HAGUETTE, 2013).

A perspectiva de compreensão da realidade de Bourdieu se baseia na relação dialética entre a agência e estrutura, podendo ser definida ora como estruturalista-constitutivista e ora constitutivista-estruturalista. O filósofo e sociólogo parte de um estruturalismo dinâmico, uma vez que sua teoria estuda as relações entre os agentes e as estruturas. Em termos gerais, “a sociologia e a história, oscila entre dois pontos de vista aparentemente incompatíveis, entre duas perspectivas aparentemente inconciliáveis: o objetivismo e o subjetivismo” (BOURDIEU, 2004, p. 150). O trabalho histórico permite a compreensão da gênese das estruturas tal como estas podem ser observadas. Entende-se por estruturalismo, as estruturas objetivas presentes no mundo, que existem independentes da vontade dos indivíduos, as quais orientam seus comportamentos e ações (BOURDIEU, 1989, 2004). Por constitutivismo, concebe-se “uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos” (BOURDIEU, 2004, p. 149). Nas palavras do sociólogo,

[...] por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc., estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por constitutivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais (BOURDIEU, 2004, p. 149).

Na tentativa de acessar aspectos ocultos da realidade, Bourdieu utiliza-se da história para contestar a própria história. Sua ontologia pode ser classificada historicista, na qual entende-se que a história se constrói como um elemento de grande valia para compreensão da realidade, sendo ela “um dos meios mais eficazes para pôr a realidade à distância e para produzir um efeito de idealização e espiritualização e, deste modo, paradoxalmente, de eternização” (BOURDIEU, 1989, p. 268). Bourdieu parte de uma visão dupla da história, sendo uma a história reificada e, a outra, a história incorporada. A história reificada, pode ser compreendida pela sucessão de fatos contados ao longo do tempo e a história incorporada, advém das experiências e vivências que se incorporam ao ser. “É descobrindo sua própria

historicidade que a razão obtém os meios para escapar à história” (BOURDIEU, 2004, p. 38).

Em suma, a história “no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, [...] e a história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus*” (BOURDIEU, 1989, p. 82). A partir de tais características epistemológicas e de sua área de interesse de análise e pesquisa, Bourdieu escreveu diversas obras que apresentam e ressaltam sua contribuição sociológica em sua trajetória acadêmica. Dentre seus diversos livros, alguns se destacam: Um convite a Sociologia Reflexiva (2005), A Reprodução (1970), O Senso Prático (2009), Coisas Ditas (2004), e O Poder Simbólico (1989).

As relações estabelecidas entre a sociologia bourdieusiana e os estudos organizacionais têm sido objeto de estudo para diversos pensadores que se dedicam à pesquisa sobre gestão. A importância de reflexões sobre essa temática é incontestável para as organizações contemporâneas, uma vez que estudos acerca das teorias de Bourdieu são considerados fundamentais para a compreensão das relações estabelecidas no campo organizacional. Diversos são os estudos que se utilizam da sociologia bourdieusiana como aparato teórico para compreender a dinâmica das organizações: Emirbayer e Johnson (2008); Swartz (2008); Fligstein, (2008); Vaughan (2008); Fligstein e McAdam (2011); Bjerregaard e Klitmøller (2016).

Emirbayer e Johnson (2008) argumentam que o campo organizacional é uma estrutura de posições em que os atores lutam pela conservação do capital. Essas lutas entre os agentes no campo, influenciam na tomada de decisão organizacional, devido ao volume e a estrutura do capital detidos por cada ator dentro do campo. Para os autores, o volume de capital, as lutas em campos anteriores, e a trajetória no campo analisado são aspectos que impactam nas relações atuais do campo, bem como nas tomadas de decisão. Em complemento, nas palavras de Swartz (2008, p. 28) essa relação é explicada da seguinte forma, “as espécies de capital e os *habitus* importados por cada membro em sua organização foram constituídos em grande [...] parte por suas experiências, tanto passadas como presentes, em outros campos”.

A organização como campo organizacional, permite a interação entre diversas espécies de capital, que leva ao surgimento em qualquer campo organizacional de um capital específico, este que permite ao dominante dentro do campo exercer poder sobre todo o microespaço social. Os próprios agentes no campo desenvolvem algo parecido como campo interno de poder, isso pode ser conhecido

como o espaço de luta pelo poder organizacional. O campo das organizações consiste não apenas em uma organização, mas em todas as organizações que desempenham alguma atividade (EMIRBAYER; JOHNSON, 2008).

Em seu estudo, Vaughan (2008) argumenta que para entender a análise de organização como campo, deve-se levar em conta que a posse de capital é um recurso que pode ser utilizado como arma e participações em lutas dentro e entre campos, ele pode variar de acordo com o momento, dependendo da situação e do campo. Salienta ainda que o campo organizacional é composto pelos membros da organização, e seus respectivos *habitus*, moldando em sua trajetória pessoal e profissional, bem como é composto também pela própria cultura específica que permeia a organização.

Fligstein e McAdam (2011) utilizando a sociologia bourdieusiana como apoio teórico, caracterizam a organização como campo de ação estratégica e como um sistema social, onde os autores interagem com o conhecimento entre si pelo compartilhamento de entendimentos comuns sobre os propósitos, relações e regras do campo. Os autores citam quatro aspectos subjacentes aos campos de ação estratégica: (1) o que está em jogo no campo; (2) os atores que ocupam determinada posição no campo; (3) táticas/regras para cada um dos papéis no campo; e (4) os agentes visam entender as atitudes dos outros agentes no campo. Para eles, a ordem de um campo de ação estratégica está em disputa, permitindo a possibilidade de uma nova configuração, reformulando regras e redefinindo as posições dos agentes. Em estudo sobre teoria da prática para o estudo da partilha de práticas conflitantes em corporações multinacionais Bjerregaard e Klitmøller (2016) definem três pilares sobre como as práticas organizacionais são moldadas: (1) contínuas tomadas de posição dos atores dentro da firma e em campos sociais contextuais sendo informada pelo (2) *habitus* em lutas sobre (3) diferentes formas de capital.

Estabelecendo uma relação entre a sociologia bourdieusiana e a ideia de neoinstitucionalismo, entende-se que este processo ocorre a partir do momento em que todos os atores, sejam eles indivíduos, organizações ou grupos, aceitam a percepção de instituir associada à ideia de que os agentes possuem significados compartilhados. As instituições, regras e significados compartilhados que definem as relações sociais, a posição dos atores e dando a eles capacidade de interpretar o comportamento dos outros, são criadas a partir do momento em que os grupos de atores sociais se confrontam com algum tipo de relações divergentes são socialmente

construídas (FLIGSTEIN, 2008). A partir da relação entre a teoria do sociólogo e os estudos organizacionais, depreende-se que a sociologia de Bourdieu é essencialmente empírica, de base indutiva. O sociólogo classifica o empírico como a realidade, e esta está presente no campo que as relações acontecem.

Isto posto, a sociologia bourdieusiana pode ser classificada a partir de quatro grandes pilares: reflexivo, relacional, pragmático e praxiológico. O plano reflexivo da sociologia envolve a busca por superar o dualismo entre o objetivismo e subjetivismo, na “tentativa de combinar pesquisa empírica com reflexividade política e filosófica” (BIGO, 2011, p. 233). A preocupação de Bourdieu está reflexividade de sua teoria social. O autor inova na concepção do conhecimento promovendo uma relação entre o autor e o objeto de pesquisa, o que se denominou como reflexividade epistêmica. Em suma, a relação epistêmica propende que os autores devem se posicionar de forma explícita em relação aos seus objetos (MATON, 2003).

O pilar relacional está alinhado com a importância do sociólogo em não estudar os objetos separadamente e na ideia de que os agentes são moldados a partir das relações que estabelecem e os unem. “Uma abordagem relacional começará com o momento de ação e considerará os agentes somente quando eles agem em relação entre si” (BIGO, 2011, p. 237). Cabe a este pilar a concepção de que os conceitos elaborados pelo sociólogo não foram assim pensados de forma individual e com propriedades descritivas, o enfoque está voltado na maneira como estes são produzidos e se relacionam. A relação das partes com todo presume a concepção histórica do campo em análise.

O pragmático da sociologia bourdieusiana está na análise das ações concretas. Para Bourdieu os agentes têm uma noção melhor do jogo em comparação ao pesquisador que o observa. Contudo, a dificuldade dos agentes está no conhecimento das próprias regras do jogo, uma vez que estes têm uma visão parcial de acordo com a posição que ocupam no campo e suas ações estão em conformidade de onde se localizam relacionalmente. O papel do pesquisador que analisa o campo está em ser objetivo, pragmático, uma vez que não está imerso totalmente no jogo, mas busca por meio da análise de ações concretas compreender seu funcionamento (BIGO, 2011).

O pilar praxiológico da sociologia bourdieusiana expressa-se pela prática, ou seja, aquilo que promove a união entre o campo e o *habitus*, o que une o texto e o contexto. O meio pelo qual se manifesta os agentes e as estruturas. Este

pilar se manifesta na forma que Bourdieu constrói sua teoria e como acessa o conhecimento, isto é, na valorização da empiria quando ele analisa as práticas das relações, a própria relação autor-objeto (MÜLLER, 2006). Destarte, estes quatro pilares que caracterizam a sociologia bourdieusiana corroboram para a compreensão de como enxergar e analisar a realidade, construindo uma teoria social voltada ao processo de elucidar as relações estabelecidas entre os agentes no campo.

Na construção de sua teoria da sociedade, apreende-se que Bourdieu valoriza a reflexividade da realidade, sendo esta última classificada como construção social. O mundo social é construído a partir de uma relação dialética, dialógica e reflexiva entre agência e estrutura. A sociologia bourdieusiana não busca estabelecer generalizações e se fazer prescritiva, visa desenvolver estudos e análises em profundidade a fim de compreender a dinâmica das relações estabelecidas entre os agentes. Ela se pauta na superação da dicotomia entre o objetivismo e o subjetivismo, com enfoque nas relações de um recorte da sociedade: o campo. O princípio de movimento do campo se baseia numa luta incessante entre agentes que desejam alterar ou até mesmo melhorar suas posições no campo, realizando a movimentação de capitais (BOURDIEU, 1989, 2004).

### 2.1.1 Campo: Unidade de Análise, Configuração e a Dinâmica Relacional de Conceitos

O campo como objeto de análise de Bourdieu, é fundamentado por relações objetivas representando o aspecto estrutural, o espaço em que os indivíduos assumem determinadas posições hierárquicas. “O que acontece no campo está cada vez mais ligado a história específica do campo, e é só a ela, e é, pois, cada vez mais difícil de deduzir a partir do estado do mundo social no momento considerado” (BOURDIEU, 2004, p. 298). A história que se resvala no campo se respalda na existência do duelo entre dominantes e dominados. A gerência de conflitos dessas duas perspectivas é permeada pela relação dialética, daqueles que atuam na imposição de costumes, valores, comportamentos no campo, os dominantes, e os dominados, que intentam pela ruptura ou busca da ascensão, do protagonismo dominante no campo.

Por conta do embate entre essas duas posições conflitantes, o campo sofre processos de autonomização e diferenciação. A autonomização por parte dos

dominantes que desejam manter as regularidades no campo, ou seja, que perdura como já está. A diferenciação parte dos dominados pelo desejo de ruptura e desvinculação das práticas dos dominantes, ou seja, busca-se a subversão da ordem e das imposições, reconfigurando o campo a partir de uma nova perspectiva, com a ambição de mudar sua posição social, tornando-se dominantes (BOURDIEU, 1989).

Todo campo é um campo de poder, um campo social, um campo de forças e um campo de lutas. O campo se torna um campo de poder quando a presença de um tema polêmico. Campo social por ser composto por atores e as relações sociais estabelecidas entre estes e também na relação entre agência e estrutura. Campo de forças, por ser espaço de disputas entre agentes onde se divide em diferentes posicionamentos, dominantes e dominados, “como um campo de forças possíveis, se apresenta a cada agente como um espaço de possibilidades” (BOURDIEU, 1993b, p. 64). Campo de lutas, quando estas forças entram em embates ideológicos, conflitos de interesses e negociações, estratégias num plano de jogo. Bourdieu (1989, 2004) faz uma alusão ao colocar o campo como um jogo, onde jogadores (agentes) são detentores de quantidades influentes, ou de capital, que os permitem alcançar seus interesses no campo e, conseqüentemente garantir sua posição de dominação e o anseio em querer fazer parte do campo. Nesse sentido, faz-se necessário

Em primeiro lugar, a noção de interesse. Recorri a essa palavra de preferência a outras mais ou menos equivalentes, como "investimento", "illusio", para assinalar a ruptura com a tradição ingenuamente idealista que estava presente na ciência social e em seu léxico mais comum (motivações, aspirações, etc.), [...]. Longe de ser uma espécie de dado antropológico, natural, o interesse, em sua especificação histórica, é uma instituição arbitrária. Não existe um interesse, mas interesses, variáveis segundo o tempo e o lugar, quase ao infinito. Em minha linguagem, eu diria que há tantos interesses quantos campos, enquanto espaços de jogo historicamente constituídos, com suas instituições específicas e suas leis próprias de funcionamento (BOURDIEU, 2004, p. 127).

Como sociólogo que busca desvendar aquilo que está oculto e presente no campo, Bourdieu (2008, p. 133) parte de uma outra significação de interesse, pela ideia de que os discursos são envoltos de interesses, dessa forma os agentes utilizam estratégias e movimentação de capitais a fim de mobilizar os dominados para estes aderirem e compactuarem com os ideais propostos “para a imposição da visão legítima, [...] os agentes detêm um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo”. Contudo, os interesses não estão/são nítidos no discurso daqueles que desejam inculcar e ditar certos comportamentos e ações a fim de legitimar suas posições no campo

(BOURDIEU, 2004, 2008). “O interesse assim definido é construção histórica [...] Todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é a condição de seu funcionamento” (BOURDIEU, 2004, p. 128).

O campo é compreendido como o recorte em que se configuram relações de poder, onde os agentes travam lutas por meio da manutenção de estratégias em prol de interesses, a fim de manter ou melhorar sua posição social no campo (BOURDIEU, 2004). Bourdieu (1996) indaga que o agente ao possuir interesse no jogo deve conhecer todas as estruturas que regem este jogo. O interesse “é estar em participar, admitir, portanto que o jogo merece ser jogado [...] é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos” (BOURDIEU, 1996, p. 139). O interesse está diretamente ligado com a estratégia, sendo que esta consolida a posição dominante sobre dominado, se fazendo presente nas relações de campo e *habitus*,

Os que participam da luta contribuem para a reprodução do jogo contribuindo [...] para produzir a crença no valor do que está sendo disputado. Os recém-chegados devem pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo [...] e no conhecimento (prática) dos princípios de funcionamento do jogo. Eles são levados a estratégias de subversão que, no entanto, sob pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites. E de fato, as revoluções parciais que ocorrem continuamente nos campos não colocam em questão os próprios fundamentos do jogo (BOURDIEU, 1983, p. 91).

As relações são pautadas em interesses, na medida “em que estimula as pessoas, o que as faz concorrer, rivalizar, lutar, e produto do funcionamento do campo” (BOURDIEU, 2004, p. 127). Sejam estes interesses pautados em aspectos materiais, como por exemplo o dinheiro, propriedades e bens ou até mesmo aspectos mais simbólicos, como o poder, o reconhecimento, sentimentos etc., o contexto e a posição social exercem influência no discurso dos indivíduos refletindo seus interesses. Todavia, muitos dos interesses sequer são revelados ou até mesmo percebidos pela fala por ambas as partes que se relacionam, tendo em vista a ambição e a necessidade de “mascarar” a verdade por trás das relações (BOURDIEU, 2004; 2008).

O interesse é a condição de entrada no campo, o que move as relações do campo, é o “investimento em um jogo, qualquer que seja ele, que é a condição de entrada nesse jogo e que é ao mesmo tempo criado e reforçado pelo jogo” (BOURDIEU, 2004, p. 65). Assim “o que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o

produz como importante e interessante aos olhos dos outros” (BOURDIEU, 2003b, p. 115). Logo,

[...] a existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissoluvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele (eles próprios produzidos enquanto tal pelas relações de força e de luta para transformar as relações de força constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho, etc. (BOURDIEU, 2004, p. 127).

O campo onde as relações acontecem é envolto por uma *doxa*, significados compartilhados em os agentes no campo, sendo que o funcionamento do campo “é a condição do aparecimento de uma luta entre a ortodoxia e a heterodoxia as quais têm em comum o distinguir-se da *doxa*, quer dizer, do indiscutido” (BOURDIEU, 2009, p. 13). A *doxa* é construída a partir dos interesses pode ser manifestada de três maneiras no campo: ortodoxia, alodoxia e heterodoxia. A ortodoxia é uma representação da linguagem objetiva dominante no campo, é a verdade inquestionável daqueles que dominam o campo. Os contrários a essa *doxa* dominante no campo, aqueles que são representantes de uma heterodoxia e por fim, a alodoxia refere-se a uma confusão sobre os significados da *doxa*. A ortodoxia corresponde aos dominantes e a heterodoxia e alodoxia corresponde os dominados no campo.

Em suma, para existência de determinado campo, faz-se necessária à presença de “objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas” (BOURDIEU, 1983, p. 89). O campo como espaço hierarquizado, é um ambiente de disputas entre dominantes e dominados que buscam manter ou melhorar sua posição social. Nessa busca dos agentes para serem reconhecidos como membros do campo, têm-se a movimentação de capitais, os objetos de interesse que presentes no campo (BOURDIEU, 1989, 2004).

Os objetos de disputa no campo são regidos por interesses específicos dos agentes. A noção de interesse para Bourdieu se associa diretamente com o que o sociológico denominou de *illusio*, o interesse em fazer parte do jogo no campo. “O jogo cria a *illusio*, [...] em especial, por meio sobretudo da concorrência que opõe todos os agentes investidos no jogo, ele reproduz incessantemente o interesse pelo jogo, a crença no valor daquilo que está em jogo” (BOURDIEU, 1989, p. 286).

Este vem do campo, o que auferir sentido a como o agente vê a ação. O interesse, portanto, seria um investimento ao jogo. Quando Bourdieu refere-se a interesse, este é visto como “socialmente constituído e que só existe em relação a determinado espaço social, no qual certas coisas são importantes e outras não” (BOURDIEU, 1988, p. 14).

As relações objetivas, mediadas por interesses, “são as relações entre as posições ocupadas nas distribuições dos recursos que são ou podem se tornar operantes, eficientes, a exemplo dos trunfos em um jogo, na concorrência pela apropriação dos bens raros que têm lugar nesse universo social” (BOURDIEU, 2009, p. 154). Esses recursos são definidos como capitais. As relações estabelecidas entre os agentes no campo implicam em trocas, formas de interação. Os capitais são objetos de troca que perpassam as relações entre os agentes, logo investir e atuar nas disputas no campo é a base da dinâmica de funcionamento do campo. “Os tipos diferentes de capital são tipos de poder que são ativos em um ou outro campo (de forças e lutas), gerados no processo de diferenciação e autonomização” (BOURDIEU, 1996, p. 265).

Em seus estudos, o sociólogo encontrou três tipos que apareciam com frequência nos mais diversos campos, sendo: capital social, capital cultural e capital econômico. Estes se diferenciam em termos de volume, espécie e quantidade e dão notoriedade ao agente, determinando com base nestes aspectos quem é dominante e quem é dominado no campo culminando em disputas travadas entre os agentes (BOURDIEU, 2004, 2009). Os capitais que mantêm a sobrevivência do campo não se restringem apenas a aspectos econômicos, mas também sociais, culturais, simbólicos, entre muitos outros investigados pelo filósofo e sociólogo. Para ingresso no campo, os agentes necessitam de um montante de capital, por conseguinte, utilizam-se de estratégias que lhes permitem permanecer ou alcançar posições melhores, por meio da luta travada contra os interesses de subversão da ordem dominante no campo. As diferentes espécies de capital podem ser convertidas em outros tipos de capital. Isso ocorre devido as fortes relações presentes no âmbito das dinâmicas sociais no campo, onde um capital pode se sobressair a outro e ser legitimado como o novo capital do campo, onde sua força é maior perante os demais (BOURDIEU, 2004, 2009, 2011).

Dentre os três capitais percebidos em todos os campos, o capital econômico é aquele que se apresenta como uma extensão do patrimônio. Ele é

avaliado em unidades monetárias ou até mesmo em bens físicos, como equipamentos, terrenos, posses etc. De acordo com Bourdieu (1989) as classes dominantes, nas quais o poder se sustenta pela detenção do capital econômico, visam legitimar e manter sua dominação, já a classe dominada tende sempre posicionar o capital específico a qual deve sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. O capital econômico está presente nos diversos campos, ele é a base da constituição de outras formas de capital. É esta forma de capital que sustenta as relações econômicas entre os indivíduos, nas quais a posse de um agente com alto volume de capital econômico, expressa a realidade de dominação, que por consequente expõe a hierarquização presente no campo. Bourdieu aponta que (2004, p. 133), “o capital econômico é a espécie dominante, em relação ao capital simbólico, ao capital social e mesmo ao capital cultural”.

A sociologia bourdieusiana parte do pressuposto que o mundo é multidimensional, portanto, o capital econômico não é o único capital que se impõe como meio de nominar a dominação no campo. O manejo e desfrute de bens culturais os agentes os diferenciam em posições relativas no campo. A partir da análise do universo escolar, Bourdieu fez com que o conceito de capital cultural se irradiasse sobre diferentes esferas sociais, onde se supõe que a bagagem cultural de um indivíduo exerce efeitos sobre a posição do mesmo numa hierarquia social. Segundo Bourdieu e Passeron (1992) o capital cultural compreende a bagagem cultural transmitida pelas diferentes ações pedagógicas, que permeiam entre o arbitrário cultural imposto pela ação pedagógica dominante e o proposto pela ação pedagógica familiar.

O capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo. Uma das características consideradas típicas do grupo dominante é conseguir se legitimar e legitimar sua cultura como a melhor [...] a que tem valor simbólico. Também a classe dominante teria o poder de delimitar as informações que serão ou não incluídas no conjunto das informações legítimas (BOURDIEU, 2007, p. 169).

O conjunto de bens que se compreende o capital cultural pode existir sobre três modalidades: no estado incorporado, estado objetivado e o estado institucionalizado. O estado incorporado refere-se à bagagem cultural obtida através disposições da mente e do corpo, o que tornam sua bagagem cultural, como por exemplo: hábitos linguísticos, posturas corporais etc. Um ponto importante destacando o capital cultural em seu estado incorporado, é que ele pode ser

comparado com *habitus* primário, ou seja, aos padrões, comportamentos incorporados através da interação com as estruturas primárias, como por exemplo, a família, a igreja, escola, o estado etc. Já o estado objetivado, circunda sob a posse de bens culturais que remetem a cultura dominante, como imagens, livros, artigos, obras de arte etc.; por fim, estado institucionalizado, de forma legitimada, se dá pelo reconhecimento de conhecimento cultural adquirido, por meio de diplomas, certificados, títulos (BOURDIEU, 2004).

O entendimento sobre capital social deve ser compreendido por meio da análise dos agentes e a posição que ocupam em determinado campo. Isto se dá como uma forma de observar os impactos sociais presentes nas relações estabelecidas entre os agentes. Desta maneira, Bourdieu e Passeron (1992, p. 2) definem o capital social como

[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que são colocados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas pelo convívio e pelo reconhecimento; ou, em outras palavras, ao pertencimento de um grupo, como um conjunto de agentes que não são apenas dotados de propriedades comuns (suscetíveis de serem percebidas pelo observador, por outros e por eles mesmos), mas são também unidos por laços permanentes e úteis.

O capital social é o conjunto de recursos que tem ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento. As relações estabelecidas entre os indivíduos num grupo não se concebem apenas do compartilhamento de relações objetivas ou de proximidade no mesmo âmbito econômico e social, elas também se estabelecem nas trocas materiais e simbólicas, cuja durabilidade supõe o reconhecimento de proximidade entre os agentes (BOURDIEU, 1980).

A noção de capital simbólico apresenta-se como uma forma de entender o capital que apresenta maior relevância no campo. A partir dessa concepção a ideia de capital simbólico, pode ser entendida como o capital que dá nome ao campo, objeto de interesse no campo que por ser considerado simbólico que não é possível de objetivação pela subjetividade do indivíduo. O capital simbólico corresponde ao fato de ser reconhecido e valorizado, ou seja, ele se apoia na crença e seu reconhecimento. De acordo com Bourdieu (1989) diferente das outras formas de capital, o capital simbólico não tem sua perceptividade imediata, assim como seus efeitos de sua duração. Portanto, ele permite que um indivíduo usufrua de uma posição de notoriedade frente a um campo, e tal destaque é corroborado pelas

estratégias que reafirmam a posse deste capital. Esse tipo de capital permite um reconhecimento imediato da dominação do agente o possui sobre os demais agentes. A partir do capital simbólico, o detentor deste poder simbólico, pode exercer violência simbólica sobre os indivíduos para impor sua legitimidade e preservar, ou até mesmo melhorar, sua oposição no campo. Segundo Bourdieu (2004, p. 163),

[...] o capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente.

O capital simbólico apresenta diferentes propriedades dos outros tipos de capital, mas está sempre associado a eles. A busca pelo capital simbólico é a busca pelo poder. O capital de maior relevância para o campo torna-se o capital simbólico deste campo. Portanto, o capital simbólico que em determinado momento pode ser convertido em capital cultural ou econômico, ou até mesmo em outros tipos de capital, na medida em que os acessos a estas modalidades de capital são viabilizados, ou seja, em que esses capitais são reconhecidos, não obstante legitimam o efeito de dominação exercido pelo agente detentor deste capital. O capital simbólico assegura formas de dominação “ele existe apenas na e pela estima, pelo reconhecimento, pela crença, pelo crédito, pela confiança dos outros, logrando perpetuar-se apenas na medida em que consegue obter a crença em sua existência” (BOURDIEU, 2001, p. 202).

Bourdieu (1983) explica para que haja o funcionamento do campo, faz-se necessário a presença de objetos de interesse e agentes para disputar o jogo. Os agentes são providos de *habitus* o que implica no reconhecimento das leis, regras específicas e objetos de interesse que regem e regulam a disputa pela dominação do campo. O *habitus* se apresenta como outro conceito importante para a compreensão da análise sociológica de Bourdieu. Sendo reconhecido como um conceito amplo e complexo, o *habitus* apesar de comum na maioria de suas obras não é um termo exclusivamente bourdieusiano, o conceito já havia sido utilizado anteriormente por Aristóteles, Durkheim, entre outros estudiosos. Contudo, é Bourdieu, quem amplia e renova a noção de *habitus*.

O conceito de *habitus* foi concebido na sociologia bourdieusiana a partir da ideia de que existem outros princípios, além das normas e regras objetivas, que corroboram com as práticas dos agentes (BOURDIEU, 2004). O *habitus* imputa na subjetividade presente no campo, onde “a própria interação que deve sua forma às estruturas objetivas que produziram as disposições dos agentes em interação e que ainda lhe designam por meio delas suas posições relativas” (BOURDIEU, 2009, p. 92). Assim sendo, o *habitus* rompe com o aspecto estrutural do campo, por representar a parcela de subjetividade que coexiste com a parcela de objetividade neste. Como representação das relações do campo, o *habitus* não é objetivo, ele poder ser apreendido como estrutura incorporada, o conjunto daquilo que o agente tem dentro de si, questionamentos, reações, motivações. Em uma definição mais ampla, ele explana o *habitus* como

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente "reguladas" e "regulares" sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (BOURDIEU, 2009, p. 87).

Cabe ressaltar a diferença entre representações mentais e representações objetivas. As mentais são “actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos” (BOURDIEU, 1989, p. 112). Já as representações objetivas tratam-se de “estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus 24 portadores” (BOURDIEU, 1989, p. 112). Portanto, entende-se que as representações objetivas estabelecem mecanismos voltados a interferir na competição por recursos e esforço a fim de alcançar uma nova posição social influenciado pelo anseio em agir socialmente incorporado. Trata-se de uma representação mental e representação objetiva. Comportamento psicológico é “o comportamento de percepção e apreciação, conhecimento e aprovação, no qual os agentes investem seus interesses e pressupostos” (BOURDIEU, 1989). Por outro lado, representações objetivas são "estratégias de manipulação de símbolos interessados que visam determinar as representações psicológicas que outras pessoas podem ter desses atributos e de seus 24 portadores" (BOURDIEU, 1989, p.

112). Portanto, é compreensível que a representação objetiva estabeleça um mecanismo destinado a intervir nos recursos e lutar para competir a fim de alcançar um novo status social afetado pelo desejo de comportamento de integração social.

Posto isso, o *habitus* pode ser entendido como disposição estruturada e estruturante. Estruturada, por ser construído socialmente através de disposições estruturadas no aspecto social, e estruturante, por meio de disposições constituídas na mente do indivíduo, resultante das experiências obtidas nos processos de socialização vivenciados pelos agentes. Ele se constrói na prática, por isso é praxeológico, é realista por estar na realidade e interacionista por findar-se nas relações. Portanto, está no cotidiano dos agentes, sendo própria construção social da realidade, ele engloba características duráveis, mas que podem ser mudadas por meio uma construção social que autoriza a circulação do agente por campos diversos, obedecendo as regras e características de cada um a fim de entrar no jogo (BOURDIEU, 1989, 2004).

Cada indivíduo possui um processo singular de socialização, os diferenciando conforme suas experiências ao longo da vida e nos diversos campos que fazem parte. Dessa forma, “cada *habitus* conecta um indivíduo com outros agentes e representa a transposição das estruturas objetivas de poder a pessoa tem nos múltiplos campos em que vive” (BOURDIEU, 2004, p. 241). As condutas dos agentes motivadas pelo *habitus* não são precisas como princípios objetivos, ele obedece a uma lógica fluida demonstrada por meios de suas ações, sendo que muitas das vezes podem se fazer previsíveis,

[...] construir a noção de *habitus* como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos (BOURDIEU, 2004, p. 26).

O *habitus* como incorporações adquiridas, reflete nas ações do agente marcas de sua localização no campo, isto é, são impulsionadas e os representa conforme sua posição social (BOURDIEU, 2011). Logo, “as condutas podem ser orientadas em relação a determinados fins sem ser conscientemente dirigidas a esses fins, dirigidas por esses fins” (BOURDIEU, 2004, p. 23). Dessa forma, a ordem social se concretiza quando “os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas

estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente” (BOURDIEU, 1989, p. 163).

A relação entre a tríade conceitual na sociologia bourdieusiana, campo, *habitus* e capital, se estabelece por meio da ação. A filosofia da ação em Bourdieu advém de um rompimento com o objetivismo, trata-se de uma reprodução da estrutura, em que a sociedade se sobrepõe ao indivíduo e, também com o subjetivismo, com a premissa de que a ação constrói a realidade social, onde o indivíduo se sobressai a sociedade. O filósofo e sociólogo busca uma relação dialética entre essas duas visões, considerando a capacidade de ação inovadora e estratégica do agente e que este sofre, pois, o processo de socialização é tido como violento e advém de pressão estrutural (BOURDIEU, 1996).

A filosofia da ação em Bourdieu se fundamenta em dois aspectos: relacional e disposicional. O aspecto relacional se associa da ideia de que uma ação só tem sentido e valor por meio das relações. Não há uma verdade, tudo está em relação a algo, coloca em xeque um único posicionamento/ponto de vista, uma vez que, a realidade pode ser acessada por múltiplas lentes. Por ventura, o aspecto disposicional, parte de que ação depende das disposições incorporadas e objetivas e também da posição social do agente. As escolhas dos agentes são influenciadas pelas incorporações obtidas ao longo suas histórias e vivências, que também dependem das pressões estruturais (BOURDIEU, 1996, 1989, 2004).

A ação em si não depende somente das relações estabelecidas entre os agentes, mas também das disposições incorporadas pelos indivíduos que estão situados em determinada posição social no campo. Sendo assim, a trajetória do agente acarreta todas as incorporações obtidas das diversas experiências que acabam por estruturar sua subjetividade, constituindo um conjunto de percepções que orienta suas ações. Em termos gerais, “a ação é uma espécie de luta entre a história objetivada e a história incorporada, luta essa que dura por vezes uma vida inteira para modificar o posto ou modificar-se a si mesmo” (BOURDIEU, 1989, p. 103). A ação só se exerce por intermédio dos agentes. O que configura uma relação é a ação, o que estabelece uma relação é a prática e o que cria uma relação é o interesse. A ação trata-se de uma iniciativa elementar, um meio pelo qual a prática se manifesta. Ação e prática na sociologia bourdieusiana são conceitos intimamente ligados. A prática para ser prática necessita empregar uma ação. Toda a ação pode se pretender prática

desde que esta tenha relação direta ou indireta com aquilo que está em debate (BOURDIEU, 2011).

Para Bourdieu a prática está entre o conceitual e o sociológico. É por meio da prática que as relações acontecem, ela é o elo dos conceitos para construção de uma análise sociológica. O propósito da teoria da prática é uma crítica dupla em relação ao objetivismo e o subjetivismo, Bourdieu não privilegia nenhum dos lados, para ele somente o subjetivismo, é muito imprevisível e o objetivismo, é estruturalista, pautado na regra. A prática necessita ser imprevisível, adaptativa e criativa, pois se esta for previsível se reconhecerá o caminho da dominação e essa dominação será desconstruída. Com isso, toda prática necessita ser específica, se fazer concreta e urgente (BOURDIEU, 2009).

A prática assegura ao agente, a capacidade de agência e improvisação, logo ela tanto estrutura quanto incorpora, e ainda corrobora para o manifesto de sua capacidade criativa e estratégica. Para Bourdieu, não existe regra, e sim regularidade, que deriva de estratégias que buscam a manutenção e ordem do campo. Quando de prática em prática gera-se regularidade, denomina-se na sociologia bourdieusiana, o senso prático inserido no campo. Já a lógica da prática é construída por meio da ação, esta lógica emerge da relação entre subjetivismo e o objetivismo. Desse modo, a lógica da prática é subjetivamente objetivada e simbolicamente violentada, que visa ser objetivamente subjetivada e violência simbólica em si (BOURDIEU, 2009). As práticas influenciam no sistema de percepção e ação dos agentes, “funcionam como operadores práticos por meio dos quais as estruturas objetivas de que são o produto tendem a se reproduzir nas práticas” (BOURDIEU, 2009, p. 157). Elas permeiam entre agentes e estruturas e estruturas e agentes.

A prática é o que converte o campo em *habitus* e vice-versa. A improvisação e adaptação da prática se configura pela estratégia, presente nas relações que confirmam ou não as relações de dominação no campo. Os agentes voltados para elaboração de práticas, fazem o uso de estratégias para angariar seus interesses na disputa do que está em jogo no campo, assim sendo a “ideia de estratégia como orientação da prática, que não é nem consciente e calculada, nem mecanicamente determinada, mas que é produto do senso de honra enquanto senso desse jogo particular” (BOURDIEU, 2004, p. 36).

A estratégia na sociologia bourdieusiana pode ser entendida como a margem de improvisação do agente no campo, ela é a própria relação entre o texto e o contexto. Ela se inscreve “como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso” (BOURDIEU, 2004, p. 79), ou seja, o próprio senso prático. O campo estabelece uma relação dialética o *habitus*. Desta maneira, “o peso particularmente grande que pertence aos *habitus* e às suas estratégias na instauração e na perpetuação de relações duráveis de dominação é ainda um efeito da estrutura do campo” (BOURDIEU, 2009, p. 218). A prática se depreende como exercício de poder.

O poder na sociologia bourdieusiana pode ser compreendido como uma maneira de explicar o porquê da existência da relação entre agência e estrutura, por ser apresentado como capacidade de imposição, justificativa do posicionamento de dominação, ou seja, as relações de poder. Além do poder constituído a partir das relações estabelecidas entre os agentes e estruturas e entre os próprios agentes, Bourdieu (1989), presume a existência de um poder simbólico. “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 1989, p. 15). Poder este que pode ser compreendido como um poder que exerce a mesma força de uma violência física, e que na maioria das vezes é mais efetivo.

O poder simbólico atua como o poder de “constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 15). Este poder pode ser comparado com um poder invisível, só pode ser praticado com a convivência dos que o exercem, além dos que não desejam saber que lhe estão sujeitos, “é um poder de construção da realidade” (BOURDIEU, 1989, p. 9). Ele é tido como forma irreconhecível, transfigurada e legitimada de outras formas de poder e está presente nas relações objetivas que caracterizam o campo. Deve-se entender a crença que sustenta o campo, o jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas presentes no mesmo. O capital simbólico está interconectado com o conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 1989).

Como desdobramento do poder simbólico, têm-se a violência simbólica, “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e, frequentemente, daqueles que a exercem na medida onde uns e outros são

inconscientes de a exercer ou de a sofrer” (BOURDIEU, 1997, p. 16). A violência simbólica se faz presente nas diversas relações, ela refere-se a formas de violência em que de forma inconsciente recebe adesão dos dominados. Ela é simbólica, por fazer parte de um mundo das significações dos dominados, que os inibe e controla, sendo ainda não passível de ser objetivada, mas que se traduz em uma subjetividade estruturante. No tocante as relações, trata-se de uma violência disfarçada, oculta, que opera por meio da linguagem, de um discurso que busca ser dominante e legitimado no campo, contudo esta se faz desconhecida por parte dos dominados (BOURDIEU, 1989). Essa dominação consentida pelos dominados faz com que estes aceitam regras e crenças como naturais, o que fazem não refletir criticamente por conta dessa arbitrariedade imposta pelos ideais dos dominantes (BOURDIEU, 1989). “A sociologia, como todas as ciências, tem por função de desvendar as coisas escondidas; assim [...] ela pode contribuir a minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e em particular nas relações de comunicação midiáticas” (BOURDIEU, 1997, p. 16).

Neste capítulo, apresentou-se a dinâmica relacional dos conceitos que envolvem a microsociologia de Pierre Bourdieu. Considerando que esta pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas, nos registros fotográficos de Mariana, faz-se necessário à apresentação de um novo capítulo para fundamentar e contextualizar a fotografia, sua história, características e particularidades.

## 2.2 FOTOGRAFIA

Sendo a fotografia o documento foi analisado nesta pesquisa, cabe apontar sua origem histórica e seu percurso para se integrar ao campo da sociologia como objeto de análise. Além de suas características, pressupostos teóricos, componentes, particularidades, principais conceitos envolvidos e a relação de Bourdieu com a fotografia. Coube ainda apresentar a Sociologia Visual, desde seus primórdios e processos, como ferramenta que faz o uso de fotografias para análise da construção social de fenômenos, relações sociais e a própria estrutura e organização da sociedade.

### 2.2.1 Origem da Fotografia e sua Relação como Objeto de Análise Sociológica

O surgimento da fotografia ocorreu em meados de 1830 quando Joseph Nicéphore Niépce obteve reconhecimento como precursor nessa atividade. Contudo, o aprimoramento desta se deu ao longo da história pela agregação de conhecimentos e técnicas (MAUAD, 1996). No início do século XIX, a fotografia foi originária em preto e branco. Já a fotografia colorida foi descoberta após inúmeras tentativas ao longo do mesmo século. A fotografia se popularizou em 1888, quando a empresa Kodak utilizou uma estratégia de marketing alegando que esta técnica era acessível a todos. No fim do século XX, mudanças ocorreram no universo da fotografia, propiciando a facilitação e aceleração dos processos de manipulação, depósito e disseminação de fotografias ao redor do mundo (NEWHALL, 2002).

O papel da fotografia foi questionado como investigação científica no campo das ciências sociais, tendo em vista que a ideia de ciência é tida objetiva, exata e neutra. Entretanto, muitas disciplinas utilizam dessa técnica visual para a resolução e evidência fotográfica, como é o caso da Biologia e Física. Assim sendo, os sociólogos visuais que apreenderam fotografia de outros campos acabaram por implementá-la em seus estudos (BECKER, 1995), tendo em vista que uma única fotografia reúne um conjunto de elementos que fornecem informações para diversas áreas do conhecimento, logo possibilita análises em diversos estudos multidisciplinares (KOSSOY, 2002).

Na década de 1920 na Europa um grupo de fotógrafos utilizou da fotografia como instrumento de análise social, embasado em “um conceito dialético de cultura visual não pode se contentar com a definição de seu objeto como a construção social do campo visual, mas tem que insistir em explorar [...] a construção visual do campo social” (MITCHELL, 2002, p. 172). Pode-se dizer que o início da fotografia e da sociologia coincidem, essa relação existente entre estas duas perspectivas ocorre quando “sociólogos e fotógrafos concordaram com a necessidade de expor os males da sociedade através de palavras e figuras” (BECKER, 1974, p. 3). O que torna uma fotografia como elemento de estudo sociológico, não se trata somente seu conteúdo, mas também considera o contexto em que está inserida, visto que “o contexto dá sentido às imagens. Se o trabalho não fornecer contexto [...], os espectadores o fornecerão, ou não, a partir de seus próprios recursos” (BECKER, 1995, p. 9).

As fotografias como forma de analisar e investigar a sociedade passaram por mudanças ao longo do tempo: tecnologias digitais que contribuíram para uma desmaterialização da imagem; questionando as estruturas dominantes, a desconstrução das representações visuais e teóricas, uma vertente mais crítica, destacando a multiplicidade de identidades (RIGAT, 2018). Em uma perspectiva ontológica, Kossoy (2002) alega que a fotografia atua como documento iconográfico, ou seja, uma forma de retratar determinada realidade por meio da linguagem visual. A fotografia, associada a concepção de documentos, proporciona visibilidade à fenômenos e experiências de sujeitos. “Compreender adequadamente uma fotografia [...] não é apenas recuperar os significados que proclama [...], mas também decifrar o excesso de significado que ela revela” (BOURDIEU, 2003b, p. 27). Portanto, fez-se necessário apresentar a fotografia, seus significados e suas particularidades como forma de demonstrar sua importância, uma vez que, que esta será o objeto de análise desta pesquisa.

### 2.2.2 Definições, Características, Aspectos e Dimensões da Fotografia

A fotografia pode ser compreendida como um documento que capta momentos, registrando informações que indicam aspectos culturais e históricos de determinada sociedade, ela “sugere que o que vemos é, se não comum, característico em um sentido mais profundo, retratando alguma característica essencial do fenômeno fotografado” (BECKER, 1974, p. 14-15). Monteiro (2006, p. 12) expõe que

[...] a fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão.

Em consonância, “a imagem fotográfica isola um momento no tempo”, ou seja, a fotografia é um *frame*, um pedaço de segundo que reflete a realidade (HARPER, 1988, p. 62). As fotografias “afirmam minimamente que o que elas mostram realmente existia na frente da câmera pelo menos o tempo necessário para fazer a exposição” (BECKER, 1974, p. 14), uma vez que a câmera é objeto de evidência (BARTHES, 1984).

A imagem fotográfica é uma fonte particularmente rica de informações que produz muito mais que meros dados. As fotografias contêm informações que podem ser identificadas e medidas de várias maneiras diferentes; mas também são repositórios de significado que são tão intrigantes quanto fascinantes. Nisto, são como campos gravitacionais cuja densidade emocional é fornecida pelas histórias que contam (GRADY, 1996, p. 10).

Além de evocar momentos memoráveis, as fotografias aprovam e testemunham tudo o que mostra e ainda pode ser encarada como dispositivo de enunciação e denúncia. Elas transmitem valores culturais profundamente ocultos (BOURDIEU, 2003b; KOSSOY, 2002). O contexto histórico exposto na fotografia revela desdobramentos culturais, políticos, sociais e econômicos (KOSSOY, 2002). Tanto que “talvez as fotografias não sejam o que afirmam ser: embora pareçam ser retratos ‘sinceros’ dos acontecimentos do dia a dia, as pessoas ou objetos na imagem nunca apareceram realmente dessa maneira, e só o fizeram na época da fotografia” (BECKER, 1974, p. 15).

Com isto, é possível considerar que a fotografia pode deixar lacunas interpretativas para aquele que a recebe, e o mesmo utiliza de suas experiências para atribuí-la significados, logo, “a fotografia como prática de significação; isto é, materiais específicos trabalhados com propósitos determinados em um contexto histórico e social particular” (SOLOMON-GODEAU, 1997, p. 28), depende do conjunto de valores e das relações sociais daquele que está na posição de intérprete, ou seja, a visão de mundo daquele que está a margem de sua observação.

Ademais, “as fotografias são vistas e apreciadas não em si mesmas e por si mesmas, isto é, em termos das suas qualidades técnicas ou estéticas, mas como sociogramas leigos que possibilitam um registro visual das relações e papéis sociais existentes” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 31). “O valor de uma fotografia é medido, acima de tudo, pela clareza e interesse das informações que ela consegue transmitir como símbolo ou, melhor dizendo, como alegoria” (BOURDIEU, 2003b, p. 158-159). Testemunhando aquilo que se vê, compreender uma fotografia apropriadamente é resgatar além dos significados que proclama, desvendar o simbolismo de determinado acontecimento, época ou grupo social (BOURDIEU, 2003b).

Barthes (1990) aponta que a fotografia possui dois tipos de caráter, o denotativo e o conotativo, em que o primeiro tende mais a objetividade e o segundo, pode-se dizer que se trata de um nível mais alinhado com a subjetividade.

[...] caráter puramente denotativo da fotografia, perfeição e plenitude de sua analogia, em uma palavra sua “objetividade” (que são as características que o senso comum atribuídos à fotografia) correm o risco de serem míticos, porque, de fato, há uma grande probabilidade [...] de que a mensagem fotográfica [...] seja conotada. A conotação não se permite necessariamente ser capturada por imediatamente no nível da mensagem (é, se você quiser, invisível e ativo, claro e implícito), mas pode ser induzida a partir de certos fenômenos que ocorrem no nível de produção e recepção de mensagens [...]. (BARTHES, 1990, p. 3)

Nesta perspectiva, uma fotografia possui “um tema, um argumento, um significado, representa algo e trata sobre algo. Uma coisa é o que aparece na imagem, o que se vê, concreto e objetivo, e outra o que a imagem sugere, aquilo sobre o que a imagem trata, abstrato e subjetivo” (VALLE GASTAMINZA, 2001, p. 122). A fotografia permite enxergar detalhes que passariam despercebidos se observados diretamente na realidade (SERRANO, 2008). Assim sendo, a análise de uma fotografia imputa uma complementaridade verbal que

[...] consiste em dar à imagem uma significação que parte dela, sem que, todavia, lhe seja intrínseca. Trata-se então de uma interpretação que ultrapassa a imagem, desencadeia palavras, uma idéia ou um discurso interior partindo da imagem, que é seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada (JOLY, 1994, p. 123).

A mensagem de uma fotografia perpassa por diferentes níveis de produção compondo unidades de significação que integram a estrutura fotográfica. Estes são chamados de processos de conotação que atuam em consonância com os processos de denotação: trucagem, pose, objetos, fotogenia, estetismo e sintaxe. A trucagem refere ao processo de gerar e criar efeitos inesperados, artificiais com o intuito de gerar uma certa dramaticidade nas fotografias. A pose de certo objeto em uma fotografia permite uma leitura dos significados refletindo aquilo que se deseja transmitir. A posição de objeto culmina na escolha/cominação de elementos, indutores de ideias ou ainda que podem ser vistos como verdadeiros símbolos, que produzam determinado sentido na foto (BARTHES, 1990).

A fotogenia é uma técnica que pode ser comparada como uma espécie de “embelezamento” da fotografia associado com a melhor escolha de iluminação, enquadramento, ângulo etc., onde a mensagem já está contida na própria foto. O estetismo está associado a ideia de construir uma fotografia que remete a obras de arte. Neste caso, o fotógrafo se utiliza de recursos como cor e iluminação para alcançar o resultado esperado. Por fim, a sintaxe é uma técnica na junção de imagens, colocadas em sequência, atribuindo sentidos diferentes se fossem

analisadas solitariamente (BARTHES, 1990). No momento em que o fotógrafo define qual será o ângulo, objeto, contexto ou cenário a ser registrado, ele

[...] exerce um enorme controle sobre a imagem final e as informações e mensagens que ela contém. A escolha do filme, desenvolvimento e papel, da lente e da câmera, da exposição e do enquadramento, do momento e da relação com os assuntos - todos esses, diretamente sob o controle do fotógrafo, moldam o produto final (BECKER, 1974, p. 11).

Rose (2001) destaca elementos que fazem parte da composição da fotografia: conteúdo, cor, organização espacial, luz e conteúdo expressivo. O conteúdo envolve aquilo que a fotografia deseja demonstrar ou revelar, está diretamente a iconografia, ou seja, forma de linguagem que utiliza de imagens para retratar determinado tema. A cor é outro elemento crucial nas fotografias, a combinação das cores pode enfatizar certos elementos na fotografia e sua composição como todo refletem em sensações de harmonia ou desarmonia daquilo que se pretende expor. A fotografia de acordo com suas características, como cor, enquadramento, ângulo, composição e detalhes, está “aberta a narrativas (in)imagináveis” (BELINASSO, 2017, p. 33), tendo em vista que sua dimensão em retratar determinados fenômenos, infere que “o estabelecimento da força da imagem fotográfica [é] instigadora de interpretações” (MELLO, 1998, p. 46-47).

A organização espacial envolve a própria posição de elementos que compõem a fotografia além de ângulos e perspectivas que vão interferir na visualização específica para o espectador. A luz está diretamente relacionada aos dois elementos anteriores, cor e espaço, podendo ser utilizada também como forma de destacar objetos. Por último, o conteúdo expressivo envolve uma questão de subjetividade, buscam desvendar a ‘sensação’ da imagem, fazendo uma leitura imaginativa que tente “evocar suas características afetivas” (ROSE, 2001, p. 46).

A partir destas propriedades, o processo de criação do fotógrafo na busca pela representação do real engloba um tripé cultural, estético e técnico na formulação daquilo que deseja selecionar para ser visualizado na fotografia. Nesse sentido, é necessário “decifrar as fotografias, decodificá-las, desde a sua intenção, sua forma de apresentação e sua ideologia, enquanto fotografia composta por diversos elementos simbólicos” (LÜERSEN, 2006, p. 2), pois a fotografia ultrapassa seu caráter visual, ela “tem um suporte, é referencial, estética, artística, sintética, emotiva, objetiva e subjetiva. Além disso, a fotografia é real pois, documenta” (BOCCATO; FUJITA 2006, p. 86). Elas “geralmente sugerem outros significados que

podem não ser tão evidentes, mas que são facilmente aparentes quando identificados” (GRADY, 1996, p. 15). Compreende-se, portanto, que a fotografia apresenta aspectos concretos e ocultos, podendo representar o mundo real e o imaginário. Essa concepção de mundo real e ficcional, segundo Kossoy (2002), se associa a ideia de quando elementos reais mesclam com a escolha da cena, a situação retratada, a disposição de elementos, a pose etc.

Em consonância com esta ideia, Bourdieu (2003b, p. 139) aponta que “a imagem fotográfica pode ser considerada a reprodução exata e objetiva da realidade” (BOURDIEU, 2003b, p. 139). Contudo, Santaella e Nöth (2001, p. 125) colocam que embora a fotografia “seja fruto de uma conexão física, real, com o referente, sendo, portanto, um registro mais ou menos fiel de sua existência, [...] não é apenas física, mas também simbólica e mesmo convencional.” Uma fotografia transmite uma determinada visão de mundo, um fragmento da realidade social, ela possibilita “uma representação suficientemente crível e precisa para permitir o reconhecimento. É metodicamente inspecionada e observada, à distância, de acordo com a lógica que governa o conhecimento dos outros no cotidiano” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 34). Dessa forma

Se é verdade que, em seu conteúdo icônico, toda imagem fotográfica constitui um ponto de vista específico sobre um campo fenomênico, também é certo que a recepção dessa imagem transcende o dado icônico segundo as “inclinações” culturais e idiossincráticas que escapam a qualquer controle por parte do emissor postulado: não podemos neutralizar a espacialidade específica do ponto de vista (SCHAEFFER, 1996, p. 62).

A fotografia inclui “todo um simbolismo narrativo e, à maneira de um sinal ou, mais exatamente, de uma alegoria, expressa inequivocamente um significado transcendente e multiplica as conotações capazes de compor, sem ambiguidade, o discurso” (BOURDIEU, 2003b, p. 156-157). As fotografias transcendem seu aspecto objetivo, da captura daquilo que se vê, o que elas transmitem vai muito além do momento ou fenômeno registrado, existe um conjunto de propriedades simbólicas e imperceptíveis que culminam na decifração de aspectos subjetivos que a compõem, logo a “fotografia só pode ser entendida em relação ao sistema simbólico em que está inscrita” (BOURDIEU, 2003b, p. 142).

Em seus diversos estudos, Pierre Bourdieu (2003b) aponta que a relevância e importância de algo ser considerado como fotografável cabe a fotografia que apresenta uma função social, retratando na maioria das vezes, papéis e relações sociais de determinado grupo, o qual se diferencia dos demais por aspectos culturais,

logo, o uso social da fotografia estabelece uma verdade social. Isto se deve a socialização de cada indivíduo, tendo em vista o processo de diferenciação que difere uns dos outros. Dessa forma, estes estão condicionados a certas condições sociais de acordo com a realidade que estão inseridos no espaço social (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (2003b) explana que uma das características da fotografia está na solenização e eternização do tempo de fatos importantes. De acordo com Kossoy (2002) há em toda fotografia um recorte espacial e temporal. Em desdobramento decorre a relação fragmentação e congelamento, estes são alicerces na representação fotográfica. A fragmentação engendra a escolha daquilo que se deseja registrar e o congelamento envolve a eternização de uma determinada cena no tempo. Assim, parte-se da compreensão de que

[...] cada foto ou seqüência de fotos carrega significados instituídos social e temporalmente. Assim, interpretar uma imagem nos remete à aprendizagem que temos das situações fotografadas, considerando que a presença de uma imagem e de sua narrativa adquire significados diferenciados de outras situações em que percebemos ou só a imagem ou só a narrativa (BORGES; LINHARES, 2008, p. 130).

Kossoy (2002) ainda menciona a multiplicidade de faces e realidades de uma fotografia. A primeira realidade, chamada de realidade exterior, é aquela onde é possível fazer interpretações a partir de elementos objetivos que podem ser observados por aquilo que está aparente, ou seja, somente pelo aspecto visual. A segunda realidade envolve o conteúdo da fotografia. As demais faces são aquelas não perceptíveis aos olhos, entretanto gera a capacidade de reflexão e análise para decifrar suas características ocultas e invisíveis. Isto implica no processo de criação de realidades, tendo em vista que aquele que analisa fotografia é considerado receptor e possui uma visão de mundo diferente dos demais indivíduos.

Existe uma pouca gama de textos que tratam do aspecto social e cultural da fotografia. O interesse de Pierre Bourdieu em estudar sobre fotografia se pauta em seu amor e pelas realidades que poderiam ser retratadas por meio dessa técnica. “Ao considerar a fotografia como objeto de estudo sociológico, antes de tudo, seria necessário estabelecer como cada grupo social regula e organiza sua prática individual e como confere funções que respondem a seus próprios interesses” (BOURDIEU, 2003b, p. 27). O filósofo e sociólogo enxerga a fotografia em si como uma "aposta" vital nas lutas de classificação social por causa de sua proximidade e popularidade. Bourdieu (1993b, p. 296) argumenta que é na “produção fotográfica e

nos julgamentos sobre imagens fotográficas que os princípios do "gosto popular" são expressos".

As fotografias funcionam como instrumento de integração de grupo específico, sejam estas fotografias amadoras ou profissionais, logo, o enquadramento "é uma escolha que envolve valores estéticos e éticos; [...] Cada grupo escolhe uma gama finita e bem definida de temas, gêneros e composições " (BOURDIEU, 2003b, p. 6). Os fotógrafos "exploram tecnicamente a representação ordinária da objetividade fotográfica ou, ao contrário, tentam carregar uma figuração "realista" com conteúdo simbólico" (BOURDIEU, 2003b, p. 101).

A análise sociológica da fotografia em Bourdieu está intrinsecamente relacionada aos códigos revelados nestas. As relações estabelecidas nas fotografias devem ser consideradas a partir da contextualização no campo social e político. Nessa perspectiva, tem a compreensão de que o significado das fotografias está circunscrito em contextos maiores (MYLES, 2010). Alinhada a ideia de *habitus* em Bourdieu, a fotografia expressa esquema de percepções e pensamentos em torno da visão de mundo de um indivíduo (BOURDIEU, 2003b, 2004). É possível assimilar que o *habitus* está ligado em duas circunstâncias com a fotografia, no momento do registro fotográfico e no momento da interpretação, pois cada indivíduo irá realizar esta ação em consonância com o seu *habitus*, retratando as características intrínsecas e relacionais da posição do agente que a interpreta, tendo em vista que "o *habitus* faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias" (BOURDIEU, 2004, p. 98).

"É compreensível que a tomada de fotografias sempre provoque certo desconforto" (BOURDIEU, 2003b, p. 83). A raridade em aplacar fotografias em uma perspectiva traumática, voltada a retratar desastres, calamidades e catástrofes, se choca com a disseminação quase que instantânea de fotografias por meio de plataformas de digitais, que acaba por derrubar essa proposição. A ideia do trauma advém da perspectiva do que se denomina foto-choque (BARTHES, 1984, 1990), causando naqueles que a observem sensações desconfortantes (BOURDIEU, 1989). Logo, "a fotografia é contingência pura [...] ela fornece de imediato esses "detalhes" que constituem o próprio material do saber etnológico" (BARTHES, 1984, p. 49).

O artista contemporâneo muitas vezes interpreta imagens que sobrevivem ao passado e são atravessadas por um sentimento enigmático. Imagens que não fazem necessariamente parte do mundo da arte ou que foram e foram deslocadas. Imagens que flutuam entre universos visuais, que não vivem na

sala do museu, que foram esquecidas, mas que são, de fato, depósitos, lugares onde os sentidos se acalmam, parcelas da história que perderam a visibilidade, a vida cotidiana, mas ainda ativas (GIUNTA, 2014, p. 28).

A partir das fotografias “o passado é visitado, recuperado de seus sintomas no presente, não é mais um passado questionado para antecipar um futuro prometido (como na modernidade), mas seu interrogatório a partir do presente, para entender o tempo em que vivemos”, assim sendo uma releitura do passado estabelece uma “relação ao presente, procurando ressignificar nosso imaginário e distorcer as verdades sobre as quais definimos e representamos” (RIGAT, 2018, p. 238). As fotografias são um modo de compreender a realidade e as tensões inerentes a seus contextos e relações. As fotografias engajadas com o ponto de vista político e social, podem ser consideradas como “construções sociais capazes de realizar trabalhos ideológicos” (SCHWARTZ, 1996, p. 35). Dessa forma, as fotografias como construções sociais transmitem, “consistentemente associadas ao realismo, uma sensação de que o que é visto reflete com precisão o que existia no momento da produção” (PEEPLES, 2011, p. 374-375).

Sob essa perspectiva, as fotografias atuam os instrumentos de comunicação e conhecimento, enquanto “instrumentos estruturados e estruturantes [...] os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 11). Isto posto, as fotografias podem ser compreendidas como manifestações narrativas. Assim sendo, existe uma área da sociologia que emprega fotografias como forma de análise as dinâmicas e fenômenos sociais: a Sociologia Visual.

### 2.2.3 Sociologia Visual

A utilização de fotografias pelas ciências sociais é conhecida como Sociologia Visual, esta pode ser compreendida como uma construção social a fim de relatar e investigar a sociedade (BECKER, 1995). O início dessa metodologia se deu em diversos estudos nas primeiras décadas da sociologia americana, contudo seu reaparecimento ocorreu em meados da década de 1960. Esta área da sociologia está voltada em retratar, descrever e analisar fenômenos sociais (HARPER, 1988). A sociologia visual parte de uma análise explícita e mais complexa das fotografias, em

que o interesse sociológico consiste na compreensão e interpretação da natureza, estrutura, cultura e organização da sociedade situada em determinado tempo e local (BECKER, 1995).

Harper (1988) explana que a sociologia visual pode ser dividida em dois âmbitos principais. O primeiro âmbito abrange a utilização de fotografias no sentido tradicional de coleta de dados. No segundo, aqueles que fazem o uso da sociologia visual, estudam as fotografias desenvolvidas pela cultura, como por exemplo fotografias publicitárias e midiáticas, “usando essa abordagem, os sociólogos normalmente exploram a semiótica, ou sistemas de signos, de diferentes sistemas de comunicação visual (HARPER, 1988, p. 55). Destarte, “as fotografias obtêm seu significado da maneira como as pessoas envolvidas as compreendem, as usam e, assim, atribuem significado a elas” (BECKER, 1995, p. 5).

Em uma perspectiva histórica, o surgimento da sociologia e da fotografia aconteceu na mesma década. A fotografia promoveu uma nova maneira de enxergar, no sentido visual da palavra, a realidade e, em conjunto com a sociologia, apresentar novas formas de interpretação dos eventos sociais. A fotografia surgiu como forma de democratização de um novo tipo de conhecimento. “A sociologia visual, no entanto, gradualmente emergiu e mantém um parentesco com a tradição documental em fotografia, que, por sua vez, se desenvolveu gradualmente de belas artes e fotografia de retratos” (HARPER, 1988, p. 56).

Como complemento da pintura, ainda que muito questionada, a fotografia surge como forma objetiva de captura da realidade, traduzindo em expressão artística. Foi no século XI, que a fotografia se tornou uma forma de arte por si mesma, empregadas por membros da classe artística em que eram voltadas ao registro de paisagens e contextos sociais. Os fotógrafos que trabalhavam nessa perspectiva de documentação foram considerados precursores na sociologia visual, em que esta esteve sempre alinhada a fotografia documental, desempenhando papéis sociais importantes, pois “as fotografias podem expor problemas sociais [...] ou elas poderiam ser usadas [...] para controle social” (HARPER, 1988, p. 56-57).

Em relação a teoria, Harper (1988) aponta que a sociologia visual gerou questionamentos em relação a ser útil para fins sociológicos, pois esta se tornou um objeto de fácil acessibilidade. Entretanto, caracterizou diferentes tipologias para classificação de métodos fotográficos que contribuem para utilização de fotografias em análises sociológicas.

A lógica da tipologia é encontrada na idéia de que os sociólogos apreendem informações do mundo de várias maneiras. Os sociólogos categorizam partes do mundo, criando assim dados (o modo científico); sociólogos usam seu próprio sujeito experiência positiva como fonte de dados (o modo fenomenológico); sociólogos estruturam seus dados em contos (o modo narrativo); e sociólogos constroem dados do ponto de vista de seus sujeitos (o modo reflexivo) (HARPER, 1988, p. 60-61).

Sob essa perspectiva, as fotografias podem ser científicas, narrativas, fenomenológicas ou reflexivas conforme sua construção, apresentação e visualização. Com isso, “as fotografias podem ser lidas para entender nuances de interação, apresentações de si e relações entre as pessoas e seus ambientes” (HARPER, 1988, p. 61). Contudo, “embora seja possível descrever muitos dos elementos de uma fotografia, não é possível descrever todos os elementos de uma imagem complexa, e não é fácil descrever as relações espaciais entre os diferentes elementos” (HARPER, 1988, p. 61) da fotografia.

Grady (1996, p. 13) destaca o progresso no campo da sociologia visual com os estudos de Harper (1988), as tipologias apresentadas pelo sociólogo americano forneceram “um lar para quem usa imagens fotográficas para analisar a sociedade, independentemente de sua orientação teórica”, além de seu comprometimento com a pesquisa empírica e pelo papel das fotografias em representar diferentes contextos. Uma sociologia “mais visual é inconcebível sem a existência de algo sobre o qual outra coisa que seja visualmente perceptível e intelectualmente compreensível possa ser exibida” (GRADY, 1996, p. 13).

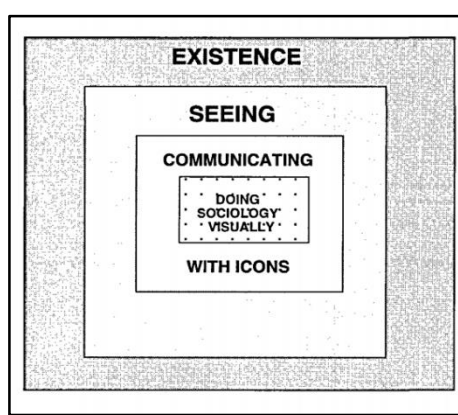
Portanto, a imagem visual ou ícone como coloca Grady (1996), que no caso desta pesquisa adota-se como fotografia, é elemento essencial para se fazer sociologia visual. A centralidade deste objeto visual exige alguns parâmetros na organização pragmática da sociologia visual,

Primeiro, a existência de ícones pressupõe que eles serão vistos, que se baseia no fato de que somos criaturas avistadas e que a visão é uma parte muito significativa de nossas vidas. Segundo, os ícones são construídos para comunicar informações dentro de uma comunidade que podem entender essas informações e para as quais elas devem ter alguma importância. Assim, a própria existência de ícones pressupõe que a comunicação visual seja organizada socialmente. Terceiro, segue-se também que as propriedades do ícone possibilitam certas disponibilidades ou usos, enquanto excluem outras, e que uma sociologia mais visual deve operar dentro desses limites (GRADY, 1996, p. 14).

Os parâmetros podem ser estes classificados a partir de três áreas distintas, apesar de logicamente relacionadas, de investigação apresentadas na Figura 1 que caracterizam o escopo da sociologia visual. A primeira denominada

“*Seeing*” está direcionada ao estudo da visão e da construção da organização social e do significado cultural. A segunda área “*Communicating with icons*”, envolve a construção, o papel comunicativo de transmitir informações e o gerenciamento de relacionamentos que as fotografias podem propor. Por fim, a terceira área “*Doing sociology visually*” envolve a produção e decodificação de fotografias a fim de investigar de modo empírico a organização social, acepção cultural e os processos psicológicos (GRADY, 1996).

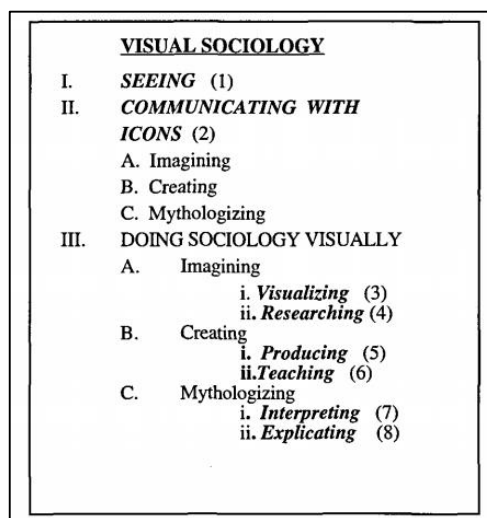
Figura 1 – Áreas de investigação da Sociologia Visual



Fonte: Grady (1996, p. 14).

As três áreas de investigação da sociologia visual se distinguem, porque a primeira envolve um processo biológico (visão), já a segunda área processo cultural (comunicação). Ambos funcionam como forma de constituir da sociedade. Por último, a terceira área como algo maior estuda como a sociedade se constitui. Essas três áreas distintas de investigação levam ao desdobramento de oito práticas distintas apresentadas na Figura 2: *Seeing*; *Communicating with Icons*; *Visualizing*; *Researching*; *Producing*; *Teaching*; *Interpreting*; *Explicating*. *Seeing* e *Communicating with Icons* apesar de integrarem as áreas de investigação da Sociologia Visual estão incluídas no grupo de práticas definidas por Grady (1996).

Figura 2 – Práticas decorrentes da Sociologia Visual



Fonte: Grady (1996, p. 15).

*Seeing* é o ponto de partida para sociologia visual, parte da fundamentalidade da percepção visual e cognitiva, além da comunicação, interpretação e interação ao longo do desenvolvimento das sociedades cada vez mais complexas. O aspecto visual tornou-se essencial para isto. Destarte, o surgimento e a invenção da fotografia não foram em vão. “Afim, é uma técnica que aprimora o poder social da estimulação visual e fornece os meios para uma compreensão e manipulação mais claras” (GRADY, 1996, p. 16).

*Communicating with Icons* pressupõe a “construção espontânea e deliberada de imagens para comunicar informações e gerenciar relações sociais” (GRADY, 1996, p. 17). Isto é orientado por três dimensões: *Imagining*, *Creating* e *Mythologizing*. A primeira – *Imagining* – trata-se do processo da imaginação, sonhar, fantasiar, diálogo do eu consigo mesmo. A segunda – *Creating* – refere-se ao processo de montagem e construção de imagens que se ajustam aos padrões cotidianos da sociedade. Em muitos casos, as fotografias podem ser manipuladas e embelezadas, por intencionalidade conforme o interesse daquilo que se deseja expor (BECKER, 1995; GRADY, 1996). Por fim, a terceira dimensão – *Mythologizing* – refere-se à institucionalização dos processos de comunicação, incluindo publicidade, cinema e televisão.

As práticas restantes estão enquadradas na terceira área distinta de investigação da sociologia visual (*Doing Sociology Visually*), entretanto são desdobramentos das três dimensões apresentadas na prática anterior. *Visualizing*

“exige que os sociólogos prestem mais atenção à lógica visual e estética. Isso inclui a capacidade de concretizar conceitos, colocar as informações em contexto e aplicar princípios de design gráfico, desenho e composição para os modelos” (GRADY, 1996, p. 18), ou seja, trata-se da forma de organização e apresentação de informações. *Researching* está associada ao uso de dados, no caso as fotografias, já existentes como dados destacando a análise comportamental em imagens visuais. Essas duas práticas são desmembradas da prática *Imagining*.

*Producing* envolve o próprio ato de fotografar ou até mesmo filmagem para criar imagens com o intuito de comunicar/transmitir informações sobre determinado fato. A produção de fotografias funciona como narrativa que “permite ao produtor recriar a sensação e imediatismo de um mundo social e o comportamento presente no contexto” (GRADY, 1996, p. 20). *Teaching* abrange uma questão mais metodológica e didática com a utilização de materiais visuais como forma inovadora no ensino e aprendizagem. Ambas as práticas envolvem e compõem a prática *Creating*.

As duas últimas práticas, *Interpreting* e *Explicating*, compõem a *Mythologizing*. A primeira está associada a interpretação de “significados simbólicos das imagens que foram produzidas como subproduto de uma atividade” (GRADY, 1996, p. 20). A segunda e última prática *Explicating* “refere-se ao processo de identificação e explicação dos significados simbólicos das imagens já existentes que foram produzidas para contar uma história” (GRADY, 1996, p. 20). Isto posto, a sociologia visual está sendo cada vez mais difundida no campo da sociologia como forma de análise e compreensão dos fenômenos sociais, relações sociais e a sociedade como um todo.

Portanto, esta pesquisa se utilizará das bases da sociologia visual, uma vez que se optou pelas fotografias como objetos de análise. Destaca-se as práticas de *Communicating with Icons (Mythologizing)*, *Visualizing*, *Researching*, *Interpreting* e *Explicating* como cruciais nesta pesquisa. Tendo em vista a análise (*Interpreting*) e elucidação (*Explicating*), por meio de uma teoria (*Visualizing*), de aspectos explícitos e ocultos (simbólicos) em fotografias já prontas de fenômenos sociais (*Researching*) publicadas/veiculadas em relatórios empresariais oficiais e demais fontes midiáticas sobre a e da empresa selecionada (*Mythologizing*). Faz-se necessário a apresentação de um novo capítulo teórico, uma vez que esta pesquisa vai analisar fotografias estritamente relacionadas com a ideia de sustentabilidade.

## 2.3 SUSTENTABILIDADE

Para compreensão da relação da sustentabilidade com a fotografia, faz-se necessário explanar sobre algumas questões sobre este tema, destacando diferentes abordagens no tocante aos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Para tanto, é importante apresentar discussões desdobradas destes conceitos: (1) em respeito à crise ambiental atrelada a administração e organizações; (2) definições dos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável; (3) interfaces das relações entre organizações e sustentabilidade; (4) regulamentação de crimes contra a natureza: ecocídio.

### 2.3.1 Administração, Organizações e a Crise Ambiental

O caminho epistemológico dos estudos organizacionais fez que com a administração desenvolvesse teorias que capturassem suas dinâmicas. As teorias que contribuem para este processo de entendimento, por sua vez, são chamadas teorias das organizações, e se tornam cada vez mais complexas por serem dependentes do contexto histórico, social, econômico e político (REED, 2007). A tarefa das teorias de gestão está voltada à reintegração das epistemologias fragmentadas, pois a questão da sustentabilidade nas teorias de gestão exige uma interconexão sistêmica e ainda a interdisciplinaridade (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995).

Uma vez que as teorias apresentam caráter contextual e estão em constante processo de transformação, acredita-se ser plausível estudar as relações estabelecidas no contexto das organizações por meio da compreensão a partir de uma teoria (SIMON, 1965). Para Bourdieu (2009), a organização deve ser analisada a partir do conceito metodológico que classificou como realidade. Essa realidade acontece por meio do processo de construção social, onde existe a relação dialética entre agente e estrutura. Vive-se numa sociedade regida pelo sistema capitalista, e isto é incoerente em todas as suas esferas, pois tem a premissa de separação da humanidade e natureza, ademais o capitalismo é fundamentado por poder conhecido como estruturas heterogêneas e que estes se relacionam de maneira descontínua,

logo está distante de ser homogêneo e contínuo (MOORE, 2017; PARENTI, 2016; QUIJANO, 2005).

A relação do homem e meio ambiente pode ser compreendida a partir de um processo de construção ao longo da história. Em um primeiro momento, permanecia um envolvimento maior com a natureza, podendo ser associado até mesmo como uma submissão do homem pela necessidade de sobrevivência. Com o advento da modernização no século XVIII, houve o (des)envolvimento para um estado moderno, em que a industrialização, urbanização, racionalização e a evolução da ciência e tecnologia, culminaram na criação do sistema vigente: o capitalismo. A partir disso, propaga-se ideia de modernidade que se configura na concepção do conhecimento alinhado ao caráter do padrão mundial de poder, tido como moderno/colonial, capitalista e eurocêntrico (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005; MOL, 1997, 2000; PARENTI, 2016; QUIJANO, 2005).

Compreende-se assim a relação estabelecida entre o homem, as organizações, a sociedade e meio ambiente. A organização pode ser vista como: histórica, relacional, dialética, dialógica, espaço de conflito, poder e dominação. Nesse sentido, esta é detentora de um caráter multidimensional. Levando em consideração que a desenvolvimento das organizações foi simultaneamente ao avanço do sistema capitalista, compreende-se a fundamentalidade das organizações nas discussões em torno do agravo da crise ambiental (LAYRARGUES, 2017).

A crise ambiental passou a contestar a base a razão embutida na modernidade que culmina no processo civilizatório de dominação. “Com a crise ambiental, a investigação sobre a natureza tornou-se um debate epistemológico e político sobre a sustentabilidade da vida. A natureza foi subjugada ao desenvolvimento científico e tecnológico moderno” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 67). A sustentabilidade se aflorou como objetivo para um equilíbrio ecológico e a sobrevivência humana com a crise ambiental. Duas perspectivas da sustentabilidade na economia ambiental e ecológica que se diferem na ecologia política, a partir da racionalidade como forma de relação que se estabelece com o ambiente: “uma sendo configurada sob a racionalidade econômica hegemônica; a outra baseada em potenciais ecológicos e identidades culturais na construção de uma racionalidade ambiental alternativa” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 67).

A inserção da crise ambiental no âmbito político ocorreu no fim dos anos sessenta e início dos anos setenta, sendo estimulada por meio de relatórios e

pela “Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972, em torno da qual diferentes formas de compreensão e assumir o problema dos países desenvolvidos e em desenvolvimento” (PIERRI, 2001, p. 32). Nos anos 60, a crise ambiental desencadeou novos ângulos para a sustentabilidade. O debate ambiental surgiu alinhado com questões sociais e de emancipação juntamente com movimentos sociais. “O movimento ecológico emergiu nesse contexto discutindo a crise ambiental desencadeada pelo crescimento econômico e pelo progresso tecnológico” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 66).

A discussão sobre sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e o papel de políticas na resolução de problemas em torno desse tema em questão apesar de terem seu início entre os anos 60 e 70 refletem e geram impactos até hoje. Conferências ao redor do mundo decorrem da urgência de resolução dos problemas da humanidade, para que possa refrear cenários de caos extremos, catástrofes ambientais e até mesmo a dissolução de ecossistemas, paisagens e pessoas em certos locais (DINIZ, 2002).

Os eventos de Estocolmo (1972) e *Brundtland* (1987) apontaram para dimensão da questão ambiental, em que uma série de “acontecimentos ambientais e econômicos [...] tornaram mais evidente a gravidade e a dimensão da crise ambiental e acentuaram a prioridade de retomar o crescimento econômico, mas com alternativas tecnológicas e energéticas” (PIERRI, 2001, p. 53). A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987), pautou-se no tripé da sustentabilidade – ambiental, econômico e social – estabelecendo uma relação entre sistemas e políticas econômicas, sociais e ambientais a fim de compreender, buscar definições e soluções sobre a questão da sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável.

### 2.3.2 Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável

A origem do pensamento ambientalista contemporâneo foi no século XIX, em que as discussões se pautam nas implicações do processo de industrialização e colonização, advindos do contexto de Revolução Industrial. A “crítica social, essencial para entender o atual ambientalismo mais comprometido com a dimensão social da sustentabilidade, e com os países e setores pobres, é suficientemente conhecida e não se restringe ao campo específico das questões ambientais” (PIERRI, 2001, p. 30). Destaca-se a Inglaterra e Estados Unidos como

precursores na elaboração de leis em prol do meio ambiente. Há uma forte presença do conservacionismo como um dos pontos centrais na discussão do ambientalismo. O contexto de guerras e corrida armamentista de países desenvolvidos acometeram a construção de iniciativas em âmbito internacional para a proteção do meio ambiente (PIERRI, 2001).

A forma em como lidar com as questões ambientais e logo construção de sustentabilidade pode ser abordado por diferentes perspectivas (LAYRARGUES, 2017). As adversidades abordadas pelas discussões ambientais não são decorrentes exclusivamente da sociedade industrial e da poluição provocada por tal sistema produtivo, entretanto os “fatores ecológicos têm sido uma das principais forças motrizes por trás de toda transformação social” (MEBRATU, 1998, p. 496). O que exacerba a noção de degradação ambiental é o crescimento impetuoso da população e da economia global (MEBRATU, 1998). A limitação de recursos e o descaso decorrente dos impactos do modo de produção econômica no sistema capitalista culminaram nos crescentes debates sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável. A pluralidade de entendimentos e conceitos contribuem para uma multiplicidade de pensamentos, correntes e alternativas para as questões que envolvem a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável em âmbito global.

Cada país apresenta suas especificidades tanto em termos culturais, quanto em problemas sociais, econômicos e ambientais. Pierri (2001) ressalta que a questão ambiental diverge de país para país, conforme interesses conflitantes e desigualdades, destacando a diferença entre o aspecto econômico e social em cada país. “Os diferentes graus de desenvolvimento significavam que os problemas ambientais que preocupavam estavam mais presentes em alguns países do que em outros” (PIERRI, 2001, p. 36).

Layrargues (2017) afirma a existência de práticas de degradação ambiental e conflitos socioambientais que dificultam a construção da sustentabilidade em diversas esferas da sociedade. O desdobramento dessas práticas desconexas fez com que a sociologia ambiental assumisse desafios e responsabilidades para lidar com a diversas interfaces da sustentabilidade. Esta não deve se concentrar somente no ponto de vista ambiental, mas também na “[...] relação entre, de um lado, os processos de globalização em suas várias dimensões (econômica, política, sociocultural) e, de outro, todas as manifestações locais de deterioração ambiental e de busca de gerenciamento ambiental” (MOL, 2000, p. 267).

Considera-se então que há a possibilidades de inúmeras propostas, vertentes e até mesmo conflitos de interesse por englobar assuntos complexos que abordam todo o mundo. As conferências internacionais levantam essas questões a fim de impulsionar os projetos e práticas necessárias para o desenvolvimento sustentável. O objetivo dessas conferências é reunir um conjunto de princípios, planos de ação, recomendações e outras resoluções de maneira ampla relacionadas ao cuidado do meio ambiente. Os desdobramentos destas conferências refletem na criação de uma nova agenda de desenvolvimento sustentável a cada vez que estes encontros acontecem, tendo em vista, a necessidade de mudança nos padrões de consumo e produção para que se alcancem os objetivos nas próximas décadas (PIERRI, 2001).

Os termos 'sustentabilidade' e 'desenvolvimento sustentável' são comumente utilizados por gestores, políticos e acadêmicos, contudo não há um consenso ou, até mesmo, um conceito unificado no tocante a cada um destes termos (DOVERS, 1996; FEIL; SCHREIBER, 2017; PIERRI, 2001). Hopwood, Mellor e O'Brien (2005) colocam que o conceito de desenvolvimento sustentável representa uma mudança de paradigma na compreensão do papel da humanidade no planeta. Estes debates são pautados no que se denomina como *triple bottom line* ou o 'famoso' tripé da sustentabilidade, em que as questões referentes a este tema são analisadas a nível social, econômico e ambiental (DOVERS, 1996). Entretanto, atribuir a sustentabilidade somente ao aspecto ecológico/ambiental é escasso, pois gera ambiguidades quando se mistura os pilares social e econômico, para tanto a sustentabilidade também assume uma dimensão ideológica (O'CONNOR, 2000).

Hopwood, Mellor e O'Brien (2005) fazem um percurso do conceito de desenvolvimento. Em um primeiro momento, ressaltam que a séculos atrás os países do Norte separaram as questões ambientais das questões socioeconômicas, uma visão do ambiente externo a humanidade, em que os problemas ambientais eram vistos como locais. Nesta visão, acredita-se a superioridade da humanidade sobre a natureza, tendo em vista que o conhecimento e tecnologia poderiam ser a solução dos problemas ambientais. Esta visão centrada no capitalismo, na ciência moderna e a revolução industrial. A economia era a questão dominante nas relações humanas, tendo em vista que com o crescimento econômico, aumentaria a produção e a pobreza acabaria. Destarte, o conceito de desenvolvimento sustentável

[...] resultado da crescente conscientização dos vínculos globais entre a montagem de problemas ambientais, questões socioeconômicas relacionadas à pobreza e à desigualdade e preocupações sobre um futuro saudável para a humanidade. Vincula fortemente questões ambientais e socioeconômicas (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005, p. 39).

O termo desenvolvimento sustentável foi apresentado pela primeira vez no Relatório Brundtland, em 1987, também conhecido como, "Our Common Future", em português, "Nosso Futuro Comum", criado pela *World Commission on Environment and Development* (WCED), que o definiu pelo fato atender à necessidade da geração atual sem comprometer a capacidade de que as gerações futuras atendam às suas próprias. A proposta de *Brundtland*, parte da ideia que desenvolvimento e meio ambiente estão relacionados, "o desenvolvimento não se mantém se a base de recursos ambientais se deteriorar; o ambiente não pode ser protegido se o crescimento não tiver em conta as consequências da destruição ambiental" (PIERRI, 2001, p. 60). "Esse processo levou o conceito de desenvolvimento sustentável a todos os cantos do mundo" (MEBRATU, 1998, p. 502).

A globalização gerou a interdependência dos países e, no quesito ambiental a questão também não é diferente. Essa interdependência associada a questão ambiental reflete as consequências em âmbito social e econômico (MOL, 2000). O desenvolvimento sustentável deve "ser conceituado em conformidade com o contexto social em que é pesquisado e intentado de ser promovido" (MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2013, p. 654), por conseguinte este conceito é construído socialmente, pois é percebido e definido a partir das relações estabelecidas entre indivíduos ou grupos dispostos em um mesmo espaço social (SPECTOR; KITSUSE, 1973). Hopwood, Mellor e O'Brien (2005) apontam conceito de desenvolvimento sustentável admite significados diferentes, e, por conseguinte gera diversas respostas a seu respeito. De modo geral, estes autores ressaltam que o conceito de desenvolvimento sustentável aborda questões ambientais, e também, questões socioeconômicas.

Gladwin, Kennelly e Krause (1995) apresentam cinco componentes que propiciam o desenvolvimento sustentável alicerçado ao desenvolvimento humano: inclusão; conectividade; equidade; prudência; e segurança. (1) Inclusão, a sustentabilidade deve incluir além eficiência ecológica, etapas sociais e econômicas; (2) Conectividade, a sustentabilidade demanda a compreensão dos problemas econômicos, sociais e ambientais como interrelacionados e interdependentes; (3)

Equidade, está alinhada a justa distribuição dos recursos na geração atual e nas próximas; (4) Prudência, devido à incerteza e imprevisibilidade do processo do desenvolvimento sustentável. (5) Segurança, são condições que o desenvolvimento humano exige contra riscos e ameaças. As cinco abordagens servem para analisar três correntes do desenvolvimento sustentável: Tecnocentrismo, Ecocentrismo e o *Sustaincentrism*.

a) Tecnocentrismo. Esta visão tem sua origem na Revolução Científica no século VII, é visão a dominante hoje, mainstream nos negócios e nos estudos organizacionais. “A terra é inerte e passiva e, portanto, legitimamente explorável.” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 882).

b) Ecocentrismo. Visão que “[...] diminui a distinção humana, ignora as relações fundamentais relacionadas à segurança humana e, portanto, à integridade ecológica, e repousa em bases filosóficas que atualmente não podem ser aceitas como guias práticos da conduta humana “GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995 p. 889). “A natureza é frágil, facilmente estressada e vulnerável.” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995 p. 887).

c) *Sustaincentrism*. O paradigma mais recente dentre os três, apresenta uma visão de desenvolvimento que abrange tanto os humanos quanto a natureza. Os autores acreditam que o *Sustaincentrism* “transcende ou substitui, ao mesmo tempo que ambos negam o que é disfuncional e preservam o que é benéfico nos polos alienados do tecnocentrismo e do ecocentrismo.” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 896).

Muitos dos estudos referentes a reestruturação ecológica, tem em comum que o cerne de discussão está na mudança dos padrões de produção e consumo, destacando a importância latente e crescente da questão ambiental adotados pelas instituições sem suas práticas (MOL, 2000). O processo de desenvolvimento ecologicamente sustentável é profundo, mas existem incoerências em relação a abordagens e processos para resolução de problemas que envolvem a sustentabilidade (DOVERS, 1996). O conceito de sustentabilidade admite diversas interpretações e este, rumo a um futuro sustentável, passou a ser cerne da ecologia política (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015).

Sustentabilidade é a capacidade de um sistema natural, humano ou misto de resistir ou se adaptar, em uma escala de tempo indefinida, a mudanças endógenas ou exógenas percebidas como ameaçadoras. O desenvolvimento sustentável é um caminho de mudança endógena deliberada (melhoria) que mantém ou aumenta esse atributo até certo ponto, enquanto responde às necessidades da população atual (DOVERS, 1996, p. 304).

Os problemas em relação à sustentabilidade devem ser pensados de maneira sistêmica, pois estão inter-relacionados. Deve existir diferença de tratamento nos problemas da sustentabilidade em relação aos outros problemas que também exigem demanda política, uma vez que os primeiros diferem em espécie e grau quando comparado aos demais (DOVERS, 1996). Compreende-se então, que “a

sustentabilidade é, portanto, uma condição de longo prazo (e provavelmente fantasiosa) e o desenvolvimento sustentável o processo variável de se aproximar dessa condição” (DOVERS, 1996, p. 304). Há uma diferença entre o conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

Enquanto a sustentabilidade refere-se à capacidade de manter algo em um estado contínuo, o desenvolvimento sustentável envolve processos integrativos que buscam manter o balanço dinâmico de um sistema complexo a longo prazo (MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2009 p. 193).

Sendo assim, nesta pesquisa, a sustentabilidade pode ser compreendida como algo maior, o objetivo que se almeja alcançar e o desenvolvimento sustentável como os parâmetros de ação a fim de alcançar a sustentabilidade. Cabe ressaltar que apesar de todas as dimensões da sustentabilidade (ambiental, econômica e social), a visão econômica é que se sobressai perante as demais. Entretanto, aponta-se também uma nova dimensão da sustentabilidade: ideológica, em que as instituições, regras e significados compartilhados que definem as relações sociais, a posição dos atores e dando a eles capacidade de interpretar o comportamento dos outros, são criadas a partir do momento em que os grupos de atores sociais se confrontam com algum tipo de relações divergentes (BOURDIEU, 1989, 2004, 2009; O’CONNOR, 2000).

A vagacidade e falta de embasamento teórico dos termos “desenvolvimento sustentável” e “sustentabilidade”, advindos do Relatório de Brundtland, gerou distorções em relação a seu significado (PIERRI, 2001; DOVERS, 1996; FEIL e SCHREIBER, 2017; HOPWOOD; MELLOR; O’BRIEN, 2005; PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015). Como é o caso de empresas que utilizam da “frouxidão” dos termos para justificar certas atitudes e políticas (HOPWOOD; MELLOR; O’BRIEN, 2005).

### 2.3.3 Sustentabilidade nas Organizações

A questão ambiental vem sendo retratada a mais de séculos em resposta a industrialização por consequência do sistema econômico que rege a sociedade: o capitalismo. Em uma perspectiva temporal, foi nos anos 90, quando as empresas começaram a reconhecer a existência de problemas ambientais e com isso, a concepção de desenvolvimento sustentável sugeriu mudanças na compreensão do que são as organizações (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995). Na relação entre

organizações, sociedade e ambiente, certos aspectos políticos e ideológicos, são ocultados por relações ditas como sustentáveis (MOL, 2000; O'CONNOR, 2000). O crescente aumento da adoção da sustentabilidade e sua recorrência em relatórios, mídia etc., fez com que movessem voltados para o desenvolvimento de práticas sustentáveis em diversas organizações, sendo elas em níveis políticos, financeiros, não governamentais e até mesmo atores engajados com o meio ambiente (MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014).

O conceito de sustentabilidade passou a ganhar popularidade em documentos corporativos, imputando uma reorganização e transformação considerando os aspectos ecológicos e outras vezes o mantendo utilizam para garantia do status quo. Compreender a sustentabilidade como prática discursiva utilizada pelas empresas contribui para compreensão de como as empresas adotam este conceito, pois muitas vezes esse discurso não está preocupado com um destino final a longo prazo (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006).

O'Connor (2000) destaca a existência de uma dissonância entre a sustentabilidade e o capitalismo em relação ao que se pode conferir como um discurso sustentável. Destacando que empresas adotam em suas práticas, o "esverdeamento" para proclamar um discurso sustentável e uma imagem 'verde' aos consumidores. A questão ecológica repercute na reflexividade das instituições, associando que os problemas ecológicos influenciam no processo de modernização, gerando transformações no âmbito institucional (MOL, 1997).

O discurso organizacional pode configurado em aspecto verbal, textual e visual. Este tem por objetivo disseminar "intenções, desejos, crenças e convicções, modos de ser e atuar no mundo" (IASBECK, 2009, p. 88). Nesse sentido, "os discursos não são apenas [...] destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos" (BOURDIEU, 2008, p. 53). Especificamente o discurso da sustentabilidade é algo estratégico para as organizações, pois embora se comprometam a realização certas práticas, ditas sustentáveis, estas estão alinhadas a interesses ideológicos, materiais e políticos (ROSENBAUM, 2011).

No debate e prática da sustentabilidade "como causa e potencialmente como solução para os problemas ambientais e sociais globais, as empresas convenientemente forneceram um significado amplamente em seu próprio interesse" (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006, p. 822). Assim, apresentar um

discurso sustentável “como norma social, passível de gerar lucro ou prejuízo simbólico, possibilita que o fato de dizer ‘ambientalmente correto’ possa ser uma estratégia de determinados atores sociais” (FONSECA, 2009, p. 23). Existem, portanto, diferentes entendimentos sobre em torno da sustentabilidade ocasionando disputas e conflitos de interesses no campo ambiental (LAYRARGUES, 2017; MOL, 2000; MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014; O’CONNOR, 2000). Por fim, a adoção ‘superficial’ da sustentabilidade em práticas e em discursos pode findar em consequências catastróficas para a vida humana e de ecossistemas, configurando-se em crimes ambientais.

### 2.3.4 Ecocídio: Crime Ambiental

O capitalismo, sistema econômico vigente, tem como característica fundamental a exploração da natureza pelo homem em nome do lucro. A história do desenvolvimento capitalismo está intimamente relacionada com a história orientada pelo Estado, este último deve ser colocado como cerne para reforma do capitalismo. “Gerenciar, mediar, produzir e entregar natureza não-humana à acumulação é uma função central do estado capitalista moderno” (PARENTI, 2016, p. 182). As organizações são impostas a certos limites legais pelo Estado, a fim de garantir a integridade ambiental e atuar como instrumentos de controle e manutenção de práticas ao meio ambiente e que, muitas das vezes, são nocivas a vida humana. Esta é uma das funções incumbidas ao Estado, atuar como sistema de regulamentação,

[...] abrange leis e regulamentos ambientais em todos os níveis do governo, incluindo controles sobre poluição, descarte de resíduos, extração de recursos, construção e operação de instalações industriais e infraestrutura de energia e transporte, bem como como medidas para a proteção de espécies e habitats (DUIT; FEINDT; MEADOWCROFT, 2016, p. 7-8).

Assim, conforme o Estado manifesta-se como “banco central que garante [...] certificados” que outorgam certas práticas (in)sustentáveis para organizações (BOURDIEU, 2004, p. 165). As organizações que se dizem sustentáveis, utilizam desse termo a fim de legitimar reconhecimento, notoriedade e uma boa reputação perante a sociedade. Em consequência disso, acabam por reduzir a fiscalização, controle e desviar o olhar do Estado a certas condutas (DUIT; FEINDT; MEADOWCROFT, 2016; MARTIN-CHENUT; NEYRET; PERRUSO, 2015; ROSENBAUM, 2011; SENA *et al.*, 2017).

A violação de aspectos legais em relação a práticas sustentáveis pode ser associada a questão econômica, uma vez que organizações utilizam do recurso monetário como forma de capital e seu poder de influência a fim de consolidar relações com órgão estatal burlando o cumprimento de regras em função do lucro (BOURDIEU, 2004, 2009; DUIT; FEINDT; MEADOWCROFT, 2016; SENA *et al.*, 2017). “A ausência ou fragilidade regulatória do Estado, pela falta de [...] acompanhamento da política ambiental, tanto favorece e legitima quanto é um efeito requisitado e dependente da influência política dos atores econômicos (BORINELLI *et al.*, 2019, p. 16).

A exploração da natureza engendra repercussões que podem culminar em grandes desastres e, até mesmo, crimes ambientais, produzindo consequências irreversíveis ao meio ambiente. A Lei n.º 9.605 de 12 de fevereiro de 1998 trata-se da lei que engloba punições contra atividades e práticas que possam causar danos ao meio ambiente. Essa lei serve de orientação para organizações, pois incrimina uma série de condutas lesivas ao meio ambiente. A proteção ao meio ambiente é alvo das agendas internacionais em razão da criminalidade ambiental. Apesar da referência global, em 2019 no Brasil, foi sancionado o projeto de Lei nº 2787 que tipificou o crime de ecocídio, sendo assim classificado como extermínio em larga escala de ecossistemas e da destruição fauna, flora e comunidades. Esta última foi fortemente debatida por conta do rompimento da barragem em Mariana (MG). De forma ampla,

[...] o crime de ecocídio como sendo um dano extenso, a destruição ou a perda de um ou vários ecossistemas de um determinado território, seja por ação humana ou por outras causas, de tal forma que o gozo ao direito à paz, à saúde e à qualidade de vida pelos habitantes daquele território tenha sido ou venha a ser severamente prejudicada (ROSSO; PIFFER, 2019, p. 119).

Dessa forma, a regulamentação e legislação sobre o ecocídio trata-se de uma forma de proteção do meio ambiente. Nesta pesquisa, compreende-se a subversão a imposições legais corrobora para a disseminação de práticas insustentáveis cometidas pelas organizações resultando em crimes categorizadas como ecocídio.

#### 2.4 CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTO DE PESQUISA: A SUSTENTABILIDADE COMO ALEGORIA

Antigamente, a fotografia costumava aplacar grupos da sociedade se restringindo a retratar de modo significativo vivências, relações e papéis sociais das

classes elitizadas (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006). Na atualidade, a acessibilidade a produção de fotografias apenas com um clique no celular passou a fazer parte da realidade de outros grupos sociais. Além da produção fotográfica, a rapidez de publicações em fontes midiáticas, como redes sociais, e o avanço da tecnologia romperam barreiras no acesso a registros da realidade. Com o advento da modernidade, a fotografia passou a representar uma “mudança de paradigma estético, uma reorientação que se distancia de um princípio de beleza e se move em direção a um princípio de formação/inação” (MÜLLER-POHLE, 2009, p. 14).

A avalanche de fotografias a qual se pode alcançar na palma da mão são consequências de um mundo virtualizado e midiaticado o qual promove encontros e coberturas instantâneos, senão ao vivo, com acontecimentos, fenômenos e pessoas. Fotos de drones, satélites, câmeras de celulares e mecanismos de edição avançada passam a integrar do universo das fotografias que antes se construía apenas com o uso de lentes, configurando mudanças em questões de abertura e luminosidade. Esses arquivos produzem um acervo para aqueles que não experienciaram e até mesmo para que gerações futuras possam acessá-los e de certa forma ter conhecimento sobre algum fato/momento histórico do mundo ou registros fotográficos pessoais, pois a “fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi” (BARTHES, 1984, p. 12).

Nas ciências sociais, o uso de imagens passou a ser utilizado em pesquisas, pois estas podem ser capazes de revelar algum conhecimento sociológico que nenhum outro meio pode ser capaz de enxergar. Ademais, as imagens estão onipresentes da sociedade, como formas de representação visual da mesma (BANKS, 2009). Coube a Sociologia Visual a adoção de fotografias como objeto de análise sociológica a fim de compreender os fenômenos sociais na realidade e a própria construção social da realidade (BECKER, 1995; HARPER, 1988). “Os sociólogos poderão observar, descrever, compreender e operar generalizações acerca de determinado fenômenos sociais numa determinada fatia temporal” (FERRO, 2015, p. 380) a qual é a fotografia.

“As metodologias visuais tendem mais ao exploratório do que o confirmatório” (BANKS, 2009, p. 24). É nesse sentido que escolha do objeto de análise desta pesquisa, os registros fotográficos, se alinha com a construção do projeto intelectual de Bourdieu, o qual visou construir uma teoria que elucidasse as relações na sociedade, não se fazendo prescritiva, mas reflexiva. O interesse de Bourdieu

(2003b) na análise dos usos sociais de fotografias se caracteriza por estas apresentarem a função de eternizar e solenizar acontecimentos de cunho social. Além disso, deve-se ter a compreensão de que as fotografias se constroem pela “ação humana (uma interpretação do mundo) e do mundo (um registro objetivo de um momento específico). Essas qualidades de subjetividade e objetividade se misturam de maneiras diferentes em várias abordagens da fotografia de ciências sociais” (HARPER, 1988, p. 2). É a partir relação dialética entre a objetividade e subjetividade que a sociologia bourdieusiana, aporte teórico desta pesquisa, funciona.

Os registros fotográficos testemunham e evidenciam certas condutas, padrões e estilos, podendo ser alocados ou até mesmo selecionados de modo a priorizar interesses, ações e práticas cometidas (BOURDIEU, 2003b; HRASKY, 2012). É tendo como base esse pensamento que esta pesquisa irá se pautar em compreender, a partir de fotografias, as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas no contexto de organizacional no que se refere a questão da sustentabilidade. Os agentes imbuídos de interesses, mobilizam ações a fim de atingi-los, logo recaindo sobre o próprio exercício da vida, a prática (BOURDIEU, 1996, 2004, 2009).

O acesso quase que imediato a fotografias de grandes eventos promovido pelo avanço tecnológico de diferentes meios e formas de capturar a realidade, ao mesmo tempo que pode ser algo tão benéfico para o acesso a informação, pode acabar por promover distorções em relação a uma determinada história que era contada dependendo da natureza do evento.

A publicação de relatórios sobre a sustentabilidade tornou-se uma prática comum de muitas organizações. Estes relatórios podem se configurar como ferramenta de comunicação de empresas que desejam demonstrar seu desempenho em nível ambiental, social e econômico (MORAVCIKOVA; STEFENIKOVA; RYPAKOVA, 2015). Hansen e Manchin (2013) apontam a crescente utilização do aspecto visual nas questões ambientais por diversas disciplinas. Assim sendo, a imagem visual passou a ganhar destaque na comunicação em meio a estas questões. O enfoque está em demonstrar o potencial da fotografia em representar os impactos ambientais a nível temporal, espacial, relacional e pessoal (THOMSEN, 2015).

Um exemplo disso, é o rompimento das barragens na cidade de Mariana em Minas Gerais, ocasionado pela Samarco Mineração S.A. A organização por integrar o grupo da Vale S.A. era vista como sustentável, recebendo esta classificação a partir de um fator métrico (Índice de Sustentabilidade Empresarial -

ISE). Vídeos reportam como se deu tal fato e fotos feitas por meio de drones, satélites, fotógrafos e até mesmo por moradores que experienciaram o ocorrido, registraram os impactos e desdobramentos ambientais, econômicos e sociais. Considerado o maior desastre ambiental nacional, o acontecido em Mariana (MG) é apontado como ecocídio, isto é, crime ambiental regulamentado por lei.

A adoção do uso de fotografias em relatórios passou a ser uma forma de ilustrar e refletir aspectos culturais, técnicos e ideológicos das empresas (ANDERSON; IMPERIA, 1992; HANSEN; MANCHIN, 2013). A comunicação eficaz se traduz como um dos elementos essenciais para promover relações sustentáveis entre pessoas e o sistema socioecológicos complexos, pois “é tudo aquilo que sustenta a fotografia na imagem (sua sustentabilidade) que a enclausura em um quase homogêneo sentido. Seria para destinar a ela uma condição de flutuação, de vida, de disparadora de sentidos outros” (BELINASO, 2017, p. 29). A sustentabilidade pode ser encarada como um dispositivo que atua em resposta às demandas urgentes imputadas pelas práticas (in)sustentáveis de organizações. “Todo dispositivo tem a função principal de responder a uma urgência e, por isso, possui um papel estratégico crucial na produção das verdades que predominam em determinados tempos históricos” (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2012, p. 398). As fotografias utilizadas em relatórios nesse sentido são uma forma das organizações buscarem de certo legitimar sua reputação como responsáveis socialmente (HRASKY, 2012).

De acordo com Bourdieu (2003b p. 156-157) a fotografia inclui “todo um simbolismo narrativo e, à maneira de um sinal ou, mais exatamente, de uma alegoria, expressa inequivocamente um significado transcendente e multiplica as conotações capazes de compor, sem ambiguidade, o discurso [...]”. Partindo dessa concepção, a sustentabilidade pode ser apreendida pelas organizações como alegoria, sendo uma construção idealizada que nada justifica e somente pode ser configurada a partir de parâmetros externos. Há nesse sentido um status alegórico, uma virtualização do significado, ou seja, uma extrapolação de significado de sustentabilidade por ela não ter um conceito definido. Portanto, para esta dissertação, tendo como base a Sociologia Visual, as fotografias e o ecocídio, o argumento de pesquisa foi a sustentabilidade vista como alegoria, pois além dessa virtualização de significado, a alegoria pode ser definida como “representação de uma ideia por meio de imagens” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 10), afinal as fotografias também

transcendem seu aspecto objetivo (denotativo), apresentando/denunciando também sentidos subjetivos (conotativo).

Apresentados os principais pressupostos, contextualização e conceitos teóricos em torno dos grandes temas que farão parte desta pesquisa, no capítulo seguinte, foram expostos os procedimentos metodológicos que contribuíram para a condução da mesma.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo foi elaborado com o intuito de apresentar o percurso metodológico e as etapas de condução desta pesquisa. Anteriormente as etapas, foram abordados o posicionamento onto-epistemológico da pesquisa e a relação de teoria e empiria à luz da sociologia bourdieusiana. A pesquisa desenvolvida nesta dissertação foi caracterizada como qualitativa e descritiva. A estratégia de pesquisa tratou-se de estudo de caso construído por meio de uma pesquisa documental. A análise foi conduzida a partir de uma metodologia que envolveu contribuições sobre análise de narrativas, análise de fotografias e interpretações inspiradas à luz da sociologia bourdieusiana. Ademais, neste capítulo também constam a escolha da unidade de análise, as orientações temáticas, os aspectos éticos e as limitações da pesquisa.

#### 3.1 POSICIONAMENTO ONTO-EPISTEMOLÓGICO

##### 3.1.1 Ontologia Historicista

A compreensão da natureza da existência das coisas, do ser e do existir é denominada ontologia, esta pode ser encarada a partir de duas perspectivas: objetivista e subjetivista. A primeira, assume a postura de que as coisas são propriedades particulares, em que sua existência se justifica por si só, isto é, independe da capacidade reconhecimento do indivíduo. Já a perspectiva subjetivista, parte de um processo de abstração, reflexão e imaginação do indivíduo, ou seja, depende da capacidade humana de acessar, conhecer, interpretar e reconhecer a existência de alguma coisa (MARSH; FURLONG, 2002). Na tentativa de elucidar os aspectos visíveis e invisíveis no campo, Bourdieu (1989, p. 268) utiliza-se da jornada temporal da história a fim de compreender a construção social da realidade, pois “a história é um dos meios mais eficazes para pôr a realidade à distância e para produzir um efeito de idealização e espiritualização e, deste modo, paradoxalmente, de eternização”.

A ontologia na sociologia bourdieusiana pode ser classificada como historicista, esta se funda numa dupla história proposta por Bourdieu: a história

reificada e a história incorporada. A história reificada é representada pela “[...] história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direitos, etc.” (BOURDIEU, 1989, p. 82). Já a história incorporada é a “história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus*” (BOURDIEU, 1989, p. 82). A ontologia historicista se propõe a explicar a relação entre campo e *habitus*, o objetivo e o subjetivo, assim sendo,

*Habitus* sendo ligado ao campo dentro do qual ele funciona (e dentro do qual, como na maioria das vezes, foi formado) por uma relação de cumplicidade ontológica, a ação do "sentido prático" equivale a um encontro imediato da história consigo mesma, através do qual o tempo é gerado. A relação entre o *habitus* e o campo, por meio do e para o qual é criada, é uma relação não mediada, infraconsciente e prática de *illusio*, de investimento, de interesse no jogo, a qual implica um senso de jogo e um senso (com o duplo sentido agregado ao significado de orientação, direção e significação) da história do jogo; em suma, uma antecipação prática ou uma inclinação para não ser enganado por um projeto consciente ou um esquema calculado (BOURDIEU, 1993a, p. 273-274; tradução do autor).

Bourdieu questiona a história reificada, tida como verdade absoluta em detrimento a história incorporada, advindas das experiências e vivências dos agentes. Seu intuito é desnaturalizar essa história reificada, contada pelos dominantes no campo, que se pretende justificar por si mesma, em favor das inquietações e incorporações dos indivíduos por meio do *habitus*. É nesse sentido, de contestar o reificado em detrimento ao incorporado que esta pesquisa foi orientada, ao questionar se aquilo que a empresa Samarco Mineração S.A. propaga está alinhado com aquilo o que é experienciado.

### 3.1.2 Epistemologia Histórica

A epistemologia pode ser comparada como a lente interpretativa para qual se deseja analisar a realidade, ela se apresenta como ponto fundamental para orientação de estudos e pesquisas. Trata-se do estudo filosófico de questões sobre o conhecimento, pensamento e raciocínio (STROUD, 2011). A epistemologia de Bourdieu pode ser classificada como histórica. Esta epistemologia contribui para a compreensão que permeia a relação dialética entre a agência e a estrutura. A história, para o sociólogo, retrata aquilo que envolve as estruturas e os indivíduos, sendo assim, a história representa uma forma de compreender o campo e as relações de dominação que nele existem (BOURDIEU, 1993b, 2004).

A epistemologia histórica, baseia-se nas propriedades históricas do acontecimento. Tudo aquilo que acontece em determinado campo, em alguma hora vai acabar fazendo parte da história do próprio campo (STROUD, 2011; BOURDIEU, 2004). Tendo em vista a posição do sociólogo em não privilegiar nenhum dos lados, agência ou estrutura, considerar o percurso histórico dos objetos de pesquisa permite uma forma alternativa de adquirir uma compreensão mais profunda e reflexiva da dinâmica das organizações.

Broady (1996) define seis princípios que caracterizam a epistemologia histórica de Bourdieu, os quais orientarão esta pesquisa: racionalismo aplicado; ciência em seus próprios pés; rupturas e obstáculos; primazia das relações; construcionismo; e por fim, epistemologias regionais. O racionalismo aplicado busca estabelecer um diálogo entre a razão e a experiência, dessa forma essa pesquisa se orienta nesse racionalismo aplicado com intuito de compreender a construção social da realidade por meio dos registros fotográficos de Mariana com a aplicação da teoria bourdieusiana.

A ciência em seus próprios pés, parte da ideia de que a ciência necessita se dissociar da filosofia, a fim de construir seus próprios conceitos e objetos (BROADY, 1996). Essa pesquisa se ampara nesse segundo princípio, tendo em vista que a epistemologia histórica tinha uma relação assimétrica ao racionalismo e o empirismo, busca-se construir de forma genuína a compreensão dos registros fotográficos de Mariana com a aplicação da teoria bourdieusiana. As rupturas e os obstáculos, se referem as quebras de formas habituais de pensamento, necessárias para o progresso do caminho científico. Com isso, esta pesquisa busca um novo olhar para fenômenos investigados, se desvencilhando de preconceitos e julgamentos sobre os mesmos. O quarto princípio, primazia das relações, refere-se ao rigor do cientista em analisar o sistema de relações e não a investigação dos elementos de forma separada. Isto se assume nesta pesquisa uma vez que a sociologia bourdieusiana se apoia no aspecto relacional dos conceitos, em que estes não devem ser analisados isoladamente, mas de modo integrado.

O construcionismo como quinto princípio, fundamenta-se que objetos construídos apresentam um sentido mais verdadeira, Broady (1996) aponta que Bourdieu interpreta a trajetória e posição dos agentes, sendo assim como e aonde chegaram. Desse mesmo modo, esta pesquisa se apoia nesse princípio tendo em vista a posição social dos agentes no campo, os quais utilizam de interesses, ações e

práticas com o intuito de preservar ou melhorar sua posição. Por fim, o sexto princípio, epistemologias regionais, adentra-se na análise contextualizada, concentrando no aspecto espacial e cultural, valorizando as relações e a história em contexto e tempo específico. Esta pesquisa se justificou nesse aspecto ao analisar os registros fotográficos do crime ambiental de Mariana, ou seja, situa-se em contexto, tempo e advém de uma história de relações. Destarte, essa pesquisa se fundamentou na ontologia historicista e na epistemologia histórica de Bourdieu a fim de um direcionamento dessa pesquisa para compreensão da construção social da realidade, tomando por base a necessidade compreender a trajetória histórica do fenômeno de interesse estudado.

### 3.1.3 Perspectiva de Compreensão da Realidade

A perspectiva de compreensão da realidade da sociologia bourdieusiana tem como base as perspectivas estruturalista-constructivista e constructivista-estruturalista. Esse pensamento da sociológica parte da relação de agência e estrutura, onde reside a objetividade e o subjetivo, por parte do agente, que constrói socialmente a realidade por meio das relações que estabelece. A relação entre agente e estrutura é uma relação dialética de interdependência. Sua perspectiva se concentra no estruturalismo, tendo em vista estruturas objetivas pré-estabelecidas que sua existência independe da vontade dos indivíduos, mas que podem coagir e coordenar suas ações e, ainda orientar o comportamento dos mesmos.

Diferentemente, em uma abordagem constructivista considera-se que, "os objetos de conhecimento são construídos [...] que o princípio dessa construção é o sistema de disposições estruturadas estruturantes" (BOURDIEU, 2009, p. 86), devido a esquemas de percepção, pensamentos. A construção social da realidade se dá não somente a partir da separação das estruturas, mas por meio de uma reação dialética entre as estruturas e as interações entre os agentes. É nessa perspectiva que essa pesquisa buscou compreender em profundidade, isto é, sem generalizações, a dinâmicas de relações sociais, a caracterizando como pesquisa de cunho qualitativo.

### 3.2 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Uma pesquisa respalda-se em um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (ANDER-EGG, 1978, p. 28, tradução nossa). Esta pesquisa classificou-se a partir de uma abordagem qualitativa, “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista, e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados” (FLICK, 2009, p. 24-25). Isso posto, esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois buscou compreender a construção social da realidade com profundidade por meio das narrativas pautadas em interesses, ações e práticas dos agentes situados no contexto social ocasionado pelo crime ambiental de Mariana, pois “pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes” (FLICK, 2009, p. 24).

Os dados foram analisados a partir de uma perspectiva descritiva, como o objetivo de compreender construir novos conhecimentos no campo que debate as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in) sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A. por meio de registros fotográficos. Dentro dessa perspectiva qualitativa, essa pesquisa é de caráter descritivo, pois

Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. Ainda quando a nossa preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados. Nesse sentido, a opção pela metodologia qualitativa se faz após a definição do problema e do estabelecimento dos objetivos da pesquisa que se quer realizar (GODOY, 1995, p. 63).

Tendo em vista o caráter descritivo dessa pesquisa e a profundidade que se deseja alcançar, buscou-se descrever e desvendar, por meio de registros fotográficos, possíveis categorias analíticas sobre o objeto de discussão proposto.

### 3.3 TEORIA E EMPÍRIA ORIENTADA PELA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

A reflexividade na pesquisa qualitativa é de grande importância, sendo que é reconhecido que o pesquisador influencia diretamente no processo de pesquisa, mesmo como pesquisador, tanto como pessoa. A “reflexividade nos convida

a pensar em como nossas próprias reações ao contexto da pesquisa e aos dados realmente possibilitam certos insights e entendimentos” (WILLIG, 2008, p. 18, tradução do autor). A sociologia bourdieusiana, explana sobre a reflexividade do pesquisador que em “suas análises sobre a natureza parcial e posicionado do conhecimento produzido pelos atores dentro de campos intelectuais são mais do que apenas o reflexo de seu próprio ponto de vista parcial e posicionado (BOURDIEU; CHAMBOREDOM; PASSERON, 2010, p. 57). O papel do sociólogo consiste em pesquisar os fenômenos de interesse que lhe causam inquietações e reflexões o intuito de compreender a construção da realidade social e os desdobramentos de determinado fenômeno. Bourdieu (2003a, p. 694) aponta que

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num trabalho, num olho sociológico permite perceber e controlar no campo, na própria condução da pesquisa os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência dos próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos na ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas.

Nesta perspectiva,

Para saber construir o objeto e conhecer o objeto que é construído, é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído, e é necessário conhecer tudo isso para nos interrogarmos sobre as técnicas de construção das perguntas formuladas ao objeto (BOURDIEU; CHAMBOREDOM; PASSERON, 2010, p. 64).

O método em Bourdieu, apoiando-se em seus pressupostos onto-epistemológicos, isto é, na iluminação sobre a origem e desenvolvimento dos fenômenos e ao considerar as propriedades históricas dos acontecimentos e o próprio decorrer, têm sua construção retomando o pensamento de Bachelard de que o fato científico é conquistado, construído e constatado (BROADY, 1996). O fato conquistado se assemelha à história reificada, o fato construído à história incorporada e por fim, o fato constatado, seria o vínculo entre os outros dois, onde o filósofo e sociólogo faz o uso da história incorporada para questionar a história reificada. É nesse fato que está o âmago de sua pesquisa. Da intersecção entre os três fatos, obtêm-se o conhecimento, a prática. Nesse sentido, a pesquisa, necessita de um certo rigor, isto é, aquilo que caminha entre o senso comum e o conhecimento científico, a fim de verificar se a teoria alcança a razão e a experiência.

O pesquisador deve conhecer o fenômeno estudado afim de se desvincular de certos preconceitos e não recair ao senso comum. A fotografia em expressar de forma temporal, busca registrar o momento presente gerando um arquivo que retrata o passado, para análises e visualizações futuras. Dessa forma, ela representa muito mais do que simples imagem objetivada e estática. Assim, o interesse a esse objeto de estudo se corrobora com a ideia de tudo que está por trás da fotografia objetivada, todo o contexto, a história, detalhes e as particularidades que levaram a sua composição. Já o contexto de crime ambiental que aconteceu em Mariana, retém atenção, pois evidencia o quão a noção de sustentabilidade ainda é vaga para as grandes organizações como também para os desdobramentos do crime a nível nacional sendo possível ter um pouco da dimensão por meio de registros fotográficos.

A relação ente teoria e empiria se apresenta quando o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, “enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 23-24). Nessa pesquisa, teoria e empiria trabalharam no intermediário entre objetivo e o subjetivo no processo de elucidação e decifração das fotografias referentes ao crime ambiental, apresentado como estudo de caso desta pesquisa.

#### 3.4 ESTRATÉGIAS DA PESQUISA

As estratégias de pesquisa consistem no processo de construção do pesquisador para atingir seu objeto de investigação. Esta pesquisa adquiriu uma perspectiva teórica e também empírica. O nível teórico é apresentado por conta do referencial teórico o qual aborda a lente interpretativa desta pesquisa, a teoria social de Pierre Bourdieu. Para se alcançar o nível empírico, é necessário estar “imerso na especificidade de uma realidade empírica, historicamente situado e datado, mas apenas para construí-lo como uma instância em um universo finito de configurações possíveis” (BOURDIEU, 1993a, p. 271-272). Assim sendo, para que possa atingir a realidade empírica esta pesquisa se utilizou de estudo de caso que consiste em uma

[...] investigação detalhada de uma ou mais organizações ou grupo dentro de uma organização, com vistas a prover uma análise do contexto e dos

processos envolvidos no fenômeno em estudo. O fenômeno não está isolado de seu contexto (como nas pesquisas de laboratório), já que o interesse do pesquisador é justamente essa relação entre o fenômeno e seu contexto (HARTLEY, 1994, p. 208).

Essa concepção de estudo de caso, se assemelha com a concepção de estudo de caso de Merriam (2009) a ideia de não se considerar o fenômeno dissociado de seu contexto. A autora coloca que os estudos de caso são formas de se acessar ação, percepção e interpretação complexas. Essa visão também compactua com o pensamento de Bourdieu (2004) ao afirmar que não busca recair em juridismo cometido por muitos pensadores, isto é, em uma compreensão generalista da realidade. Para ele, o que estes pecam é em desconsiderar a prática dos agentes influenciada por suas histórias, seus *habitus* e suas trajetórias no campo. Faz necessário para o filósofo e sociólogo considerar todas estas influências a fim de ter uma compreensão mais profunda da construção social da realidade e logo das relações sociais e as dinâmicas do campo em sua complexidade.

Merriam (2009) apresenta três tipos de estudo de caso: particularistas, descritivos e heurístico, contudo, a partir da definição dos objetivos e o escopo dos estudos que conduzirão essa pesquisa se pauta no estudo de caso do tipo particularista, isto é, concentra-se em determinado fenômeno em particular. Considera-se que a empresa Samarco Mineração S.A. é o estudo de caso que conduz essa pesquisa. O contexto, no qual se traduz como interesse dessa pesquisa consiste no rompimento da barragem em Mariana.

O estudo de caso foi constituído a partir da pesquisa documental. Os registros fotográficos do crime ambiental ocasionado pelo rompimento da barragem representam um grupo de objetos ou elementos significativos para a pesquisa, que se apresentam como relevantes pelo fato de serem dotados das informações que a pesquisa se propõe a coletar (HARTLEY, 2002). Os registros fotográficos foram selecionados a partir do olhar do autor considerando o escopo desta pesquisa. O acesso a estes foi por meio de relatórios, rede sociais e site oficial da empresa Samarco Mineração S.A., responsável pelo rompimento da barragem.

### 3.5 UNIDADE DE ANÁLISE

A escolha da unidade de análise ocorreu devido o crime ambiental que aconteceu na cidade de Mariana – Minas Gerais pela mineradora Samarco

Mineração S.A. Considerado o maior o maior desastre ambiental do país, este evento fez com que a lama atingisse a cidade gerando calamidades a nível econômico, social e ambiental, por isso foi considerado um crime perante os moradores da região, funcionários e a toda sociedade brasileira. O rompimento da barragem causou danos irreversíveis no subdistrito de Santa Rita Durão, Bento Rodrigues, e seus reflexos geram impactos incalculáveis até hoje.

### 3.6 ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS

A definição das orientações temáticas de uma pesquisa se apresenta como forma de evidenciar quais os conceitos expostos no referencial teórico são relevantes para a condução da pesquisa. Nesta pesquisa, a intersecção entre a sociologia bourdieusiana, a fotografia e a sustentabilidade foi escolhida a partir do objetivo proposto, que consistiu em desvelar, a partir de registros fotográficos do crime ambiental de Mariana, as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A. A concepção dos conceitos de interesses, ações, práticas, fotografia e sustentabilidade são as temáticas centrais dessa pesquisa.

Para tanto, faz-se necessário a apresentação destes e outros conceitos, uma vez que a sociologia bourdieusiana é relacional, dentre eles a história, estratégia, *habitus*, poder e, também a dimensão ideológica da sustentabilidade. O interesse é compreendido aqui como a pré-disposição do agente no anseio por fazer parte do campo. Além disso, os interesses dos agentes estão embutidos em discursos e, na maioria das vezes não estão explícitos e não são claros para aqueles que estão à margem de sua interpretação (BOURDIEU, 2004, 2008). A ação, ou as ações, são entendidas como atos concretos voltados a atingir determinado fim, entretanto estes dependem de dois fatores, as relações sociais estabelecidas e a posição social e as incorporações daquele que as emprega (BOURDIEU, 2011). A prática é entendida como manifestação pela qual a ação acontece (BOURDIEU, 2009).

O *habitus* refere-se ao conjunto de disposições duráveis, isto é, vontades, parâmetros de comparação, formas de enxergar a realidade que configuram esquemas de percepção e ação, por meio da prática manifestada pela ação. O *habitus* se configura no conflito entre a história objetiva e a história incorporada, ou seja, funciona elemento orientador de percepção e ação do agente a partir daquilo que

incorpora diante as experiências e vivências no campo. O *habitus* como princípio gerador da prática e ela como o elo entre ele e a ação, constitui como construção histórica. O indivíduo com o interesse em fazer parte do campo realiza ações a quais se se findam manobras de improvisação, ou seja, estratégias, a fim de garantir, manter ou aumentar seu poder no campo (BOURDIEU, 1989, 2004, 2009).

A fotografia do crime ambiental como forma de resguardar o presente que se tornou, admite uma gama de interpretações, pois pode revelar a dimensão ideológica de sustentabilidade apreendida da empresa analisada, transmitindo significados compartilhados que compõem a cultura das organizações. Dessa forma, a sustentabilidade ultrapassa as fronteiras ambientais, sociais e econômicas e passa a integrar também essa dimensão ideológica (O'CONNOR, 2000).

Para que se possa acessar estes conceitos nesta pesquisa, em um primeiro momento, foi realizada a descrição das manifestações objetivas percebidas por meio do aspecto visual, isto é, discriminação dos elementos/objetos que compõem as fotografias. Estes elementos objetivos denunciam elementos subjetivos e além do mais, também acusam valor e sentido. Para tanto, em um segundo momento, foi analisada a relação entre os elementos, levando em consideração a disposição destes que findam na composição da fotografia, sua relação com os acontecimentos, data de publicação e possíveis legendas utilizadas. É a partir das fotografias que foi possível alcançar um sistema de significações, isto é, por meio delas, encontrar relações com as orientações temáticas que regem esta pesquisa. A partir da exposição das temáticas centrais a fim de atingir os objetivos desta pesquisa, apresentou-se como os dados foram acessados na realidade.

### 3.7 ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE

A abordagem qualitativa de pesquisa permite uma gama de possibilidades nos métodos para coleta de dados, assim sendo

[...] a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, [...] a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas (GODOY, 1995, p. 21).

A coleta de dados nessa pesquisa foi feita por uma análise documental, pois “podem ser a melhor fonte de dados sobre um assunto específico, melhor do que observações ou entrevistas” (MERRIAM, 2009, p. 155). Os documentos “são um produto do contexto em que foram produzidos e, portanto, fundamentados no mundo real” (MERRIAM, 2009, p. 156). Existem dois tipos de fontes de documentos, fontes primárias e secundárias. “Fontes primárias são aquelas nas quais o autor do documento está relatando a experiência em primeira mão com o fenômeno de interesse” (MERRIAM, 2009, p. 151). As fotografias são, no caso dessa pesquisa, retiradas de sites públicos de jornais, revistas e relatórios das duas empresas em análise, se classificam como fontes secundárias porque “são relatos de um fenômeno por aqueles que não experimentaram diretamente o fenômeno de interesse; estes são frequentemente compilados posteriormente” (MERRIAM, 2009, p. 152).

Para Bourdieu e Bourdieu (2004, p. 34), “é compreensível que as fotografias devam ser objeto de uma leitura sociológica; e que nunca sejam consideradas em si mesmas e por si mesmas em termos das suas qualidades técnicas e estéticas”. “Somente as fotos podem contar a história do que o fotógrafo considerava importante capturar, que valores culturais poderiam ser transmitidos pelas fotos em particular e assim por diante” (MERRIAM, 2009, p. 145). Dessa forma, com o intuito de aprofundar as discussões sobre essa realidade social, foram extraídas fotografias publicadas no relatório de sustentabilidade, site institucional, book de um ano de rompimento e Facebook da Samarco Mineração S.A. Exposta a coleta de informações, apresenta-se a seguir a condução da análise destas.

### 3.8 ANALISANDO AS INFORMAÇÕES

Com a fotografia tendo forte poder de comunicação, busca-se uma metodologia de análise dos dados em consonância com a coleta dos dados, que não despreze as particularidades da fotografia, mas que valorize seu potencial de anunciar pelo aspecto visual aquilo está visível e invisível aos olhos daquele que observa o fenômeno. “A análise de dados é o processo de extrair sentido dos dados. E entender os dados envolve consolidar, reduzir e interpretar [...] e o que o pesquisador viu e leu - é o processo de fazer sentido” (MERRIAM, 2009, p. 176).

As fotografias “são plenas de ambiguidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas” (KOSSOY, 2002, p. 22). Bourdieu parte do interesse de captar, por meio de fotografias, situações de inquietação e momentos críticos temporários (WACQUANT, 2004). De acordo com Harper (2003, p. 195) “a fotografia perde sua reivindicação de objetividade. De fato, o poder da foto está em sua capacidade de desbloquear a subjetividade daqueles que veem a imagem de maneira diferente do pesquisador”. A fotografia “é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente” (KOSSOY, 2002, p. 59).

Kossoy (2002) expõe dois caminhos para interpretação iconológica das fotografias envolvendo a dimensão objetiva e os significados ocultos e simbólicos que estas manifestam: o primeiro que consiste no resgate da história daquilo que foi registrado e o segundo envolvendo o processo de criação da fotografia. Procurou-se, por meio desses caminhos de interpretação iconológica, decifrar a realidade presente na fotografia, seus significados, aspectos ocultos, etc., pois “as fotografias têm volume, opacidade, tatilidade e presença física no mundo e, portanto, incorporam interações subjetivas e sensuais” (EDWARDS; HART, 2005, p. 1). Nesse sentido, considerando a gama de interpretações que uma fotografia pode assumir e selecionados os dados dessa pesquisa, os registros fotográficos do crime ambiental de Mariana serão interpretados sob a ótica da análise de narrativas.

As fotografias são transmitidas pela linguagem de registros não verbais, pois o “fotógrafo produz símbolos, manipula-os e os armazena [...] O resultado desse tipo de atividade são mensagens” (FLUSSER, 2002, p. 22). A análise de narrativas como forma de interpretação se traduziu como adequada a esta pesquisa, pois a fotografia como forma de mensagem fornece evidências dos universos simbólicos que conferem sentido e valor para os elementos objetivos capturados pela imagem, ou seja, denuncia sem pontualmente demonstrar e explicar (FLICK, 2009). “A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa” (BARTHES, 1976, p. 103-104).

“O homem é em suas ações e prática, bem como em suas ficções, essencialmente um animal que conta histórias” (MACINTYRE, 1981, p. 216), seja qual

for a sua história, ele pode ser caracterizado como *homo narrans* (FISHER, 1984). Na questão organizacional a questão não é diferente, as organizações “elaboram e comunicam determinadas narrativas com o intuito de mobilizar os públicos, incitá-los a uma ação [...]” (CARNEIRO; BARROS, 2017, p. 298). “Um dos subprodutos mais significativos e potencialmente poderosos da ciência organizacional são as formas de linguagem - suas imagens, conceitos, metáforas, narrativas e afins” (GERGEN; THATCHENKERY, 2004, p. 242). Desse modo, “uma boa análise narrativa pode ser feita como um conjunto de cenários, um conjunto de narrativas alternativas desenvolvidas esquematicamente” (ZALD, 1993, p. 522).

Portanto, esta pesquisa se preocupou em analisar as narrativas referentes as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela organização Samarco Mineração S.A. inserida no contexto histórico do crime ambiental já anteriormente mencionado. Isto posto, foram delineadas cinco dimensões (praxiológica, descritiva, interpretativa, reflexiva e relacional) que integram etapas para análise dos registros fotográficos do crime ambiental em Mariana. Alicerçado em autores que propuseram perspectivas teórico-metodológicas sobre a inserção das fotografias em pesquisas dispostas no Quadro 1 e práticas da Sociologia Visual apresentadas no tópico 2.2.3, o Quadro 2 foi elaborado apresentando as etapas e suas respectivas descrições inspiradas nestes autores.

Quadro 1 – Compilado de perspectivas teórico-metodológicas de fotografias em pesquisas

Fonte	Perspectivas teórico-metodológicas
Greenwood, Jack e Haylock (2018)	Elaboraram uma metodologia trimodal para análise de relatórios corporativos: análise categórica, análise de conteúdo e análise retórica. Destaca-se a última análise, pois é onde é feita a análise de fotografias.
Oliveira, Serrasqueiro e Mota (2018)	Fazem o uso do método de análise de conteúdo para leitura de imagens em relatórios corporativos anuais corporativos de sustentabilidade.
Hrasky (2012)	Utiliza testes não-paramétricos (teste U e teste de classificações sinalizadas de Wilcoxon) para verificar as hipóteses elencadas, a partir do uso fotografias e gráficos em relatórios corporativos de empresas pouco alinhadas com a sustentabilidade como forma estratégica de divulgação visual tendo por base a teoria da legitimidade.
Grady (1996)	Pioneiro na Sociologia Visual, apresenta práticas para a análise de imagens a fim de compreender fenômenos sociais.

Weller (2005)	Reformulam o que foi proposto Karl Mannheim na análise de fotografias, e elegem dois tipos de interpretação para isto: a interpretação formulada e a interpretação refletida.
Barthes (1990)	Considera a conotação e a denotação como sentidos imbricados presentes nas fotografias. Para isto, existem processos de conotação que atuam em consonância com os processos de denotação: trucagem, pose, objetos, fotogenia, estetismo e sintaxe.
Rose (2001)	Destaca elementos que fazem parte da composição das fotografias: conteúdo, cor, organização espacial, luz e conteúdo expressivo.
Smit (1996); Ferro (2015)	Tecem orientações para análise de fotografias.
Kossoy (2002)	Enfatiza o caráter multifacetado das fotografias, destacando análise e interpretação de seu conteúdo.
Agustín LaCruz (2006)	Estabelece bases teóricas e metodológicas para análise de conteúdo de retratos pictóricos. Contudo, evidencia que a mesma técnica pode ser utilizada para análise de fotografias.
Pinto Molina, García Marco e Agustín Lacruz (2002)	Estudo voltado para organização (indexação e resumo) de documentos digitais e multimídia em geral. Apresentam técnicas e procedimentos específicos para análise de fotografias, em que a imagem fixa inclui visualização, denotação e conotação.

**Fonte:** elaborado pelo autor (2021).

Primeiramente, cabe ressaltar que Bourdieu e Wacquant (1992) consideram o discurso da prática científica como catastrófico. Para não recair ao ‘teorismo’ e as incongruências metodológicas apresentados por este discurso, os autores definem três níveis indissociáveis para a prática científica: a epistemologia, a metodologia e a teoria. A verdadeira teoria se constrói somente a partir do trabalho científico que pode ser elaborado a partir da mesma. Nesse sentido, esta pesquisa foi desenvolvida em consonância com esta prática científica a partir da relação de interdependência entre o nível epistemológico, o nível metodológico e o nível teórico. O percurso metodológico desta pesquisa está envolvido nessa tríade e este pensamento exerce influência até mesmo na nomenclatura das categorias demonstradas no Quadro 2.

Quadro 2 – Percurso Metodológico da Pesquisa

	Ações Teóricas	Trabalho científico desenvolvido a partir da teoria construída por meio dele			
Etapa 1	Pesquisa documental <i>Researching</i> (GRADY, 1996) <i>Mythologizing</i> (GRADY, 1996)	Coleta de registros fotográficos do crime ambiental de Mariana (2015) extraídos dos relatórios de sustentabilidade, book de um ano de rompimento da barragem, redes sociais e site corporativo da Samarco Mineração S.A.	Dimensão Praxiológica	Dimensão Relacional	Análise de Narrativas
Etapa 2	Seleção das fotografias	Os registros fotográficos a serem analisados serão escolhidos a partir do olhar do pesquisador que se baseará no escopo da pesquisa.			
Etapa 3	Organização dos Dados (FERRO, 2015; HARPER, 1988)	Os dados serão organizados de modo narrativo e de tal maneira que possa encontrar ou não contradições e padrões de interação entre as mesmas a fim de compreender a construção social da realidade de determinado fenômeno/evento retratado.			
Etapa 4	Elementos da fotografia (AGUSTÍN LACRUZ, 2006; BARTHES, 1990; ROSE, 2001;)	A quarta etapa envolve a análise cromática (cor), espacial, composicional, luminosa (luz), do enquadramento e do conteúdo expressivo das fotografias selecionadas. Estes elementos serão apreendidos a partir da observação direta do pesquisador ao registro selecionado. As cores ou a até a ausência de cor, ou seja, a temperatura, a vivacidade ou não das cores são forma de transmitir consonância ou dissonância daquilo que se deseja retratar. O jogo de luz e sombra, é um meio de contraste de modo a enfatizar ou não determinado objeto. O espaço está diretamente relacionado como os elementos estão dispostos. O composicional é a junção de elementos que fazem parte da cena. Enquadramento é o recorte da realidade escolhido. O conteúdo expressivo envolve o sentido da fotografia em evocar/ transmitir sensações.	Dimensão Descritiva		
Etapa 5	Interpretação formulada Interpretação refletida (WELLER, 2005) <i>Interpreting</i> (GRADY, 1996)	Nesta etapa, será realizada, a partir da bagagem cultural do pesquisador, a descrição detalhada dos elementos objetivos presentes nas fotografias, isto é, aquilo que está presente na fotografia e pode ser observado por meio do aspecto visual. Após isso, também considerando a bagagem cultural do pesquisador, serão empreendidas interpretações a partir de uma análise detalhada do conteúdo das mesmas e com subsídio em narrativas escritas auxiliaram no processo analítico-interpretativo.	Dimensão Interpretativa		
	Análise retórica (GREENWOOD; JACK; HAYLOCK, 2018; PINTO MOLINA; GARCÍA MARCO; AGUSTÍN LACRUZ, 2002)	Levando em consideração as interpretações da etapa anterior, a análise retórica da fotografia surge da distinção entre o sentido literal e o sentido conotado, relevando até mesmo significados simbólicos. Assim sendo, o pesquisador irá interpretar a fotografia transcendendo seu sentido denotativo e buscando encontrar o sentido conotativo e simbólico que transcende a fotografia destacando os elementos objetivos e os elementos subjetivos, além de estabelecer relações entre estes. Após isso, ocorrerá o processo de representação, em que serão sintetizadas as informações transmitidas pelas fotografias.			
Etapa 6	<i>Explicating</i> (GRADY, 1996) <i>Visualizing</i> (GRADY, 1996)	Após realização das etapas anteriores, o pesquisador irá construir relações com o alicerce teórico da sociologia bourdieusiana a fim de capturar construir pontes de relações com a teoria de modo a identificar os interesses, ações e práticas (in)sustentáveis da organização elegida.	Dimensão Reflexiva		

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

A análise contou com cinco dimensões, a dimensão praxiológica, a dimensão descritiva, a dimensão interpretativa, dimensão reflexiva e a dimensão relacional. Estas receberam estas nomenclaturas inspiradas nos pilares da sociologia bourdieusiana elencados no tópico 2.1. A dimensão praxiológica se relaciona com a sociologia bourdieusiana, tendo em vista que a prática é a manifestação da construção social da realidade que acontece de maneira inesperada e incorporada. O contato com a realidade, isto é, a própria relação pesquisador-objeto ganha forma, pois não sabe o que aconteceu na realidade, mas de certa forma aquilo que foi incorporado irá se manifestar na análise após este contato (BOURDIEU; WACQUANT, 1992; MÜLLER, 2006). Por isto, esta dimensão contempla as primeiras três etapas, sendo o primeiro contato com o material de análise a partir da pesquisa documental juntamente com a práticas da sociologia visual de *Researching* e *Mythologizing* elencadas por Grady (1996), a seleção do que será analisado e a organização deste. Dessa forma, serão coletados dados secundários, no caso as fotografias – *Researching* – publicadas por fontes midiáticas – *Mythologizing* – da empresa selecionada.

A dimensão descritiva contempla a etapa 4 e parte da etapa 5, pois as fotografias são detentoras de características e elementos os quais exercem influência àqueles que estão a cargo de sua interpretação, ademais para Bourdieu (2003b) as fotografias são representações exatas da realidade e deve-se decifrar os significados que ela revela, além dos significados que ela extrapola. Para tanto, a outra parte da etapa 5, integra a dimensão interpretativa que escapam aos elementos objetivos ou sentido denotativo e recaem a novos significados, sentidos conotativos.

A dimensão reflexiva que inclui a etapa 6, é assim classificada, pois Bourdieu a partir da sua teoria social entender ser necessário a reflexividade do pesquisador se posicionar em relação ao objeto de estudo e assim conseguir acessar a construção social da realidade superando dicotomia entre o objetivismo e o subjetivismo (MATON, 2003). Vale ressaltar que o que se deseja alcançar, considerando todas as dimensões e etapas, são as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis sobre a organização selecionada, para tanto nesta etapa irá construir pontes de relações com a sociologia bourdieusiana a partir das fotografias para alcançar este objetivo. Deste modo, para melhor organização da análise, os dados foram apresentados a partir de uma história criada pelo autor em diferentes capítulos, onde pontos de associação/assimilação e de

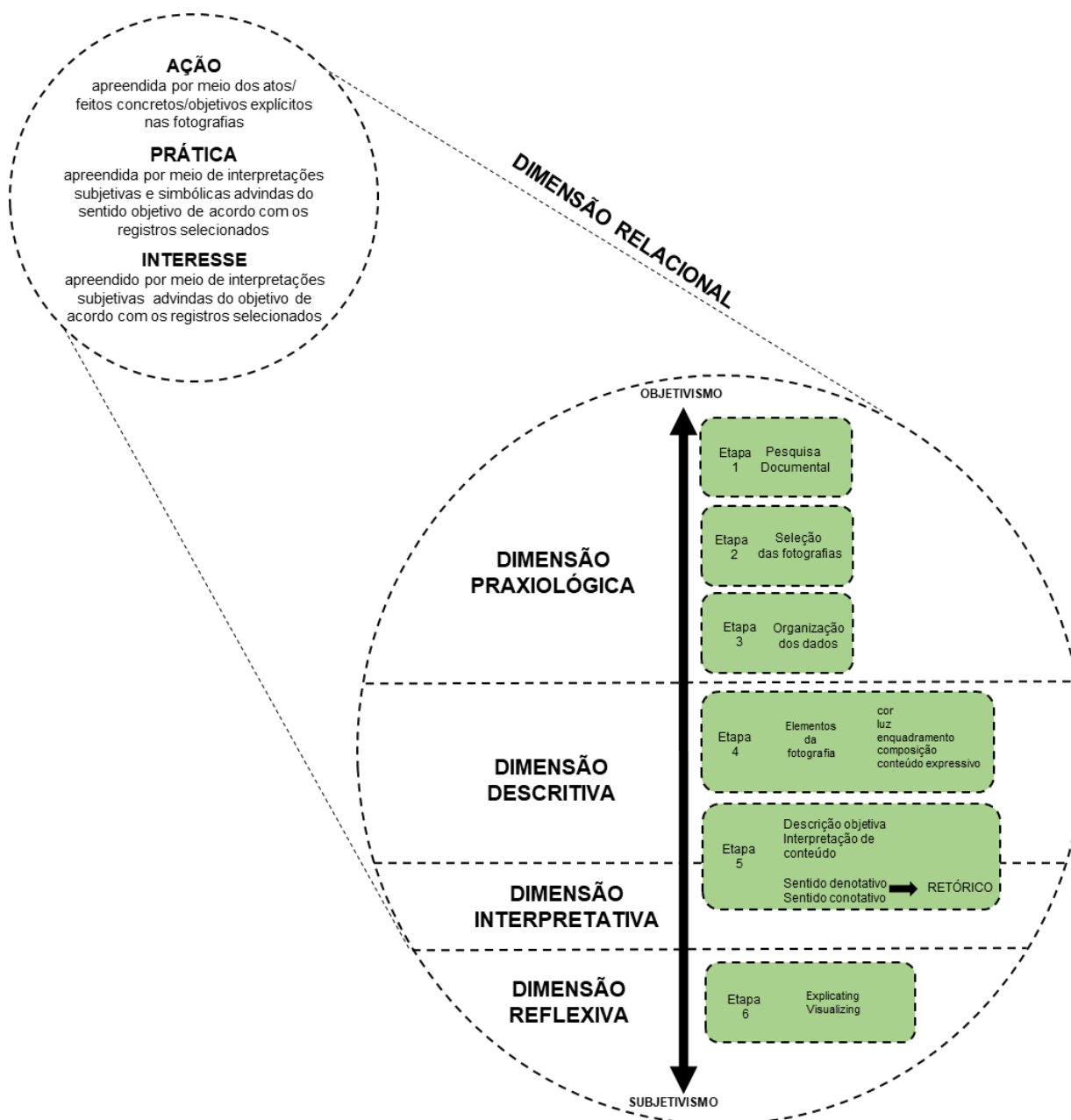
separação/distanciamento de fotografias foram elencados de acordo com o capítulo que estão localizadas.

Em suma, esta etapa consistiu na elucidação – *Explicating* – dos registros fotográficos selecionados a partir da teoria social de Pierre Bourdieu - *Visualizing*. Por fim, a dimensão relacional que envolveu a construção interpretativa dos conceitos conforme as etapas vão acontecendo, englobou todo o percurso metodológico desde a etapa 1 até a etapa 6, caracterizando o processo de análise de narrativas desenvolvido pelo pesquisador.

Fundamentada na apresentação de como se constituiu o processo de análise das informações, a Figura 3 foi elaborada de modo a facilitar a visualização deste a partir de um esquema que integre as dimensões e etapas. Os conceitos norteadores (interesse, ação e prática) são colocados no topo, uma vez o objetivo da pesquisa é alcançar as narrativas relacionadas a eles em meio a questões (in) sustentáveis. A ação será apreendida por meio da visualização de atos/ feitos concretos/objetivos explícitos nas fotografias. Interesse e prática serão capturados nos registros fotográficos selecionados por meio de interpretações subjetivas e até mesmo simbólicas advindas do sentido objetivo. O círculo tracejado dividindo as quatro dimensões, mostra a relação direta e não aprisionada entre as etapas que compõem cada uma delas. Isto se dá, pois, a sociologia parte de um estruturalismo dinâmico, ou seja, uma dinamicidade que permeia o objetivismo e o subjetivismo para que se possa compreender a construção social da realidade (BOURDIEU, 2004).

Partindo do princípio de uma análise, pautada em orientações temáticas supõe que tudo aquilo que se supôs encontrar poderá ser encontrado e aquilo não foi citado provavelmente não estará nas fotos. Entretanto, partindo de uma análise fundamentada na sociologia bourdieusiana não é possível construir uma análise pautada em lógica racional, uma vez que a lógica da prática para Bourdieu (2009) não o é. Neste sentido, dentre as orientações dispostas nos procedimentos metodológicos desta pesquisa outras novas emergiram no decorrer do processo. Essas características da prática foram apreendidas por meio de interpretações subjetivas e simbólicas advindas do sentido objetivo de acordo com os registros selecionados.

Figura 3 – Esquema metodológico da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

A partir dessa relação entre a dimensão objetiva e a dimensão subjetiva procurou-se estabelecer uma aproximação para com as etapas elencadas. A linha com flechas em ambas as pontas representando o objetivismo e o subjetivismo torna-se um meio explicativo de interpretar quais etapas tendem mais a uma perspectiva objetivista ou subjetivista. A dimensão relacional entre os dois círculos decorre da relação entre as etapas que emergem a reposta da pesquisa, isto é, os conceitos conversam com todas as etapas de modo relacional, pois os conceitos e os objetos de pesquisa não devem ser analisados isoladamente, mas sempre em relação

a algo ou a própria maneira de como se relacionam uns com os outros (BOURDIEU; CHAMBOREDOM; PASSERON, 2010). Expostas as etapas que consistiram na análise desta pesquisa, o próximo tópico apresentou os aspectos éticos e limitações da pesquisa.

### 3.9 ASPECTOS ÉTICOS E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

“Pesquisadores qualitativos estão interessados em explorar o mundo a partir da perspectiva de pessoas de dentro da cultura. Seus métodos são projetados para permitir que eles se aproximem da ação e se aproximem de seus informantes [...]” (HATCH, 2002, p. 65, tradução do autor). Assim sendo, as dimensões éticas são de fato outro aspecto de grande importância numa pesquisa. Tendo em vista, a utilização de registros fotográficos, deve-se atentar ao forte poder da mídia em manipulação de imagens. Por isso, nesta pesquisa busca-se os direitos reservados as imagens em documentos oficiais, redes sociais e sites confiáveis. A coleta de registros fotográficos será somente realizada nos meios de veiculação de acesso e conhecimento público, como por exemplo os sites e redes sociais da empresa mencionada. Toma-se por base a veracidade e a real procedência dos registros fotográficos, para que ao provocar determinadas reflexões e discussões em torno do tema questão, não se possa gerar interpretações distorcidas e distanciadas do real contexto e da verdadeira realidade.

Dessa forma, a pesquisa se limita ao fato da busca por registros fotográficos em fontes as quais podem conter fotos enviesadas, como é o caso da escolha estratégica da empresa em utilizar aqueles que podem lhe favorecer de alguma forma. Um outro fator limitante, está no fato de que o documento analisado, no caso desta pesquisa, as fotografias, representam uma parte do fenômeno em análise, não sua totalidade. Entretanto, nesta perspectiva pode se estabelecer uma associação com a sociologia bourdieusiana, pois esta não busca generalizações e não analisa a realidade em sua totalidade, mas visa capturar e analisar determinado fenômeno em profundidade, mesmo que seja a partir de uma visão delimitada como é o caso do registro fotográfico, sendo um recorte temporal de um momento ou acontecimento.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo teve como objetivo apresentar a análise das fotografias extraídas dos documentos que integraram a pesquisa, dentre eles: o Relatório de Sustentabilidade Bial de 2015-2016; o Book de um ano do rompimento de Fundão; o site corporativo, Facebook e LinkedIn da Samarco Mineração S.A. Após uma varredura nestas fontes, foram analisadas 16 fotografias. Sendo cinco delas extraídas do relatório; quatro do Facebook da empresa; três do Book e duas do site institucional. Ressalta-se que na rede social LinkedIn da empresa em questão não foram encontradas fotografias correspondentes. No relatório de sustentabilidade do ano de 2017 e no relatório de sustentabilidade bial de 2018-2019 também não foram encontradas fotografias que se enquadram na pesquisa. Baseado em na teoria social de Bourdieu, para a construção dinâmica da análise dos dados, este capítulo se organiza da seguinte maneira: uma breve apresentação da Samarco Mineração S.A., logo depois, as análises das fotografias em capítulos e por fim, um último capítulo o qual buscou construir uma fotografia representativa pelo autor a partir uma síntese do que foi analisado.

### 4.1 SAMARCO MINERAÇÃO S.A.

Há 44 anos no mercado, a Samarco Mineração S.A. é uma empresa de capital fechado do setor de mineração que pertence ao empreendimento conjunto (*joint venture*) entre Vale e BHP, sendo 50% de participação acionária de cada uma. Em outubro de 2016, as licenças ambientais do Complexo de Germano, o qual integra a Barragem de Fundão que se rompeu em janeiro de 2015, foram suspensas. Em outubro de 2019, a empresa voltou a ter as licenças para voltar com as operações. No entanto, conforme próprio site da empresa, a retomada das atividades tem sido gradual, com início de 26% em relação à capacidade total. A empresa declara que, até dezembro de 2020, já foram destinados 11,33 bilhões de reais para ações de reparação do fato ocorrido em 2015 (SAMARCO, 2021a).

Vale ressaltar que em meados de setembro de 2020 foi realizada uma pré-coleta no site de Samarco e como resultado foi extraído um print no dia 08 de setembro de 2020. A foto a qual inicia a análise dos dados pertencia a aba que até então, adotava o nome de Rompimento de Fundão. Em janeiro de 2021, foi feita a

coleta de forma completa e agora a aba que trata sobre o rompimento é nomeada de *Reparação* e não conta mais com essa fotografia. O site da Samarco parece ter sido reformulado como uma nova interface, sendo, até mesmo apresentado como uma “Nova Samarco”. Mudanças de layout, design, nomes das abas e apresentação das informações podem ser visualizadas. Entretanto, como o print extraído traz uma fotografia que dá a luz ao crime ambiental, ele foi selecionado para análise e abertura desta seção. A seguir, para melhor apresentação da análise, as fotografias foram organizadas em formato de história criado pelo leitor, isto é, o crime e seus desdobramentos contadas pelas fotografias em diferentes capítulos.

#### 4.1.1 Era Uma Vez?

Era uma vez... é a máxima de abertura da maioria das histórias de conto de fadas. Aqui no caso, a história não tem um final feliz e nem sequer envolve personagens fantásticos como este tipo história sugere, pois envolve fatos reais. Se fosse possível definir uma categoria para esta história seria uma mescla entre terror e drama. O rompimento da barragem de Mariana, em 5 de novembro de 2015, alcançou diversas cidades, dentre elas Bento Rodrigues, a qual sofre os resquícios e os desdobramentos até o momento em que a presente pesquisa foi encerrada. A seleção das fotos para esta seção ocorreu por se tratar do mesmo local em ângulos diferentes envolvendo o que foi ocasionado pelo crime de forma emblemática.

Isto levou a relação dessas fotos com “era uma vez”, pois assim como a expressão indica temporalidade e se refere a uma posição em uma situação que ocorre em um momento específico, o fato da região de Bento Rodrigues estar disposta mesmo que sem escolha na hora errada e no local errado, ter sido alvo do volume rejeitos promovidos pelo rompimento da barragem naquele período, acabar sendo quase que extinguida do mapa e ainda por não ter a chance de escapar e se salvar, auferem a escolha do título. Ademais, a escolha também ocorreu por ser a abertura da análise dando início a história pelas fotografias. O ponto de interregoração é usado de forma proposital para gerar questionamento ao começo de uma história não fictícia e mais do que isso, questiona-se se esta história trágica sequer deveria ser narrada ou até mesmo existir. Caso fosse possível, o ideal era que tudo não passasse da imaginação, sonho, ou ainda, um pesadelo que encerra-se ao acordar.

Figura 4 – Foto 1



**Fonte:** Samarco (2020).

A fotografia é um retrato da cidade de Bento Rodrigues após o rompimento da barragem no ano de 2015, como é especificado na legenda que integra a foto. “Pela proximidade entre Bento Rodrigues e a barragem de Fundão (cerca de 4 km), o subdistrito foi o primeiro e o mais impactado pela descida dos rejeitos” (SAMARCO, 2016b p. 38). A preferência por uma fotografia colorida, ao invés de uma preta e branca, neste caso, realça a vivacidade cromática pelo estado das coisas em sua própria realidade. A forte presença da cor marrom nos escombros das casas em meio à lama reforça a dramatização da cena, indicando que o local foi afetado pelo crime. Obviamente tirada durante o dia, a foto tem tonalidade quente ressaltada pela luz natural que evidencia tons terrosos mais terrosos em todo emaranhado do clique, o que aumenta ainda mais sua expressividade dramática.

A dramaticidade se traduz como o conteúdo expressivo ao exibir a foto em questão, na abertura da aba de seu site institucional. Esta foto pode ser inteprada como foto-choque que transmite desconforto, por conta de tudo aquilo que ultrapassa os limites da fotografia (BARTHES, 1984, 1990; BOURDIEU, 1989). Trata-

se apenas do recorte de um todo muito maior que excede limites geográficos, adentrando em universos simbólicos, diante de toda a história contida ali (BOURDIEU, 2003b; GRADY, 1996; HARPER, 1988; KOSSOY, 2002). Ao observar atentamente e lentamente a foto, a sensação transmitida é de abandono e angústia, pois a história presente ali, envolvendo a vida em comunidade, foi apagada e esvaída pela avalanche de lama, se retendo somente na memória daqueles que dela partilharam, isto é, um apagamento e extinção do território e da sociedade local. Reflete-se se a vida em comunidade ainda pode ser narrada, com suas respectivas tradições e costumes ficando retida na memória de que a vivenciou, ou ela se foi juntamente com aqueles que não sobreviveram à força da lama.

Pontos de cor verde, azul, rosa, amarelo e branco, que fogem da totalidade quente da fotografia, podem ser observados em meio à cobertura da lama. Apesar de serem itens que escapam da tempestade da fotografia, não a pesam a ponto de alterar sua descrição. Eles revelam objetos como sofá, caixa d'água, paredes das casas, pisos, plantas e vegetações carregados e/ou destruídos pela forte enxurrada. Destaca-se a parede branca de uma das casas ao fundo, em contraste com a cor terrosa das demais moradias. Aparentemente, as casas, por estarem num plano mais baixo, estão na região mais atingida, considerando que o morro com vegetação localizado ao fundo não parece sequer ter sido tocado pela lama devido à sua tonalidade verde.

O enquadramento escolhido pelo autor da foto está em plano mais aberto, sendo possível analisar mais elementos em cena. A foto pode ter sido tirada por meio aéreo ou foi aplicado algum zoom, devido à dificuldade de acesso ao local por conta dos escombros, pois é perceptível a distância do fotógrafo em relação ao que está delimitado. Por conta do posicionamento da câmera adotado pelo fotógrafo, é possível perceber que a lama ultrapassou o limite das casas, devido aos espaços destinados às portas, às janelas, aos telhados destruídos, às manchas marrons rentes à altura das paredes e aos vidros das janelas que ainda sobraram. Se não fosse pelo involucro, bagunça de escombros e todo o conjunto de elementos na cena, poderia-se afirmar que as casas estariam em fase de construção. Quando se observa o rombo aberto, bem ao centro da parede de tijolos de concreto da casa situada na lateral esquerda da fotografia, que ainda foi invadida por galhos e ripas de madeira, é possível avaliar a força da enxurrada dos rejeitos de minério que alcançaram o distrito de Bento Rodrigues.

O corte no sentido retangular permite que o observador focalize seu olhar para o centro da fotografia e depois estenda seu olhar para as laterais, representando a extensão daquilo do que se procurou simbolizar. Neste caso, se fazem presentes as partes de estruturas e esqueletos das casas tingidos de marrom, além dos destroços daquilo que foi arrastado por conta do lamaçal dos rejeitos. Tudo isto se entremeia com a natureza verde aparentada pelas folhas de árvores e o fundo campal. Reforçado pela narrativa da empresa:

No total, 43,7 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos desceram de Fundão. O material, composto de água, partículas sólidas de óxidos e hidróxidos de ferro, minerais portadores de traços de alumínio, além de óxidos de manganês e sílica/quartzo, e em menores concentrações, de metais-traço como chumbo, cobre e zinco, passou por cima da barragem de Santarém, que reteve grande parte dos rejeitos. Em seguida, a parcela restante desse material atingiu Bento Rodrigues – distrito do município de Mariana (MG) situado a 8 quilômetros de distância da estrutura de Fundão (SAMARCO, 2016a, p. 62).

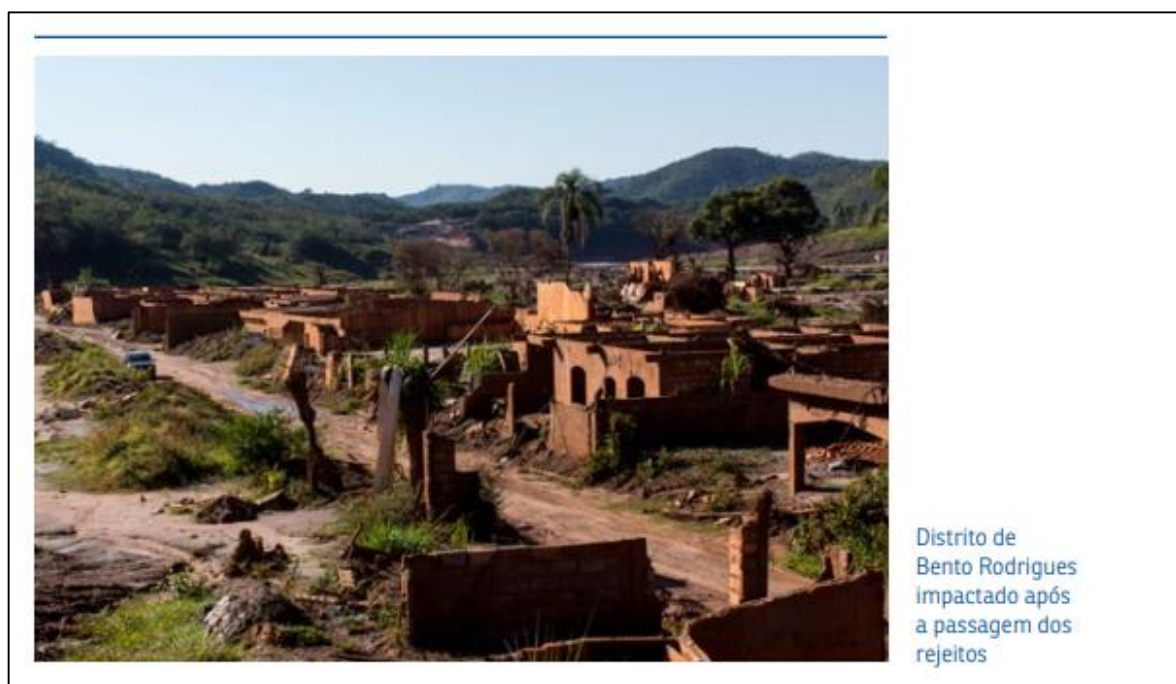
O sentido denotativo é retratar o estado de Bento Rodrigues após o crime. Os elementos estão dispostos de forma não intencional, retratando a própria realidade. Madeiras, telhas, telhados, pisos, sofá, caixa d' água, antena, cerca, restos de paredes e estruturas. De maneira geral, são elementos do sentido denotativo que dão vida ao sentido conotativo da fotografia, entendido como as sequelas deixadas pelo crime, isto é, transmitem a ideia e a sensação de que os moradores da região não tiveram como escapar, deixando tudo para trás, sem a chance de salvar ou preservar patrimônio econômico e pertences de importância afetiva, e/ou, até mesmo, tiveram suas vidas ceifadas pela lama, como traduzido na narrativa: “A Samarco lamenta profundamente as mortes associadas ao rompimento da barragem de Fundão” (SAMARCO, 2016a, p. 4).

A relação entre o sentido conotativo e o sentido literal, isto é, a expressividade retórica da fotografia se consolida no contraste existente entre a harmonia da natureza intocada ao fundo e o caos exibido à sua frente. A desordem dos objetos como sofá e a caixa d'água, a devastação e a ruína das casas, que escapa à natureza, reforçam indícios de civilidade naquela localidade em vidas foram impactadas e encurtadas pela lama. A ausência de pessoas reforçam essa interpretação. O revestimento da cidade passou a ser a lama, vidas cederam lugar a cobertura de rejeitos.

Em um de seus relatórios de sustentabilidade, mais especificamente no Relatório Bienal 2015-2016, que tem como função divulgar as ações de reposta

ao, nas palavras da Samarco Mineração S.A., “trágico” rompimento da barragem de Fundão na cidade de Mariana (MG), constam duas fotos (Figura 2 e Figura 3) bem semelhantes à fotografia anterior. Na realidade, as fotos seguintes são as mesmas, só que localizadas em partes diferentes do relatório, uma está logo no início, na página 3 da seção Introdução e a outra mais adiante, na página 61, que corresponde à seção intitulada “Sobre o rompimento da barragem de Fundão”.

Figura 5 – Foto 2

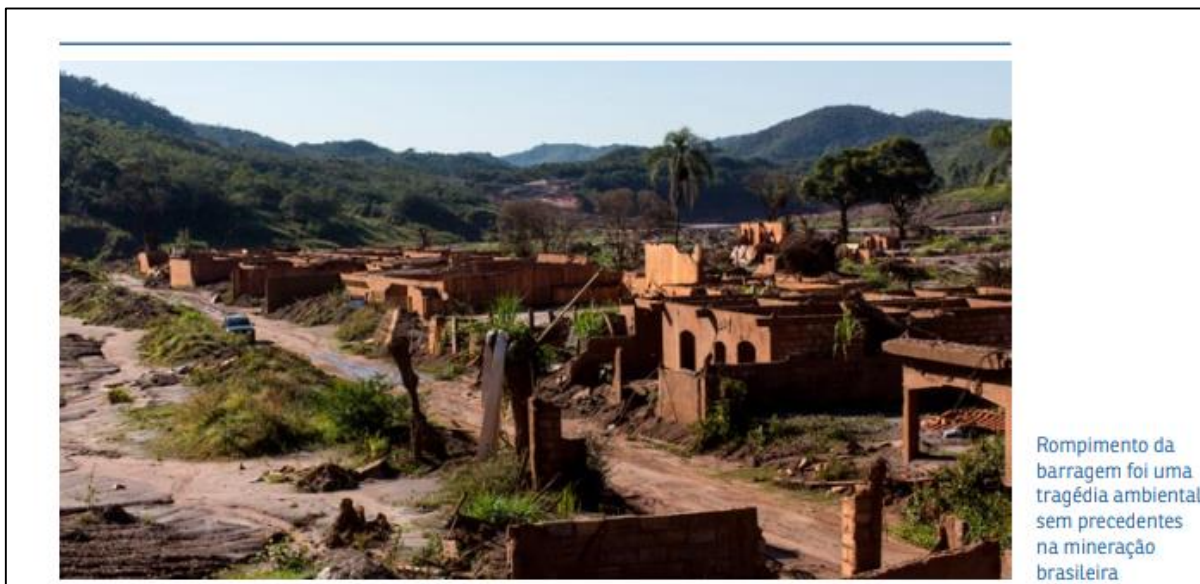


**Fonte:** Samarco (2016a, p. 3).

Sinalizadas com legendas diferentes, a primeira indica a região situada na fotografia, o distrito de Bento Rodrigues, e a segunda informa a inexistência de fatos anteriores semelhantes na mineração nacional. Nas fotos em questão, cores frias e quentes se misturam. O tom terroso nas construções atingidas pela lama se mistura com o céu azul, alguns pontos verdes da vegetação restante, coqueiros, gramas, árvores e as montanhas localizadas na retaguarda da fotografia. De um lado, o que parece ser uma estrada com poças de água enlameada quase que em seu centro, estão mais ruínas, se comparada ao outro lado. Há ainda espaços destinados a portas e janelas, os quais estão vazios e somados às partes estruturais destruídas e às construções destelhadas, que indicam que as colunas estruturais parecem ter

sido cortadas o meio. Do outro lado há morrinhos de grama, paredes e colunas de tijolos isoladas, dois troncos de árvores pouco mais altos que as colunas.

Figura 6 – Foto 3



**Fonte:** Samarco (2016a, p. 61).

A presença dos tons frios azulados e esverdeados se equilibra com a tonalidade quente consumada na dramaticidade de ambas as fotos. A luz natural evidencia as cores em sua forma viva, contribuindo para a sensação do fatalismo da tragédia. O céu azulado e o sol batendo no nível das casas dão a impressão de que a fotografia foi capturada ao entardecer. De modo geral, as fotos retratam paredes, sustentações, casas destelhadas que se misturam com vegetações, poças de lama e buracos. Ao fundo, a natureza tem uma vazão ao meio de onde os rejeitos podem ter sido escoados, isto só é perceptível por conta da diferença cromática do verde da natureza e o tom marrom da lama. Se a fotografia contasse com a ausência de cor, essa interpretação não seria possível de ser realizada.

A mudança de uma fotografia para outra está no formato, tendo em vista que a imagem presente na Introdução é mais próxima de um quadrado e a subsequente mais retangular. Com isso, partes das arestas inferior e superior da primeira publicação são excluídas da segunda, que conta com laterais maiores. O enquadramento é de plano aberto e lateral. Se tomado como ponto de visão os esqueletos das casas, percebe-se a proximidade do fotógrafo em relação ao que está sendo fotografado. É possível acreditar que o acesso ao local foi feito pelo carro

localizado na passagem criada no lamaçal que simula um carreador, não se sabe ao certo se a estrada já existia ali e se o carro estava de passagem no momento da foto. A opção por este recorte envolve a presença de mais elementos no clique, como o céu e a vegetação contrastando com o lamaceiro que invade a parte construída da cidade e parte da natureza ao fundo.

O sentido denotativo destes arquivos é retratar que a lama cobriu as casas e este foi o estado de Bento Rodrigues após o rompimento da barragem. “O volume de rejeitos provocou a morte de 19 pessoas, derrubou edificações e destruiu a infraestrutura do distrito de Bento Rodrigues” (SAMARCO, 2016b, p. 9). O sentido conotativo simboliza uma série de significados, envolvendo desde o abandono da região após tal tragédia, a perda (material) de moradia e dos pertences daqueles que ali residiam ou, até mesmo, a perda (imaterial) da própria vida destes moradores, da história do local e da vivência em comunidade, além do patrimônio natural. Se a foto fosse retirada deste contexto, a interpretação poderia ser outra, extraindo todo o caos que ali foi vivido, sendo apenas uma região rural reconhecida pelas ruínas, referida como uma fotografia de paisagem ou até mesmo algum patrimônio histórico. A retórica que confronta estes dois sentidos transcende a fotografia, atribuindo o sentido alegórico de afogamento da cidade pela lama, atestando civilidade na área. A cobertura das moradias da cidade com lama contrasta com a natureza que aparenta não ter sofrido modificações.

Um detalhe peculiar neste conjunto de fotos é que não há moradores em nenhuma delas, dando uma sensação de desolação, deixando apenas lugares abandonados. Um fator importante que contribui para o diálogo entre as fotos é o modo de cores utilizado, nomeadamente cores quentes predominantes recaindo ao lamaçal. As cores quentes são mais atraentes do que as cores frias. A tonalidade quente das três fotografias ajuda a vincular uma cena trágica em que pessoas, animais e a natureza foram atingidos pelo solo. As fotos ambientam o público com o alcance do desastre por diferentes ângulos de um mesmo local, o que mostra como o ser humano é pequeno diante do poder da natureza. Esta é a maior diferença entre as fotos, o enquadramento da Foto 1 para com as Fotos 2 e 3, a primeira pela noção de amplitude do crime e as demais pela ideia do fotógrafo se aproximar da cena que vê, a fim de poder comunicá-la ao público. Outro distanciamento entre as fotografias está na presença do veículo, da espécie de estrada de lama e o céu azul nas Fotos 2 e 3, elementos estes que estão ausentes na Foto 1. Ademais, o que chama a atenção é a

natureza visualizada por outro ângulo quando comparada com a primeira foto, há uma certa amplitude dos elementos como a extensão da vegetação e as cadeias de montanhas nas Fotos 2 e 3.

Quadro 3 – Síntese Foto 1, Foto 2 e Foto 3

Elementos	Síntese Foto 1	Síntese Foto 2 e 3
Cor e Luz	Colorida. Tonalidade quente. Forte presença de tons terrosos. Luz natural.	Colorida. Equilíbrio entre tons quentes e frios. Luz natural.
Espaço	Região de habitação/moradia localizada próxima a natureza.	
Composição	Esqueletos das casas sujos de lama, destroços, escombros, natureza.	Casas destelhadas, ruínas, poças de lama, buracos, carro, vegetação e natureza.
Enquadramento	Plano aberto, valorizando a presença de diversos elementos em cena: natureza, infraestruturas de casas, vegetação, objetos como caixa d'água e sofá.	Plano aberto e lateral, valorizando a presença de diversos elementos em cena: carreador, passagem aberta na natureza pela lama, paredes e corpos das casas, vegetação.
Conteúdo Expressivo	Expressividade dramática, abandono, angústia e desconforto (região inabitável devido às condições em que se encontrava).	Dramaticidade e fatalismo pelo estado da área atingida pelos rejeitos da tragédia.
<i>Interpreting</i>	Sequelas decorrentes do ecocídio: destruição de casas, da natureza e indícios de vidas perdidas.	Perda material (moradias) e imaterial (vidas, histórias, vivência em comunidade).
Análise Retórica	Contraste entre a harmonia da natureza inalterada e o rebu/desordem do restante da fotografia. Vestígios de civilização no local. A cidade vira lama e a vida dá lugar à cobertura de rejeitos.	Afogamento da cidade pelo lamaçal de rejeitos. Provas de civilização na região. A cobertura das casas pela está em contraste com a natureza aparentemente sem mudanças.

**Fonte:** elaborado pelo autor (2021).

Bourdieu (1989, 2004) entende o interesse como uma espécie de investimento, a vontade de pertencer a alguma coisa, isto é, o interesse socialmente constituído e específico a uma realidade social circunscrita em que certas coisas são valorizadas e outras não. O autor ainda reconhece a ideia de discursos imbuídos de interesses. Em que o discurso, enquanto evolução conceitual da economia das trocas linguísticas, consiste numa capacidade social que pode ser usada de forma adequada em situações específicas, onde há a apropriação do idioma para dominação e conquistas de interesses (BOURDIEU, 2008). Os discursos organizacionais que se referem à sustentabilidade podem ser verbais, textuais, imagéticos e são consistentes

com interesses ideológicos, materiais e políticos (IASBECK, 2009; ROSENBAUM, 2011). Deste modo, discursos organizacionais que circulam na esfera de sustentabilidade, em qualquer que seja o formato, podem ser usados de forma estratégica em situações específicas, de modo a priorizar interesses. Tendo em vista as fotografias, existe a possibilidade da Samarco Mineração S.A. buscar, por meio deste discurso imagético, ressignificar sua reputação e posicionamento diante da (in)sustentabilidade do episódio e, mais do que isso, a corrida contra o tempo para reconquistar o crédito com todos os agentes, sejam eles o governo, a sociedade, os moradores, os trabalhadores afetados e suas famílias. A apresentação destas fotos em momentos específicos, no relatório logo após o crime e na abertura da aba do site institucional que tratava de informações e reportava sobre rompimento até então, traduzem um discurso socialmente construído de forma cirúrgica que media o processo de absorção de diretrizes reais e visa relações para configurar o recorte que preenche a temática de sustentabilidade.

A Samarco reconhece que “o rompimento da barragem foi uma tragédia ambiental sem precedentes na mineração brasileira” (SAMARCO, 2016a, p. 61). Nesse sentido, o interesse se manifesta em indícios de perder sua credibilidade, pois as fotografias não estariam de acordo com as estruturas objetivas que definem e delimitam o que é ou não uma sustentabilidade admissível de ser endossada por aqueles que a acessam, tendo em vista que existem práticas de degradação ambiental e conflitos socioambientais que perturbam a construção da sustentabilidade. A Figura 2 – Foto 1 merece destaque por ter sido excluída do site. De acordo com Bourdieu (2008), exclusão manipula discursos, pois o inaccessível muda a percepção daqueles que os interpretam.

Desta maneira, entende-se que, de acordo com a concepção bourdieusiana, o que a Samarco pretendeu, ao excluir essa fotografia, foi manipular o discurso que deseja imprimir. O inaccessível confere à empresa maior poder, uma vez que vinculações da empresa com o crime podem ser desconstruídas. A Samarco, na margem de improvisação que lhe é concedida, face a reportar esse crime, optou simplesmente por excluir a foto. Tal como a empresa não precisa se abster em relação ao acontecido, ao mesmo tempo não precisa se comprometer ao manter uma fotografia como esta em exposição no seu site. Quem acessa e interpreta o discurso, neste caso imagético, podem ser públicos com os quais a empresa se relaciona direta e indiretamente, incluindo os curiosos que, diante do episódio fatídico,

buscam informações, sejam elas quais forem. Acredita-se, pela própria narrativa da empresa, exposta no parágrafo anterior, que não houve experiência similar ao rompimento das barragens pela qual ela poderia se basear para agir. Contudo, ela deveria ter uma orientação estratégica para agir a partir do instinto de sobrevivência, resistência e existência que o ocorrido exigiu.

A Samarco pode ter pretendido, seguindo o pensamento Bourdieu (2008), gerenciar as impressões do público com os quais tem acesso para mostrar sua relação com a sustentabilidade, pois optou por excluir a foto da abertura da seção do site que até então tratava do rompimento (Foto 1) e manter as outras fotos (Foto 2 e Foto 3) dentro de um relatório em que só é possível visualizá-las se for baixado. Estas fotos comprometem e ameaçam a compreensão de como a organização se vincula com a sustentabilidade e o que acentua isso é a exposição da dimensão da enxurrada de lama nos territórios. O que se espera de uma empresa que se denomina sustentável é uma postura diferente da representada pelo crime em evidência. A relação entre a empresa e a sustentabilidade foi abalada, pois a Samarco provocou supressão de territórios, impactos na vida humana e não humana, nos âmbitos social e ambiental, características que, segundo Rosso e Piffer (2019), qualificam um crime ambiental.

A partir de uma divagação entre a sociologia bourdieusiana e a sustentabilidade, a percepção de (in)sustentabilidade sofreu uma alteração forçada, por meio da qual buscava-se resgatar a relação estabelecida entre a empresa e a sustentabilidade antes do crime ambiental em perspectiva. Se a empresa promovia práticas insustentáveis, não se tratava de algo evidente e aparente, algo que escapou dos limites da dúvida, mediante um crime que catapultou a exibição dessa realidade em nível nacional e internacional. As fotografias objetivam o crime da Samarco com o episódio. Por meio da exclusão de uma delas e ao manter as demais em um relatório que só pode ser acessado se procurado e feito download, a Samarco busca sinalizar outros compromissos com a sustentabilidade, de maneira que a sua posição dentro de um contexto seja melhorada:

Para gerenciar esses impactos e, pouco a pouco, buscar resgatar a confiança da sociedade brasileira, é necessário estruturar uma nova Samarco, com novas competências. Como bases do seu modelo operacional estão a reparação ambiental e social, a segurança, os aprendizados e o compromisso de compartilhá-los com o setor de mineração e com a sociedade (SAMARCO, 2016a, p. 3).

No site há uma forma de comunicação diferente do relatório, devido às barreiras do acesso a este último. O acesso às fotos (Foto 2 e Foto 3) exige do leitor a sua busca, uma vez que se localizam dentro dele e ele está em uma aba específica do site (SAMARCO, 2021b). No site fica mais visível, pois a Foto 1 já estava lá quando se abria a aba sobre o rompimento. A transformação em uma Nova Samarco, com outras fotografias divulgadas em 2021, revela o desejo da empresa se desvincular do interesse manifestado nas fotografias. Estas fotos demonstram uma incompatibilidade com a narrativa de transformação da empresa, denominada como Nova Samarco.

Entretanto, questiona-se até que ponto a Samarco consegue se separar da história do interesse manifestado nas fotografias. Interesses ideológicos, materiais e políticos são manifestados na propagação de atitudes rotuladas como sustentáveis (ROSENBAUM, 2011). De acordo com Bourdieu (1989, 2004, 2008), isto pode ser uma forma de manter-se em uma realidade legitimadora de certas atitudes e discursos. Nesta perspectiva, para que o nível de exposição não comprometa e abale sua reputação e confiança, a empresa optou por eliminar e/ou encobrir qualquer impressão que prejudique potenciais construções sobre (in)sustentabilidade. Para tanto, se dissociou do impacto negativo que as fotografias transmitem, fazendo com que os leitores não tenham mais acesso imediato, ou só as encontrem se procurá-las. A estratégia da Samarco pode ser interpretada como uma maneira da organização se blindar de ataques que podem ferir sua relação com a sustentabilidade, uma estratégia de comunicação que faz com que o leitor sequer lembre da relação que existe entre o crime e a empresa, ou seja, considerando a teorização bourdieusiana em conjunto com o pensamento de Rosenbaum (2011), interesses maiores podem estar envolvidos a ações referentes ao discurso de sustentabilidade que ela busca promover.

As ações não meramente acontecem, são manifestações de continuidade tomadas pelas incorporações subjetivas obtidas por meio de vivências e experiências ao longo da trajetória dos agentes em diferentes realidades sociais (BOURDIEU, 1996, 2004). Seguindo o pensamento bourdieusiano, estas fotografias tratam de uma descontinuação/ruptura, isto é, uma quebra do protocolo de ações da Samarco com a sustentabilidade, de pessoas com as pessoas, da empresa com a natureza, de pessoas com a natureza, da empresa com as pessoas. A continuidade e a estabilidade das ações da Samarco alcançaram o seu óbito, pois houve a supressão

de ecossistemas, destruição da fauna, da flora, do território e da comunidade da região, o que vai em contramão à sustentabilidade. As cores fortes acabam forçando uma reflexão fúnebre realçando estas consequências, pois não se sabe se naquelas casas destruídas vidas se perderam, mas a perda material das casas e a perda imaterial, a história do local, podem indicar o óbito da relação estabelecida entre a Samarco e a sustentabilidade.

Bourdieu (1996) adere o conceito de ação como atos concretos, objetivos. Apesar da Foto 1 estar localizada na aba do site que até então tinha função de compilar informações sobre o desastre e o relatório apresentar as ações realizadas pela empresa, não foi possível detectar, de forma objetiva pelas fotografias, quais as medidas, ações e fins tomados pela empresa diante do acontecido. Entretanto, é possível enxergar no print da Foto 1 alguns tópicos que a antiga aba tratava e um deles tratava das ações emergenciais, mas as fotografias não demonstram a presença efetiva da empresa, tendo em vista a inexistência de qualquer elemento passível de identificação ou que remetem à Samarco Mineração S.A., como funcionários, maquinários, placas etc. No entanto, a estrutura cuja presença predomina nas três fotos é a Samarco, a empresa está ali, mesmo que simbolicamente, em cada resquício de lama, em cada escombros, em cada objeto presente nas fotografias em questão.

As regras e significados compartilhados que particularizam as relações sociais e a posição social do agente lhe confere habilidade de interpretar as ações dos outros, a partir do momento em que se instaura a um certo tipo de relação diferente (BOURDIEU, 1989, 1996, 2004, 2009; O'CONNOR, 2000). As fotografias promovem a estranheza com a sustentabilidade, porque os que estão à margem de interpretação destas fotografias se chocam com aquilo que é visto e reproduzido nas fotos, isto é, há relação divergente com aquilo que seria esperado de uma organização sustentável.

A prática na sociologia bourdieusiana se trata da expressão involuntária, o próprio exercício da vida. Além disso, a prática também é concreta, específica, urgente, imprevisível, adaptativa e criativa. Ela garante a habilidade de agência e improvisação, de forma estruturada e incorporada, e, também, confirma o desempenho de suas habilidades criativas e estratégicas (BOURDIEU, 2009). Seguindo essa leitura da teoria social bourdieusiana, transpondo para as fotografias em análise, a concretude das fotos é a própria destruição, a ruína, a especificação, o

crime em si, pois se tratou da destruição generalizada de um território, interferindo na qualidade de vida e na saúde daqueles que ali residiam (ROSSO; PIFFER, 2019).

A urgência é simbolizada na missão da empresa salvar, resgatar e recuar. Para a imprevisibilidade, fica a interrogação sobre, até que ponto, para quem residia naquele lugar foi imprevisível. Adaptativa, porque, pelo que se pode interpretar, a Samarco não realizou todos os investimentos de segurança e, por fim, demanda-se uma nova concepção de criatividade, tal como uma reinvenção diante da situação em que se encontrava. A relação da Samarco com sustentabilidade coloca em xeque se uma empresa sustentável, ou que anuncia práticas de sustentabilidade, faz isso e se comporta dessa maneira. Isso mostra que atitudes em relação às partes interessadas ostensivamente declaradas, ou mesmo não declaradas como "sustentáveis", podem eventualmente levar a crimes (O'CONNOR, 2000), como o que aconteceu, revelando a (in)sustentabilidade da organização. As fotografias são uma manifestação expressiva dessa relação entre Samarco e a (in)sustentabilidade.

Então, finalizando a análise das fotografias 1, 2 e 3, o que mais chama a atenção são os tons terrosos que as completam quase que integralmente, uma vez que são poucos os espaços que escapam do esparrame de lama. A destruição da região simboliza, de forma clara, a responsabilidade da Samarco pelo crime, histórias, vidas, vivências, natureza e valores que foram apagados em questão de segundos. As fotografias, as quais operam pela estratégia de exclusão e acobertamento da (in)sustentabilidade da Samarco, sinalizam apenas um recorte do que foi a conjuntura e o interesse em se desmembrar de tal fato. No que se referiu a ação, estas fotos envolveram uma interrupção, ou seja, a violação com a sustentabilidade. Devido ao extermínio do ecossistema nesta área, a continuidade e estabilidade das operações alcançaram um impasse. Enfim, a prática nas fotografias questionou se uma empresa que se alicerça em viés sustentável sofreria essa idiosincrasia.

O interesse de se desvencilhar da alegoria de (in)sustentabilidade que as fotografias promovem se revelam de cor marrom do lamaçal que cobriu a cidade. A tonalidade marrom resvala no desejo de acobertamento de um sentido obscuro promulgado pelo ecocídio. A ação, embora inexistente assim como a natureza aparentemente intocada, e não característica de modo objetivo nas fotografias, desvela o óbito da relação da empresa com ações sustentáveis. A prática acabou sendo sufocada assim como a cidade: destruída, devastada, coberta de entulhos e

desestruturada. Telhas, paredes e a ruína de uma maneira geral originada pelo crime caracterizam a prática da Samarco.

#### 4.1.2 Limpeza do Trabalho Sujo?

“Consciente dos transtornos gerados durante os trabalhos, a Samarco implementou um plano de ação para reduzir os danos” (SAMARCO, 2016b, p. 29). Dentre as ações de reparação da Samarco estava a limpeza das áreas afetadas, por isso foram escolhidas as fotos e o título deste capítulo. Embora a primeira foto represente objetivamente a limpeza realizada pelos profissionais que operam a mangueira, na segunda foto que constitui este capítulo, os indivíduos da foto não realizam necessariamente nenhuma ação de limpeza específica, mas estão equipados com materiais de limpeza e vestes de proteção. O fato de se perceber pela textura da água sua movimentação e dos profissionais de costas em direção ao fundo representam a realização de ações que aludem a temática de limpeza. Trabalho “sujo”, pois a empresa responsável pelo crime foi quem promoveu a sujeira oriunda pelo volume de rejeitos. O contraste entre a limpeza e a sujeira provocam o questionamento, de limpar aquilo que está exposto em grande parte das fotos, a lama. Por isso, a dúvida promovida pelo tempo de interrogação. Além disso, “sujo” porque o episódio culminou em uma grande poluição, impactando comunidades e cidades. A atividade em pauta poderia ter sido evitada se atitudes anteriormente tivessem sido tomadas.

Figura 7 – Foto 4



Fonte: Samarco Mineração (2015a).

No Facebook da empresa, a fotografia publicada em 21 de novembro de 2015, dessezeis dias após o rompimento da barragem em Mariana (MG), conta com a presença de dois profissionais uniformizados, com equipamentos de proteção em atividade, para que a cidade de Barra Longa pudesse voltar à ‘normalidade’: “O foco das ações de reconstrução e reforma tem como objetivo principal garantir aos moradores das áreas impactadas o retorno às suas atividades cotidianas” (SAMARCO, 2016b, p. 30). Não é possível identificar se estes profissionais são da própria empresa, terceirizados, moradores ou de órgãos públicos. De acordo com a legenda da publicação, essa seria a principal via de Barra Longa. A reconstrução está ocorrendo na parte visível, na cidade em si, como também naquilo que não se pode observar: o tratamento de esgoto e da água e as vias de acesso para as zonas rurais.

O local se trata de uma praça de comércio, localizada em uma rua de ladrilhos envolta por sobrados. A ideia de comércio se dá pelas publicidades coloridas coladas na parede da construção localizada praticamente ao centro da foto. A fotografia colorida de luz natural equilibra tons quentes e frios. A tonalidade quente, pela cor marrom da lama, do próprio chão, da parte da parede do comércio, bem como do laranja do uniforme e do capacete das duas pessoas presentes na foto. Os tons frios se distinguem entre os arbustos, árvores, orelhões e as paredes verdes do comércio, além das tonalidades mais claras do caminhão, do carro, dos outros sobrados em alevénaria e o azul das portas de um destes.

O quadro aberto mostra uma parte da cidade sendo atingida pela lama. Na foto podem ser observados fios elétricos rentes às construções, as quais remontam a um estilo mais antigo e pitoresco por sua arquitetura. Nota-se o aspecto envelhecido dos telhados, dois dos quais cobrem um mezanino, e algumas antenas de satélite e postes de iluminação. Além dos dois profissionais na frente do comércio usando uma mangueira para escoar a lama que batia na calçada, há outras três pessoas na foto ao fundo. Elas estão localizadas na lateral esquerda da foto, uma delas ocupa a posição sentada em um dos bancos de concreto e as demais estão em pé à sua frente e seu lado. O banco se diferencia dos demais por não ter encosto. As pessoas estão camufladas, partes de seu corpo estão cobertas pelo arbusto à sua frente e as cores similares de suas vestes se misturam com a tonalidade da foto. É possível destacar, pelo que se pode observar, que as maiores consequências foram pelas vias de acesso, tendo em vista que as casas e o comércio parecem não ter resquícios de lama. O local parece estar isolado, apesar de algumas janelas estarem abertas e contar com a presença de um carro, que pode ser das pessoas que estão na fotografia, além do caminhão pipa que auxilia na limpeza pelos profissionais.

O conteúdo expressivo da foto é a paralização. Com o acontecido, a cidade parece se encontrar estagnada, tendo em vista que portas estão fechadas, ruas comprometidas e as únicas pessoas são profissionais atuando na despoluição dos espaços impactados e outras pessoas não passíveis de identificação. O recorte adotado pelo autor de uma das fotos busca consolidar um certo momento, fenômeno em um determinado período de tempo. Como afirma Kossoy (2002), toda foto possui um espaço e uma temporalidade. Como resultado, ocorreu a relação entre fragmentação e congelamento, que são a base da expressão fotográfica. Na Figura 3, o congelamento ocorreu pelo instante capturado que representa a parte de um todo: a área tida como principal via de Barra Longa, o que mostra sua relevância. Em desdobramento, a fragmentação é representada pela seleção do fotógrafo em retratar na cena os sujeitos que atuam na lavagem da cidade. Apesar do foco estar em primeiro plano na ação de lavar, em segundo plano é possível observar o que está ao redor: casas, comércio, os veículos, vegetação, outros indivíduos.

Assim sendo, o sentido denotativo é mostrar o que está acontecendo (espacial) na cidade após um período de 16 dias (temporal) em relação ao acontecido: “A Samarco promoveu a limpeza e a reforma de escolas, imóveis (residenciais e comerciais), áreas públicas” (SAMARCO, 2016a, p. 71). Interpreta-se qual teria sido

a sensação para as pessoas que moravam na região diante da exponencialidade do crime durante estes dias, pois em questão de segundos o crime promoveu uma reviravolta em diversas esferas no local, adentrando e repercutindo em universos que até mesmo poderiam parecer intocados. No sentido conotativo, explora-se a ideia de que a cidade foi forçada a um isolamento, parada. Tudo isso pelas portas de comércio fechadas. Isto mostra que as pessoas precisaram se deslocar e/ou tiveram sua rotina e cotidiano alterados. O acontecido promoveu mudanças no dia a dia da cidade e das pessoas que ali residiam. A análise retórica da foto se traduz pela limpeza literal com a mangueira e figurativa nas marcas deixadas pelo rompimento das barragens.

Em uma realidade delimitada existem manifestações de interesse que se traduzem como condição para o seu funcionamento. Dessa forma, diante de cada recorte, algumas particularidades e temáticas recebem maior prestígio em comparação às outras (BOURDIEU, 2004). A água lamacenta expurgada pela água limpa da mangueira pode representar simbolicamente o interesse da empresa em se dissociar da esqualidez do crime, isto é, a limpeza como canal de subtração dos resquícios de rejeitos e de sua culpa. Percebe-se o interesse da Samarco Mineração S.A. em querer “limpar a sua barra”, “limpar” a relação que existe entre a empresa com a (in)sustentabilidade, jogar esgoto abaixo. Trata-se do interesse de comunicar, por meio do sentido visual, um discurso da sustentabilidade como divulgação de comportamentos, desígnios e valores (IASBECK, 2007), os quais a Samarco intenta pertencer e fazer parte.

Quadro 4 – Síntese foto 4

<b>Elementos</b>	<b>Síntese</b>
Cor e Luz	Colorida. Equilíbrio entre tons quentes e frios. Luz natural.
Espaço	Área urbana e de comércio afetada pelo atoleiro de rejeitos.
Composição	Duas pessoas com equipamentos de limpeza, rua, três pessoas aleatórias, praça de comércio, bancos, orelhão, sobrados, arbustos, árvores, carro e caminhão-pipa.
Enquadramento	Plano aberto mostrando a cidade sendo lavada para limpeza das vias sujas. Entretanto, casas e vegetações podem ser visualizadas em perfeitas condições.
Conteúdo Expressivo	Paralisação representando a cidade estagnada, as portas fechadas, as ruas danificadas. As únicas pessoas da foto são responsáveis pela limpeza do local e outros três indivíduos não identificados.

<i>Interpreting</i>	Alteração do dia a dia na vida das pessoas. A cidade foi forçada a se isolar e sofreu mudanças em seu cotidiano.
Análise Retórica	A limpeza em sentido literal e figurativo dos traços deixados pelo rompimento da barragem.

**Fonte:** elaborado pelo autor (2021).

A foto apresenta uma atitude de reparação que para a empresa poderia ser favorável naquele período, representando um discurso imagético para resgate da condição de sustentabilidade. Entretanto, questiona-se até que ponto a presença desta foto pode ter sido eficaz, uma vez que ela revela uma ação que nem deveria existir, assim como a própria fotografia, pois nem em última instância esperava-se um crime ambiental com consequências tão trágicas. Embora a legenda afirme que profissionais estão limpando, não é possível identificar a presença objetiva da empresa, a não ser pela água enlameada que muito a representa e a simboliza. O caminhão não é da Samarco, as pessoas não podem ser identificadas como funcionárias da Samarco, o carro não é da Samarco.

Como o crime aconteceu e a empresa optou por publicar a foto, partindo desta concepção e conversando com a sociologia bourdieusiana, sua tentativa clama por ceder lugar de uma imagem não sustentável diante da realidade recortada que se encontrava, para voltar ao que é valorizado dentro dos limites da sustentabilidade. O que se torna visível na foto pela água suja de lama e, como mencionado na descrição, a paralização e a alteração da dinâmica da região recaindo a esferas sociais e econômicas.

Isto posto, interpretar a foto, a partir de suas intenções, expressões, ideologias e elementos simbólicos (LÜERSEN, 2006), que de certo modo poderia contribuir para a reconquista de crédito pela ação de limpeza, pode acabar revelando sentido e valores simbólicos não condizentes com a impressão que a empresa deseja manifestar. A foto divulga uma ação, que por trás dela pode estar o interesse da empresa se redimir, isto é, apesar de mostrar uma coisa, a mensagem a ser transmitida pela empresa é que medidas estavam sendo tomadas. Porém, divagando com Bourdieu (2004; 1989) e a sustentabilidade, pode-se acessar um desinteresse anterior ao crime, em relação a diretrizes, valores e comportamentos incipientes no tocante à sustentabilidade. Pois reflete atitudes e ações que não foram tomadas para que crimes como o episódio não acontecessem, ou, se foram tomadas, tiveram fiscalização fraca e/ou conivência do Estado (DUIT; FEINDT; MEADOWCROFT,

2016; MARTIN-CHENUT; NEYRET; PERRUSO, 2015; ROSENBAUM, 2011; SENA *et al.*, 2017).

A leitura bourdieusiana de ação envolve dois pilares: disposicional e relacional. A perspectiva relacional se refere a ideia de que ação só faz sentido quando está relacionada a alguma coisa. Já a perspectiva disposicional parte da condição social do agente em uma realidade delimitada, o que influencia em suas escolhas (BOURDIEU, 1996). Levando em consideração a leitura bourdieusiana sobre a fotografia analisada, o crime requereu tomada de ação pelas relações – pilar relacional – estabelecidas entre a Samarco e a sociedade, as pessoas, a natureza, os fatores humanos e não-humanos

Entendemos, como Empresa envolvida em uma tragédia dessa dimensão, que é primordial resgatar a confiança dos públicos de relacionamento – e isso se dará com muito trabalho e ações realizadas com a celeridade necessária, na busca das melhores soluções para todos com quem nos relacionamos (SAMARCO, 2016a, p. 7).

Estes grupos que se relacionam com a Samarco, exigiram, mesmo que involuntariamente, que a empresa liderasse as atividades de contenção e ajuda, tendo em vista a posição social (pilar disposicional) em que se encontrava, isto é, responsável pelo crime. Segundo Hrasky (2012) fotografias publicadas em relatórios são uma forma das organizações ganharem notoriedade como entidades socialmente responsáveis. Partindo deste ponto, expandindo para as mídias sociais, a foto publicada no Facebook da Samarco também pode ser interpretada como forma da empresa buscar evidenciar este senso de responsabilidade, no que tange à sustentabilidade. A própria narrativa da empresa informa: “a Samarco reconhece sua obrigação legal e moral de mitigar, compensar e remediar os impactos gerados à população mineira e à capixaba” (SAMARCO, 2016a, p. 68). Este eixo narrativo que a empresa apresenta na fotografia, profissionais que atuam na ação de limpeza e lavagem da cidade, pode ser uma forma de evidenciar seu protocolo de ações para premeditar o que precisa ser feito diante dos desdobramentos do crime.

Pode-se inferir que, na percepção da empresa, a alocação da foto na rede onde se exhibe a evaução da lama pela água da mangueira, é vista como forma de reatar laços. Entretanto, representada pelo escorrer da lama pela água, a ação de “limpar”, em sentido objetivo, não apaga da memória as manchas experienciadas por cada pessoa, em sua particularidade e intensidade, o que expõe a relação da Samarco com a comunidade. O lamaçal de rejeitos que afetou o cotidiano da cidade. É neste

sentido, que Bourdieu (1989, 2004) rompe com a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo. Ambos os sentidos se conversam, um não implica na exclusão do outro, por isso a limpeza da lama em sentido objetivo não vai eliminar aspectos subjetivos e até mesmo simbólicos que ali projetaram. O lamaçal de rejeitos afetou o cotidiano da cidade não de só de modo físico cobrindo ruas e alternado a dinâmica da cidade, mas também nos aspectos imateriais e mentais, para e por aqueles que foram diretamente e indiretamente impactados.

A concepção bourdieusiana de prática é compreendida como o desenrolar da vida. A prática ainda é concreta, específica, urgente, imprevisível, adaptativa e criativa (BOURDIEU, 2009). A concretude está na limpeza e na lavagem para o desimpedimento das vias. A especificidade em incitar que ações de reparação foram ou estavam sendo tomadas bem próximas ao período do crime, para que premeditar o que tinha que ser feito. A urgência em voltar à normalidade e em condições que não remetesse ao crime, dar fim a lama que cobre o chão para apagar rastros deixados. Imprevisível no sentido de mudança da rotina e do cotidiano das pessoas que ali moravam e que até mesmo perderam suas vidas, do comércio, a vida em comunidade e o próprio decorrer da natureza pela poluição causada. Adaptativa, ao fato de deslocar profissionais para realizarem ações de reparação devido a mudança brusca promovida pelo episódio. Ademais, também requereu criatividade, uma nova capacidade de imaginação, pois a empresa precisou ser criativa para liquidar, ou menos tentar liquidar, os desdobramentos do crime, no caso da fotografia em específico, liquidar a lama das vias.

O emprego da sustentabilidade em relatórios fez com que organizações promovessem práticas sustentáveis em diferentes esferas (MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014). Não obstante como a fotografia foi publicada numa rede social da empresa no período próximo ao crime, resvala-se a prática se materializando no sentido de recondicionar a comunidade e se imaterializando na ideia da empresa se reposicionar como organização legitimada e reconhecida por seus *stakeholders*, a comunidade, o governo e a sociedade de modo geral. Isto porque o relatório só seria publicado no ano seguinte, e este hiato de tempo poderia recair a um desinteresse da empresa em tomar uma posição diante do crime. O fato da empresa dias após o crime optar por publicar uma simples ação de limpeza, que de simples não tinha nada, pois afetou e impactou a região, é visto por ele como meio de angariar ou reconquistar aquilo que foi alegorizado como sustentabilidade.

Portanto, aquilo que pode representar a sustentabilidade na fotografia pode ser interpretado como um meio social capaz de produzir ganhos ou perdas simbólicas (FONSECA, 2009). Nesta fotografia em questão, a publicação não só gera ganhos simbólicos, mas também promove perdas simbólicas. Ganhos no sentido que diligências foram prestadas, o benefício pode auferir um recurso imagético destinado a produzir outras impressões, não a (in) sustentabilidade do crime. Perdas, porque a foto não apaga as manchas deixadas na memória, ela vai produzir a ligação e a associação da Samarco com o crime, podendo até sofrer ataques diante do crime divulgado.

Os três conceitos em fotografia manifestam-se de forma relacionada, caracterizando a mobilização da Samarco para demonstrar e legitimar seu status de organização sustentável na realidade em que está inserida. Porém, como mostra a descrição da foto, a água marrom e a paralização da cidade revelam um desinteresse pré-crime e, ao mesmo tempo, a dissociação como a (in)sustentabilidade. Os profissionais que manipulam a mangueira revelam a ação da empresa em manter um status de sustentabilidade diante das consequências geradas. A água limpa e cristalina da mangueira representa a prática da Samarco para buscar a recuperação de sua condição de empresa sustentável.

No Book Um ano do Rompimento, na seção intitulada Primeiras Ações, há uma fotografia que também caracteriza a tomada de ação de limpeza da empresa. A foto foi tirada por Marcus Desimoni, fotógrafo da Nitro, em 19 de novembro de 2015, quatorze dias após o rompimento das barragens (SAMARCO, 2016b).

Figura 8 – Foto 5



**Fonte:** Samarco (2016b, p. 29).

Agora com a presença de pessoas realizando a limpeza frente a um imóvel que teve boa parte de suas paredes, e provavelmente seu interior, invadido pelo volume de rejeitos. Isso fica evidente no contraste entre a tonalidade fria da pintura do edifício e a tonalidade quente das manchas marrons de lama que se estendem ao longo de suas paredes. Nota-se o limite alcançado pela lama e seus respingos demarcados como uma linha pelo local como um todo. Destaca-se a escada também coberta de lama encostada na parede. No chão é possível verificar a lama texturizada com marcas de algum veículo que pode ter auxiliado na dispersão da lama. O que se pode notar é a ausência de vidro em espaços que eram destinados a eles, que podem ter sido retirados, uma vez que o local parece ter sido feito de abrigo para os materiais de limpeza utilizados pelo grupo de indivíduos da foto. Pontos de cor vermelha, laranja, verde, azul e amarelo, que escapam à fotografia, podem ser observados nas vestes e utensílios de limpeza simples usados pelas pessoas presentes: coletes e faixas de proteção, boné, vassoura, rodo, cerca de proteção, sacolas, galochas e as luvas.

O enquadramento de plano médio, ressalta a pequena distância do fotógrafo em relação ao objeto. Neste caso, o autor quis destacar as cinco pessoas

em atividade, o que ocupa grande parte do espaço da foto, mas ainda há espaço ao seu redor, representado pelo imóvel. Estas cinco pessoas representam apenas uma parte dos 700 profissionais que estão atuando nas diferentes esferas na região, conforme aponta a legenda em conjunto da fotografia. Não é possível identificar se os profissionais são funcionários da própria Samarco, terceirizados ou até mesmo moradores da região. Pelo clique, observa-se buracos nas estruturas que podem ter sido realizados para ajudar na retirada da lama do interior do local. Por um dos espaços que seria destinado a janela/porta é possível visualizar uma grade e entulhos na parte interna. Três homens estão indo em direção aos demais, cada qual com suas ferramentas de trabalho: um deles com um certo tipo de luvas já colocadas no bolso, outro tipo em mãos juntamente com uma vassoura e um rodo, outro com vassoura, o terceiro com um saco cheio em uma das mãos e na outra também um rodo.

A expressividade da foto é a movimentação, que reflete os profissionais caminhando em direção aos outros membros da equipe com os equipamentos de limpeza. O trabalho pode ter sido finalizado e eles estavam a caminho de guardar no imóvel os materiais utilizados. O sentido denotativo é exibir as pessoas em prontidão atuando na reparação do local, uma vez que apresenta pessoas vestidas com coletes, luvas e botas e materiais como vassoura, rodos, sacos de lixo. O sentido conotativo revela a constituição de uma equipe força-tarefa a fim de recuperar a estrutura da cidade, indivíduos ou até mesmo moradores podem ter sido convocados ou voluntariamente se candidataram para esta atividade de recuperação. Suas vestes e botas sujas tonificam o trabalho árduo realizado diante de um trabalho 'sujo' de responsabilidade da empresa. Levando em consideração as marcas de lama delimitadas na construção de alvenaria, a retórica da fotografia foi interpretada como asfixia da cidade de Barra Longa pela lama e o quão as pessoas são pequenas diante do intempérie que se encontravam. Em sentido alegórico, a cidade foi de certa forma sufocada pela lama, pois o lamaçal ultrapassou o limite das pessoas, e, mais do que isso, arrebatou vivências, histórias e experiências que sequer serão recuperadas.

Quadro 5 – Síntese Foto 5

Elementos	Síntese
Cor e Luz	Colorida. Predominância de tons quentes, mas também com a presença em menor incidência de tons frios. Luz natural.
Espaço	Parte da cidade com construção em alvenaria a qual foi atingida pelo lamaçal de rejeitos.
Composição	Cinco pessoas com vestes de segurança (colete, luvas e botas) e equipamentos de limpeza como vassoura, rodos e sacos de lixo. Rua enlameada com marcas de veículos e o imóvel coberto de lama com paredes e janelas comprometidas, buracos que podem ter sido criados para evacuação do lamaçal.
Enquadramento	Plano médio concentrado nos trabalhadores localizados em uma área urbana contaminada pela lama.
Conteúdo Expressivo	Movimentação representada pela sensação dos profissionais estarem caminhando em direção ao restante do grupo.
<i>Interpreting</i>	Estabelecimento de um grupo de pessoas direcionados a reestabelecer as condições estruturais da cidade. As roupas sujas reforçam o trabalho pesado diante do trabalho "sujo" que a empresa é responsável.
Análise Retórica	Sufocamento da cidade pela lama. O quão as pessoas são pequenas diante do episódio. O atoleiro ultrapassou os limites dos seres humanos, e ainda, invadiu histórias e experiências que jamais serão restauradas.

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Interesses podem ser baseados em aspectos materiais ou aspectos simbólicos. O contexto e o status social afetarão os indivíduos que refletem seus interesses. Porém, dada a ambição e a necessidade de “encobrir” a verdade da relação, muitos interesses nem são revelados ou mesmo percebidos pelas partes envolvidas (BOURDIEU, 2004; 2008). Na fotografia, essa interpretação bourdieusiana pode ser identificada como o interesse de expor, por parte da empresa, o que tem sido feito. Para tanto, mostra pessoas atuando frente à reparação dos estragos provocado pelo crime – sentido material – e, também, o desejo de reestabelecer as condições de reconhecimento por esta ação e resgatar a relação com a sustentabilidade promulgado pela empresa - sentido simbólico.

Estes dois sentidos, material e simbólico, envolvem representações mentais e objetivas. Representação mental envolve o comportamento de percepção e apreciação, conhecimento e aprovação, no qual os agentes investem seus interesses e pressupostos. Por outro lado, representações objetivas são estratégias

de manipulação de símbolos interessados que visam determinar as inculcações mentais que outras pessoas podem ter desses atributos (BOURDIEU, 1989). Portanto, considerando este pensamento bourdieusiano, é compreensível que a representação objetiva da fotografia estabeleça um mecanismo mental e manipulativo interessado. Este destina-se a intervir no alcance ou na recuperação de status social afetado pelo desejo de (re)integração da Samarco ao imaginário popular de sustentabilidade, seja por meio da sociedade, dos moradores, do governo e dos demais grupos de interesse.

No tocante a ação, a presença da Samarco na foto é caracterizada de forma objetiva e subjetiva. Objetiva, a partir dos profissionais com roupa de trabalho, apesar de não se saber qual a origem laboral. Subjetiva, simbolicamente, pela lama que correu pela parede em cada gotícula. Como testemunho de denúncia e expressão, a fotografia é manifestação de valores culturais encobertos (BOURDIEU, 2003b; KOSSOY, 2002). A Figura 3 testemunha, apesar do plano de ação (a limpeza/a lavagem), os rastros de (in)sustentabilidade da organização. As manchas acusam a relação da empresa com a sustentabilidade, isto é, exalam valores de gestão (in)sustentáveis que comprometem sua imagem e credibilidade. A denúncia destes valores exposta pela foto (IASBECK, 2007) envolve a reconquista pela recuperação, mas também exaltam vestígios de valores violados, pois ao mesmo tempo em que se é possível testemunhar pessoas com os objetos de limpeza aludindo a ações de reparação, há também a denúncia pelo lamaçal que cobre das paredes ao chão. Isto é, a foto testemunha algo que só está sendo manifestado pela denúncia de elementos que convertem a isso.

De acordo com Bourdieu (2009) algumas características qualificam a prática como exercício da vida: concreta, específica, urgente, imprevisível, adaptativa e criativa. A concretude está no trabalho, mesmo que sujo ou em prol da limpeza. A especificidade está na dimensão da 'sujeira' que preenche a fotografia em quase sua totalidade, do chão se estendendo até as paredes. A urgência em recompor o cenário, com o esforço, em vão, de reestabelecer as condições estruturais mínimas de moradia. Imprevisibilidade para os profissionais que se destinaram estar frente as decorrências do crime. Adaptativa, pela mobilização de pessoas possivelmente de fora do círculo da empresa em assumir responsabilidades de gerenciamento das tarefas pós crime. Criatividade, em acreditar que instrumentos e limpeza simplórios (vassoura, rodo e saco de lixo) podem ser capazes na reparação dos danos diante da amplitude da área impactada.

O enlace entre o interesse e ação da fotografia reforçam a prática da Samarco como organização que aufere a (in)sustentabilidade. O'Connor (2000) enfatiza que há uma inconsistência relacionada a declarações sustentáveis promovidas entre a sustentabilidade e o capitalismo. Empresas, em sua prática, declaram adeptas à sustentabilidade a fim de apresentar uma imagem “verde” aos consumidores, utilizando-se de elementos narrativos (como por exemplo, fotografias) para inculcar a concepção de preocupação com a natureza e com o âmbito socioambiental. Neste caso, a foto expõe a tentativa da Samarco em camuflar a (in)sustentabilidade, ao abordar pessoas que, pelo que se pode ver, estariam atuando na limpeza, a partir objetos que carregavam e ainda pela informação contida na legenda, sobre os profissionais atuarem de acordo com as demandas necessárias pós-crime. Isto pode ser interpretado como prática da empresa, por se ambientar em uma realidade recortada que propugna diretrizes sustentáveis e é regida por um sistema que promove injunções de concorrência (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005; O'CONNOR, 2000).

De um modo geral, discutir a prática na fotografia significa, no caso desta pesquisa, reconhecer a sustentabilidade em características rotineiras, não censuradas e específicas do que o cotidiano promove (BOURDIEU, 1989, 2004). O interesse pela exposição da ação de reparação, mais especificamente o escoamento da lama, revela a prática de evasão da parcela de culpa da organização diante de crime. Apesar de retratar em primeiro plano as pessoas tomando providências sobre o que foi deixado pelo crime, o que prende atenção daquele que está a margem de sua interpretação está em segundo plano – os tons terrosos esparramados pelas paredes ultrapassando níveis de portas, janelas e das pessoas – que reforçam o súbito de vinculação da empresa com a sustentabilidade.

O interesse pela exposição da fotografia se revela como a lama exposta em grande parte da fotografia desde o chão inteiramente coberto até o esparrame pelas paredes. A estrutura da comunidade foi comprometida, seja pela via terrestre e/ou pela cobertura das paredes revela sinais de (in)sustentabilidade. O interesse pela exposição foi sobre-excedente, testemunhando marcas que desviam da sustentabilidade, como o limite de lama nas janelas. A ação é representada pelos objetos e materiais de limpeza, e as roupas de proteção, que indicam alguma medida estava acontecendo no local. A posição dos profissionais de costas para a visão do

fotógrafo representa a prática da Samarco, sobressaindo o sentido de esgueio da culpa e, de modo alegórico, “dar às costas” a sustentabilidade.

Em ambas as fotografias, a materialização do interesse se concretiza em evidenciar pelos objetos como mangueira, caminhão pipa e utensílios de limpeza a atribuição de reparação nos locais. Em termos de ação, é pela presença das pessoas que se pode configurar de forma objetiva o emprego de atitudes e medidas. Os objetos manipulados e/ou acompanhados dos agentes potencializam esta interpretação. Caso as fotografias não contassem com pessoas, não seria possível confirmar isso. A lama capaz de inviabilizar vias e ultrapassar os limites das paredes, materializa prática, se alinhando aos prejuízos à comunidade que estão de fora da órbita das fotografias. Os rastros de veículos na lama, os buracos na parede e a água enlameada dispersam a apreensão de reconstruir o status de organização sustentável no imaginário de quem observa as fotos.

#### 4.1.3 Por Onde Andava a Segurança?

O nome sugestivo do título envolve um questionamento se todos os intempéries do crime poderiam ter sido evitados e se riscos eram avaliados pré-crime. A utilização do verbo andar no passo foi proposital, uma vez que as fotos correspondentes a este capítulo tratam de questões de controle e segurança com auxílio de tecnologias de áreas atingidas após o acontecido. Não se sabe ao certo se os locais destinados a controle e observação já faziam parte do esquema de segurança da empresa ou se o crime imputou a estruturação deste.

No facebook da empresa, uma publicação do dia 20 de novembro de 2015, quinze dias após o rompimento, informa pela legenda que uma equipe de 35 pessoas passavam o dia todo monitorando as condições das barragens de Germano e Santarém. Vale ressaltar que as barragens de Germano e Satarém sofreram danos pelo rompimento da barragem e Fundão. A água enlameada fez com que a barragem transbordasse e é por isso que se justifica a seleção das duas primeiras fotografias presentes neste capítulo.

Figura 9 – Foto 6



Fonte: Samarco Minerações (2015b).

Na fotografia, é possível observar dois homens de costas, trajados com camisa social das mesmas cores, que remetem ao uniforme da empresa, monitorando por meio de computadores e telas gigantes a situação das barragens após o rompimento. Por meio das câmeras, um deles confabula apontando para as telas a sua frente. O clique conta com seis monitores de computador, sendo dois desligados, um com câmera mosaico, o outro parece vir de algum ambiente interno da empresa, o outro monitor aberto no site da Samarco e, por último, parte do último que pode ser vista mostra uma localização de vegetação, que pode corresponder a uma das regiões afetadas. Há também três telões de fundo, mostrando imagens de câmeras em águas afetadas pela lama. Em uma delas, é possível observar uma cachoeira/queda d'água próxima à estrada. Em ambas, pode-se analisar a vegetação.

Em um dos telões exibe-se uma ponte, parte da qual está destruída pela água, no ambiente próximo a local de moradia, representada por uma casa laranja e outra construção com muro branco. Também verifica-se a presença de um poste distribuidor de energia próximo às casas. Há um comunicador de rádio próximo a um monitor e uma garrafa prata ao lado do outro monitor. O que aparenta ser um controle/câmbio que atua na mudança de ângulo das câmeras pode ser observado entre os dois rapazes.

A luz artificial da foto, por conta de ter sido tirada em um local interno, realça os tons mais frios que predominam como um todo. O jogo de luz e sombra entre a mesa com os funcionários e os telões fazem jus ao o enquadramento de plano médio

escolhido pelo fotógrafo, destacando o esforço da Samarco em monitorar os desdobramentos do crime ambiental a partir das câmeras. A expressividade da foto está na observação e urgência, a observação pela postura de um dos homens que aponta na tela na busca por mostrar “serviço” e urgência pela legenda e data da publicação, em mostrar que a situação das outras barragens estão sob controle. O sentido denotativo é o acompanhamento da situação das barragens com o auxílio de dispositivos visuais. O sentido conotativo se consolida na visão de que o crime mobilizou a construção de um estrutura unida a uma infinidade de equipamentos e uma equipe de funcionários que ficassem condicionados a observar cada mudança da natureza. Pode assumir a interpretação da existência de uma força tarefa de profissionais na busca por encontrar soluções para resolver as consequências geradas pelos rompimentos. A análise retórica extraída a partir destes dois sentidos, manifesta-se na revolta da natureza que teve seu percurso natural afetado por atitudes antrópicas. Com isso, a organização precisou que a natureza ficasse sua a mercê.

Ao longo do conteúdo do Relatório de Sustentabilidade Bienal 2015-2016, a Samarco trouxe uma fotografia semelhante a do Facebook, mas diferentemente do apresentado, o plano é mais fechado se comparado a ela. A foto parece ter sido fotografada no mesmo dia da foto publicada no Facebook, pois os indivíduos se assemelham na aparência. Entretanto, o fotógrafo optou dar zoom se posicionando quase que no mesmo nível de visão das telas dos indivíduos sentados. A foto colorida, de tonalidade fria e de luz artificial retrata dois homens realizando o acompanhamento das atividades da empresa e o estado das barragens. Os tons cinza, verde, preto, azul unidos ao jogo de luz e sombra acentuam a frieza da foto (SAMARCO, 2016a).

O enquadramento médio conseguiu capturar com mais precisão computadores, telas grandes, comunicadores de rádio, controles de ar condicionado e câmeras, bem como imagens de satélite de áreas arborizadas, represas e imagens do interior da empresa. O clique capturou com sucesso a estrutura (ponte) e a haste de distribuição de energia destruída pela avalanche. Um monitor em frente ao homem mostra uma parte interna da empresa, enquanto o outro mostra a presença de áreas de vegetação estendendo-se de uma perspectiva aérea. Em parte do outro monitor, percebe-se que a imagem pode corresponder a um local afetado pelo crime. A expressão de um dos homens em frente ao monitor reflete o conteúdo expressivo da fotografia: atenção pelo olhar fixo ao computador e preocupação pela mão segurando.

Porém, ao estender o olhar para as imagens dos telões que transmitem uma sensação de desordem e o olhar do outro funcionário, há descontinuidade desse sentido.

Figura 10 – Foto 7



Fonte: Samarco (2016a, p. 16).

O significado denotativo é expor trabalho de monitoramento e controle do estado da barragem por meio auxílio de equipamento visual, pois ocorreram mudanças que

[...] se relacionam ao monitoramento das barragens. A Unidade de Germano recebeu equipamentos para a inspeção dos diques e demais estruturas de barragem. Novas câmeras, cinco radares de precisão milimétrica, estação meteorológica, drones e acelerômetro possibilitaram o envio de mais informações para a sala de monitoramento, onde uma equipe de 55 profissionais acompanha, 24 horas por dia, a situação das áreas remanescentes das barragens (SAMARCO, 2016b, p. 10-11).

No sentido conotativo interpreta-se que os colaboradores foram transferidos de seus cargos ou até mesmo redirecionados, para ficarem responsáveis em acompanhar o andamento das atividades da empresa, as condições da água e a resolução de eventuais problemas, pois não se sabe ao certo se esta estrutura foi criada pós crime ou se já existia na empresa. A retórica da fotografia envolve a instrumentalização assistida da natureza por dispositivos visuais vigiando condicionalmente a dinâmica natural.

A capa do Relatório de Sustentabilidade Biental 2015-2016 exibe uma fotografia similar a estas duas últimas fotos. Contudo, foi fotografada em plano vertical e nos telões, diferentemente do *Facebook* e da foto que consta no relatório, as imagens são de alguma região de atuação da empresa que vem sendo observada para retomada das atividades.

Figura 11 – Foto 8



Fonte: Samarco (2016a, p. 1).

A imagem espelhada no telão é de alguma montanha cortada por caminhos e em sua crista existe algumas árvores. Por conta da coloração acinzentada/azulado não se sabe ao certo o que está bem ao topo da foto acima da montanha, se é solo ou água. Justifica-se a escolha desta imagem, pois a publicação do relatório corresponde ao período do acontecimento do crime.

A luz artificial da foto em conjunto com o tom azulado dos monitores acentua os tons mais frios que a dominam. Ainda existem pontos verdes representados pela vegetação em um dos monitores. Na fotografia é possível observar três pessoas, uma mulher e dois homens, que são funcionários da empresa por conta do tom e estilo similar de suas vestes, o que seria o uniforme da Samarco Mineração S.A. No enquadramento adotado pelo autor da fotografia em formato vertical de plano médio, fica evidente uma das ações adotadas pela Samarco Mineração S.A. em monitoramento e controle de locais por meio de equipamentos visuais.

A funcionária, que está em pé em frente aos telões, aponta na tela para mostrar ao colega de trabalho, que está ao seu lado e também está em pé, algum ponto que precisa ser analisado. O terceiro funcionário que está ao telefone se encontra sentado em frente a quatro monitores. Um dos monitores exibe a imagem de alguma região com rio e vegetação que provavelmente foi afetada pelo acontecido, em outro é possível ver uma planilha, e por fim, nos outros dois, onde só se enxerga uma parte devido ao recorte, estão imagens ampliadas dos telões a sua frente. O conteúdo expressivo da fotografia expressa movimentação e mobilização pelo gesto da mão da mulher que apontava para a tela à sua frente, o homem observava sua fala e o outro estava ao telefone. O sentido denotativo significa que o estado da barragem é monitorado por meio de um dispositivo visual, pois a “Samarco dividiu suas ações entre a recuperação das estruturas danificadas e as obras de contenção. Com essas medidas, a empresa visa garantir a segurança das estruturas, bem como reter os rejeitos que estão em sua área” (SAMARCO, 2016b, p. 10).

O sentido conotativo pode assumir que existe uma força-tarefa composta por indivíduos responsáveis pela monitoração de todas as atividades e propriedades da empresa, isto é, existe uma estrutura com inúmeros dispositivos combinados, e uma equipe de funcionários que observam condicionalmente os locais de atividade da empresa, mas não se sabe ao certo se esta estrutura já existia ou foi criada pós-crime. A retórica que transcende a foto se expressa em dúvidas se o tamanho do território explorado pela empresa é diretamente proporcional às exigências de segurança, ou seja, independente do grau de monitoramento, questiona-se se a estrutura da Samarco atende a todas as áreas da atividade e influência.

Quadro 6 – Síntese Foto 6, Foto 7 e Foto 8

Elementos	Foto 6	Foto 7	Foto 8
Cor e Luz	Colorida. Tonalidade fria. Luz artificial.		
Espaço	Ambiente interno da empresa o qual pode ser uma sala de comando e supervisão da Samarco Mineração S.A.		
Composição	Dois homens, computadores, rádio comunicadores, garrafa de água, telas de computador ligadas e desligadas, telões e câmeras.	Dois homens, computadores, telões, rádio comunicador, controle de ar-condicionado e câmeras.	Dois homens e uma mulher, computadores com imagens de uma área com rios e vegetações e planilhas, telões com imagens do que parecem ser montanha com caminhos.
Enquadramento	Plano médio a fim de enfatizar os telões com imagens de câmera posicionadas em locais da natureza e também os homens que estão sentados observando.	Plano fechado a fim de focalizar nas telas a frente dos dois funcionários que as observam. O clique conseguiu captar a estrutura destruída pela avalanche de água, imagens de satélite de alguma região arborizada, imagens das barragens e de uma parte da empresa.	Plano médio a fim de enfatizar os telões com imagens de câmera posicionadas em locais de atividades da empresa e funcionários em suas incumbências.
Conteúdo Expressivo	Observação e urgência. A observação pelo homem apontando para a tela na tentativa de mostrar uma postura de "serviço". O texto da legenda e a data de publicação mostram urgência, indicando que a situação já foi controlada nas outras barragens.	Preocupação e atenção pela posição da mão no queixo e o olhar de um dos funcionários para o monitor. No entanto, quando os olhos daquele que observa a fotografia se expandem para as imagens nos telões que transmitem uma sensação de descontrole e para a expressão do outro funcionário, esse sentimento não é contínuo.	Movimentação e mobilização, expressa pela mão da mulher apontada para os telões a sua frente, o homem que observa sua fala e outro que está ao telefone.
<i>Interpreting</i>	Força tarefa de pessoas encarregadas de supervisionar e acompanhar o estado da natureza e futuros desdobramentos advindos do rompimento da barragem.	Colaboradores foram realocados de suas funções para se tornar responsáveis por monitorar e acompanhar o andamento das atividades da empresa, o estado das águas e solucionar possíveis problemas.	Equipe de pessoas incumbidas de monitorar e acompanhar o andamento das atividades da empresa a fim controlar resolver possíveis problemas que poderiam surgir.
Análise Retórica	Resistência da natureza, seu processo natural foi afetado por atitudes feitas pelo homem. Com isso, a organização precisa da natureza à sua mercê.	Natureza instrumentalizada por dispositivos visuais que rastreiam seu curso natural.	Manifestação na dúvida se a dimensão do território explorado pela empresa é proporcional aos quesitos de segurança, isto é, por mais que há o esforço de monitoramento, questiona-se se a estrutura da Samarco atende por completo todas as áreas de atividade e de impacto que ela afeta.

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

O histórico e a ordenação social afetam agentes e estruturas, e acabam por refletir seus interesses em realidades delimitadas por uma certa temática. Dada as circunstâncias e a necessidade de dominar nas relações, interesses ao menos são explicitados ou notados (BOURDIEU, 2004, 2008). Com este apoio na sociologia bourdieusiana, convergindo para as fotografias, o interesse da empresa em especificamente utilizar estas, e até mesmo, datar a publicação do Facebook próxima ao ocorrido, pode ser compreendido como uma maneira de amenizar a situação que se encontrava: o desenrolar do crime. As duas primeiras fotografias e a capa do relatório não refletem diretamente o cenário do episódio, mas correspondem aos desdobramentos e ao período equivalente ao crime. Essa articulação já demonstra que a Samarco direciona sua narrativa, por meio da fotografia, na ênfase em relatar o controle de atividades pós crime.

O discurso da sustentabilidade é de importância estratégica para as organizações, apesar de elas estarem comprometidas com a implementação de certas práticas denominadas sustentáveis, elas são consistentes com uma gama de diferentes interesses (ROSENBAUM, 2011). A manifestação do interesse na seleção destas fotografias pode ser interpretada como uma tentativa em enfatizar as temáticas de segurança, monitoramento, uso de tecnologia para controle da natureza. Acredita-se que o conhecimento e a tecnologia podem resolver os problemas ambientais, e que o ser humano é superior à natureza (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005). Este posicionamento representa uma forma da empresa demonstrar agilidade na corrida contra o tempo para que desenrolamentos mais graves não acontecessem. Ela busca se desvincular da liquidez do crime, proliferando atitudes de monitoramento, as quais são potencializadas e apoiadas em meios tecnológicos como forma de evidenciar que tudo está sob controle.

A fotografia caracteriza a significação de ação no pensamento bourdieusiano, pois as ações se referem a atos concretos que dependem das relações estabelecidas, da posição social e das vivências do agente (BOURDIEU, 1996). Diante das fotos selecionadas pela empresa, podem ser observadas ações específicas e objetivas de acompanhamento do crime ambiental: observância, controle, monitoramento. Ao considerar que os agentes, os indivíduos presentes na empresa Samarco Mineração S.A., ocupam posições nesse contexto – estão encarregados em acompanhar o percurso natural da natureza e as áreas de atividade da empresa. E ainda apresentam relações com o evento, apesar dos funcionários não

serem diretamente os reponsáveis pelo crime, mas por fazerem parte do grupo Samarco, foram designados para atividades pós crime, levando em consideração as experiências ao longo de sua trajetória na organização. Retoma-se a questão se as condições mínimas de segurança já eram valorizadas anteriormente pela organização que se classifica como sustentável. Isto pode ser inteprutado a partir da abordagem do ecocentrismo, o qual denuncia um distanciamento em relação à sustentabilidade, visão que enfraquece a distinção entre humanos, ignora as relações básicas relacionadas à segurança humana e, portanto, também ignora a integridade ecológica, mesmo a natureza vulnerável ao estresse e fragilidade (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995).

A prática para Bourdieu (2009) é concreta, específica, urgente, imprevisível, adaptativa e criativa. A conversão desses aspectos nas fotografias trata em questão de concretude do manejo de áreas naturais e atividades pós-criminais, podendo-se ver pelas fotos a localização, os agentes e os equipamentos para esse fim. A especificidade pelo equipamento técnico que serve de suporte. É urgente ao remontar a foto da rede social próxima ao período do crime e no relatório de sustentabilidade do próximo ano, exigindo agilidade da empresa para que adversidades não ocorram no futuro. É imprevisível para os responsáveis pelo monitoramento, para os que residiam nas casas exibidas nos telões e para as mudanças no próprio processo natural. Adaptativa, porque não se sabe se a estrutura de monitoramento já existia ou o crime demandou sua construção. Criatividade, em promover atitudes que podem prevenir novos desastres e apoiar aqueles que são afetados. Considerando esses aspectos, a prática nesse sentido pode residir na desconstrução da ideia de (in)sustentabilidade do crime. É evidente que as empresas fazem o uso de estratégias para a construção de uma boa reputação para a sociedade (ROSENBAUM, 2011) e este combo de fotos revelam este intuito.

Entende-se que a realidade estabelecida pelo episódio de Mariana ultrapassa este conjunto de fotografias. A gravidade dos prejuízos causados pelas atividades da Samarco prejudica a confiabilidade de todos os envolvidos, seja diretamente ou indiretamente com o crime, pois a sustentabilidade deve focar não apenas o ponto de vista ambiental, mas todas as manifestações locais de degradação ambiental, a busca pela gestão ambiental, e, também, frentes de cunho econômico, político e sociocultural (MOL, 2000). Isto posto, este grupo de fotos pode transmitir a cisão da empresa com as evidências de (in)sustentabilidade do crime, uma vez que a

empresa apelou por fotografias que demonstram os esforços organizacionais em quesitos de segurança e monitoramento. Entretanto, as imagens das telas podem comprometer esta cisão, pois retratam locais afetados pelo rompimento das barragens.

A tonalidade fria das fotos reflete precisão e seriedade, o que demonstra o interesse pela exposição das ações de controle e monitoramento pós crime, em que a natureza foi sujeita ao desenvolvimento da ciência e de tecnologias modernas (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015). Isto pode ser interpretado como uma estratégia para gerenciamento de sua reputação às partes interessadas mediante a crise instalada pelo crime. O fato dela colocar como capa do relatório no ano seguinte do rompimento uma fotografia similar a foto do Facebook, a qual foi publicada próxima a data do crime, potencializa a carência da Samarco em esclarecer e notabilizar aquilo que foi realizado e assim, revigorar seu elo com a sustentabilidade.

A materialização do interesse é atribuída aos equipamentos tecnológicos que dão ênfase ao monitoramento e controle da natureza e áreas de atividade da Samarco. As telas com imagens de câmeras posicionadas nesses locais comprovam isto. A ação é simbolizada pelos funcionários, os quais direcionam mãos e olhares para as telas. Já a prática se consolida no contraste entre a tecnologia e a natureza, isto é, a observância para evidenciar o controle pelos equipamentos e o percurso natural conturbado em exibição nos telões.

#### 4.1.4 Águas Passadas?

No total, 11,1 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos foram carreados além dos limites do reservatório de Candonga, se diluindo ao longo do rio Doce, impactando cerca de 680 km de corpos hídricos da bacia hidrográfica. O maior impacto ocorreu nos primeiros 80 quilômetros da bacia; no total, 39 municípios foram impactados nos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo. Um número considerável de famílias perdeu suas casas. Propriedades rurais, que somavam cerca de 2,2 mil hectares, ficaram inundadas, impedidas de produzir. A pluma de rejeitos afetou temporariamente a captação direta de água no rio Doce, comprometendo o abastecimento em nove cidades. Entre os municípios impactados estão Governador Valadares (MG) e Colatina (ES), que tiveram a captação de água do rio afetada por oito e seis dias, respectivamente (SAMARCO, 2016a, p. 62).

Estes dados da narrativa emitida no Relatório de Sustentabilidade Bienal 2015-2016 demonstram de forma quantitativa as águas atingidas pelo volume de rejeitos oriundos do rompimento da barragem. Entretanto, pelas fotografias selecionadas neste capítulo é possível ter uma noção da dimensão de algumas das

áreas aquáticas impactadas. As fotos que compõem este capítulo, o qual é intitulado pelo dito popular “águas passadas”, por fazer uma alusão a fatos passados que perduram no futuro, retratam as condições das águas pós-crime.

No Relatório de Sustentabilidade Bienal 2015-2016 na seção “Sobre o rompimento da barragem de Fundão”, a fotografia localizada na página 62 traz uma expressividade emblemática para o entendimento da dimensão do crime ambiental provocado pela Samarco Mineração S.A. O clique tirado no mês do rompimento da barragem expõe o esparrame da lama na Foz Rio Doce no Espírito Santo, conforme informa a legenda que o acompanha. “O rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015, liberou, na bacia do Doce, rejeitos de mineração, água e materiais utilizados em sua construção” (SAMARCO, 2016b, p. 43).

Figura 12 – Foto 9



Fonte: Samarco (2016a, p. 62).

Na foto selecionada, há um equilíbrio entre cores quentes e frias obtidas por meio da luz natural do dia. As cores frias na parte superior e inferior estão em harmonia com as cores quentes no centro. Comparada com a cromaticidade da

lama do rio, a intensidade do azul do céu, da água e dos verdes bosques espalhados pela área urbana da cidade aumenta. O alcance do lamaçal só é perceptível por conta do contraste com a tonalidade azulada da água. Se a empresa optasse por trazer a mesma foto em preto e branco, não seria possível determinar o que é água, o que é lama, o que poderia ser reconhecido é um contraste, uma diferença na textura da água e a fronteira entre as duas coisas (água e lama). O céu só é passível de ser identificado pela presença das nuvens, ao contrário se elas não existem, não se saberia onde se finda o rio e onde começa o céu, por conta de as cores serem próximas. Ilhas de vegetação verde podem ser observadas em partes do rio.

O enquadramento adotado pelo fotógrafo é de plano mais aberto. Por ser tratar de uma foto aérea, mais elementos são capturados como a extensão do céu que se mistura com rio e a mata com a cidade. O destaque a partir deste panorama é o rio impregnado pela lama. Em uma descrição detalhada da imagem, verifica-se o corredor de água do rio misturada com a lama que atingiu a cidade, as ruas e possivelmente as casas como pode ser observado ao lado direito na parte inferior. Não é possível identificar se a parte da mata verde localizada na parte esquerda inferior foi atingida também pela lama. Pelo ângulo elegido pelo fotógrafo, o rio parece ter sido comprometido em sua metade. Apesar de se conhecer o contexto da foto, ao observá-la, a sensação transmitida é paz e serenidade, porque a fotografia se aproxima de uma paisagem, do belo, um retrato da imensidão do rio. Entretanto, a mancha de lama no rio quebra esse sentimento se transformando em desolação.

O sentido denotativo da fotografia é mostrar a situação do Rio Doce atingido pela lama. No sentido conotativo pode-se imaginar que a população ribeirinha que tinha o sustento das águas do rio e que de certo modo dependia dela para uso, foi afetada pelo desabastecimento das águas devido seu comprometimento. O que se confirma pela narrativa da empresa:

Propriedades rurais, que somavam cerca de 2,2 mil hectares, ficaram inundadas, impedidas de produzir. O material fluiu rio abaixo em direção ao Rio Gualaxo do Norte e, na sequência, para o Rio Doce, prejudicando o abastecimento público de água dos municípios da região. O restante seguiu do Rio Doce para o mar, causando transtornos em municípios mineiros e do litoral norte capixaba (SAMARCO, 2016b, p. 9).

Já o sentido retórico envolve os infortúnios em nível de economia, sociedade e natureza ocasionados pela poluição do Rio Doce. No Book Um ano do Rompimento, na seção “Governador Valadares: garantias para a água”, uma fotografia de outra cidade (Figura 11), mas que também é banhada pelo Rio Doce foi

selecionada pela empresa. “O rio deu a Governador Valadares sua vocação econômica. Em sua margem fértil foram desenvolvidas atividades de agricultura e pecuária. Depois, chegou à estrada de ferro e, com ela, a indústria e o comércio” (SAMARCO, 2016b, p. 51). Este *book* é uma espécie de relatório que conta com o balanço das atividades até então realizadas diante do rompimento da barragem. Aérea e de plano aberto, a fotografia traz o Rio Doce visto de cima passando pela cidade de Governador Valadares no estado de Minas Gerais, pelo que está escrito em sua legenda. Por conta de ser uma foto colorida, observa-se que toda a extensão do rio, no seu formato em “Y”, foi afetado pela lama. Esta interpretação só pode ser realizada levando em consideração o enquadramento adotado pelo fotógrafo. É ainda possível perceber, alguns desses destroços e vegetações em algumas de suas partes.

Figura 13 – Foto 10



Fonte: Samarco (2016b, p. 50-51).

As cores quentes são pouco mais evidenciadas por conta da somatória da água situada em uma mesmo lugar, as cores frias se dissipam no restante fotografia, onde estão localizadas casas, prédios, moradias e a miscelânea de arvoredos. Uma parte da floresta localizada na lateral direita inferior da fotografia também parece ter sido atingida, por conta da coloração terrosa da lama no que parece ser um tipo de estrada, caminho ou via de passagem. O rio também parece ter tido seu volume de água alterado, tendo a vista que a vegetação ripária parece ter sido “engolida” em partes pela água suja.

Esse fato não chegou a ponto de invadir a cidade, o que pode ser visualizado à esquerda da foto em uma rua, ou até mesmo, uma avenida da cidade intacta, pela sua coloração cinzenta. Vale ressaltar que este é o estado do rio em setembro de 2016, isto é, praticamente nove meses após o rompimento da barragem. Essa ideia de temporalidade traz à tona que muitas consequências advindas do crime ambiental persistiram no longo prazo. O conteúdo expressivo da imagem, considerando essa temporalidade, reflete o descaso e a falta de providências mais drásticas que deveriam ser tomadas o mais rápido possível.

O sentido denotativo mostra os milhares de metros cúbicos de lama que atingiram rio Doce. Já no sentido conotativo pode-se imaginar que a contaminação da água pelo lamaçal de rejeitos pode ter afetado o abastecimento da cidade, recaindo para a população que ali residia e fazia uso da água para consumo ou sustento, e, também, pela possível morte de espécies que habitavam o rio. “O sedimento chegou a Governador Valadares e comprometeu a única fonte hídrica que abastecia o município, que ficou sete dias com o abastecimento de água interrompido” (SAMARCO, 2016b, p. 51).

Neste sentido, cabe a interpretação de que há muito o que fazer para recuperação do rio e para que as coisas voltem a ser como antes, tendo em vista que a foto é de praticamente 10 meses após o evento. Além disso, a extensão do considerado maior crime ambiental do país ultrapassa os limites da fotografia, pois, devido à escolha do recorte, é passível de se imaginar que o restante do rio que banha a cidade também foi comprometido. A retórica da fotografia está nas consequências ocasionadas pelo rompimento, as quais foram enormes e perduraram por extenso período. A fotografia amplia o desastre refletindo o contraste entre a vida urbana com a natureza, mais especificamente pela perturbação do rio.

Em seu “novo” site, como mencionado anteriormente, a Samarco Mineração S.A. reformulou a estética, o design, o acesso aos dados e às próprias informações de sua rede institucional. Na aba renomeada para Rompimento, na seção – Entenda o rompimento –, a fotografia é aérea sobre algum dos rios que a lama avançou. Até então, a Figura 6 aparenta ser uma bela foto de paisagem feita por um veículo aéreo, todavia existem manchas que podem ser observadas por conta da coloração marrom em algumas partes das águas.

Figura 14 – Foto 11



**Fonte:** Samarco (2021a).

A predominância de cores frias na foto, enaltece ainda mais o azul que se estende das águas para o céu e o verde das vegetações que se dissipam na fotografia, como um todo, com destaque para o fundo e “ilha” ao centro. Manchas mais claras ao longo do rio, que remetem a areias ou lama, também podem ser vistas pelo ângulo adotado pelo fotógrafo. Existem alguns pontos de água entre as árvores e o verde da natureza. No enquadramento de plano aberto é possível verificar a profundidade dos elementos na fotografia. Nesta perspectiva, o rio é o destaque, o céu e as montanhas ao fundo são coadjuvantes. Apesar das manchas, a fotografia, como um todo, expressa harmonia pela beleza da natureza.

Logo, o sentido denotativo é mostrar o estado de algum rio em que se subentende, teve relação com o crime. O sentido conotativo, por sua vez, pode ser interpretado como uma alternativa da empresa mostrar que, após praticamente um ano do acontecido, o rio parece estar em seu estado normal, intacto, sem poluição ou rejeitos. Isto é, assume a concepção de que ações e medidas foram adotadas para

que as coisas voltassem a ser como eram antes. A empresa foi cirúrgica, pois aplacou uma fotografia (Foto 11) esteticamente “bela” que exalta a beleza da natureza para tratar sobre o rompimento de Fundão, se comparada com a Figura 1, que era utilizada antes da mudança. Como retórica está a imensidão da natureza pela profundidade da fotografia. As manchas entrelaçadas na água acentuam a plenitude da natureza e produzem ricos detalhes que complementam a foto no geral.

No mesmo passo, a empresa publicou, também no Facebook, um antes e depois da recuperação de um dos rios afetados pelo rompimento da barragem de Fundão. Na própria publicação a empresa direciona, a partir do texto presente na arte e na legenda, para que aquele que teve acesso conheça as ações de recuperação ambiental que ela tem feito. Ambas as fotografias foram clicadas na mesma posição para que se pudesse realizar a comparação entre elas.

Figura 15 – Foto 12



Fonte: Samarco Mineração (2016).

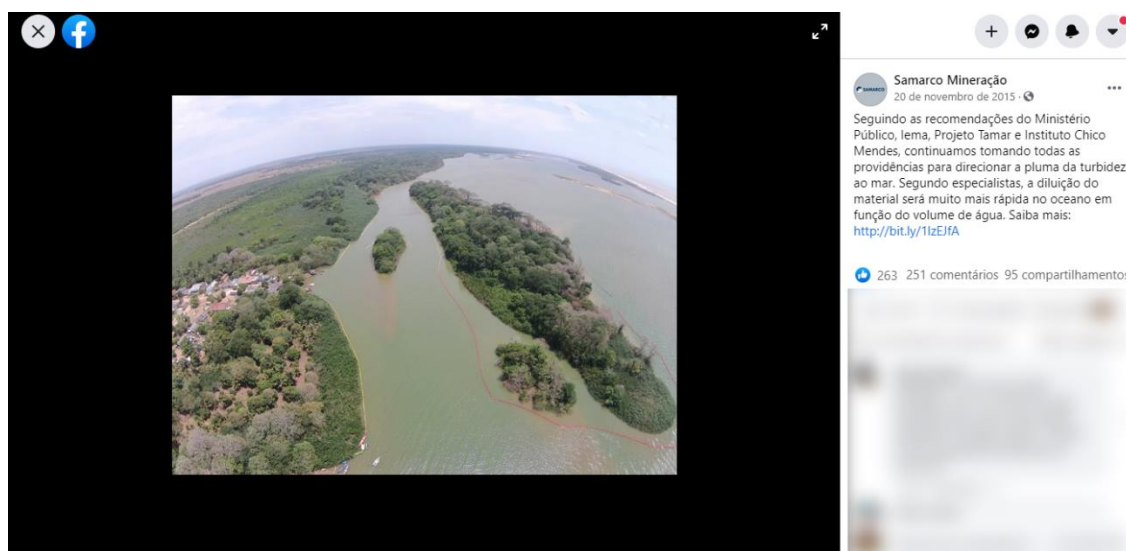
As fotos são de tonalidade fria, mesmo com pontos quentes do tom terroso do rio e do barranco de terra ao seu redor. O céu azul nublado, as cadeias de montanhas com vegetações, as pedras brancas ao redor do rio, no depois fazem com que a frieza da foto seja sobressalente. Coloridas e de luz natural, as fotos realçam o verde das montanhas de vegetação que não mudaram de uma foto pra outra. O destaque fica por conta da mudança do barranco de terra, que fica em torno do rio, que deu lugar a gramíneas e pedras brancas em toda sua dimensão. O

enquadramento é de plano médio, pelo qual o autor das fotos buscou destacar o curso do rio e seu respectivo estado, sem deixar de considerar a área ao seu redor.

O conteúdo expressivo é a transformação pela mudança ocorrida desde água a do rio até os elementos que encontram-se à sua volta. O sentido denotativo é mostrar o depois e o antes do rio. Já o sentido conotativo assume a concepção de que a água precisou passar por tratamentos para que voltasse a condições de normalidade. A vida que existia foi prejudicada ou dizimada pela poluição da água. Como trata-se de uma parte do rio que foi capturada, a análise retórica indica que todo o rio foi prejudicado pelo volume de rejeitos, alcançando até as regiões que eram abastecidas por essa água.

Quinze dias após o rompimento da barragem, em 20 de novembro de 2015, a Samarco Mineração S.A. publicou no Facebook uma foto aérea de local aquático, a fim de informar que a diluição dos rejeitos presentes no oceano seria mais eficiente, conforme ela informa na legenda.

Figura 16 – Foto 13



**Fonte:** Samarco Mineração (2015c).

Colorida e de luz natural, a vantagem das cores frias na foto realça ainda mais o verde da vegetação que se estende para o céu. Da perspectiva do fotógrafo, também é possível ver os locais com manchas marrons ao longo do rio que remetem à lama. Alguns pontos de incidência quente podem ser observados pelo telhado das casas localizadas no meio da vegetação próximas das águas, mas o que predomina é a tonalidade fria. Há ainda uma ilha arborizada que ocupa parte

considerável da água cercada por outras ilhas menores. Pelo enquadramento aberto e formato arredondado dos elementos, pode-se verificar a profundidade dos elementos na foto. Nesta perspectiva, o rio é elemento destaque e a região arborizada com casas complementa a fotografia. O conteúdo expressivo reflete liberdade pela movimentação das águas, o que é perceptível pela textura da água e pela imensidão do posicionamento da foto.

Portanto, o sentido denotativo significa mostrar o estado do rio. O significado conotativo pode ser interpretado como uma alternativa para a empresa mostrar que após curto período do acontecido, o rio parece estar em estado normal, apenas com manchas de rejeitos que não atrapalham todo o emaranhado da fotografia. No entanto, esse incidente foi exposto pela legenda que informa a diluição dos rejeitos do rio com seu despejo no mar. O rio poluído pode ter afetado a vida da população ribeirinha, vida aquática e, por conta do processo de diluição, vai recair sobre vida marinha. Como análise retórica, o efeito 'olho de peixe' (arredondado) e o enquadramento glorificam a natureza e sua exuberância, apesar das manchas de lama no rio. Se a foto fosse dissociada do contexto seria interpretada como uma paisagem e as manchas fariam parte do fundo do rio.

Quadro 7 – Síntese Foto 9, Foto 10, Foto 11, Foto 12 e Foto 13

Elementos	Foto 9	Foto 10	Foto 11	Foto 12	Foto 13
Cor e Luz	Colorida. Equilíbrio entre tons quentes e frios. Luz natural.	Colorida. Tons quentes mais evidentes que tons frios. Luz natural.	Colorida. Tons frios. Luz natural.	Colorida. Tonalidade fria. Luz natural.	Colorida. Tons frios. Luz natural.
Espaço	Rio e sua parte afetada pelos rejeitos que banha o povoado ribeirinho e a natureza.	Cidade banhada pelo rio comprometido pela lama.	Paisagem que retrata o rio e a vegetação ao seu redor.	Paisagem de rio cadeia de montanhas com árvores verdes sob o céu nublado.	Paisagem que retrata região aquática e a vegetação ao seu redor.
Composição	Rio em parte com lama, céu com nuvens, ilhas de vegetação, moradias dos ribeirinhos com extensa vegetação em seu entorno.	Prédios, casas, ruas entremeadas por vegetações e o rio que percorre a cidade.	Céu, rio, uma espécie de ilha com vegetações e montanhas com arvoredos.	Céu, rio, montanhas, grama e vegetação	Céu, águas, região de moradias cercadas por árvores.
Enquadramento	Plano aberto. Foto Aérea que destaca a imensidão do rio e sua parte lesada pela lama.	Plano aberto e aéreo que destaca a toda a extensão do rio envolto da cidade poluído pela lama.	Plano aberto e aéreo que evidencia a perspectiva da fotografia, ao apresentar o percorrer do rio cercado por florestas.	Plano médio com destaque para o rio sem desconsiderar a área ao seu redor.	Plano aberto e aéreo que evidencia a perspectiva da fotografia em retratar imensidão das águas cercada por árvores.
Conteúdo Expressivo	Paz e serenidade que se transformam em desolação com a mancha no rio.	A sensação passada pela fotografia é descaso, pela falta de providências que deveriam ser tomadas considerando o fator temporalidade.	A fotografia expressa harmonia pela beleza da natureza.	Transformação, quando comparada as duas fotos presentes na publicação.	Liberdade por meio do movimento da água expresso em sua textura e imensidão pelo ângulo da fotografia.

Elementos	Foto 9	Foto 10	Foto 11	Foto 12	Foto 13
<i>Interpreting</i>	O desabastecimento da região banhada pelo rio.	A contaminação da água prejudicou o abastecimento da cidade e daqueles que tinham dependência dela para sustento. Há muito o que se fazer para que as coisas voltem a ser como antes.	O rio aparenta estar em condições de normalidade, apesar de não se saber ao certo o que são as manchas presentes nele. Escolha estratégica da empresa em utilizar uma fotografia esteticamente bela.	A água precisa ser tratada para voltar ao seu estado normal. A poluição da água arruinou a vida aquática que ali existia.	As águas parecem estar em um estado normal, embora contenha manchas em algumas de suas partes. Entretanto, isto cai à tona, uma vez que a legenda informa a diluição dos rejeitos do rio para que esvaia até o mar. A poluição do rio pode impactar a vida das pessoas e da vida aquática e devido, ao processo de diluição, recair na vida marinha.
Análise Retórica	Prejuízo em sentido econômico, ambiental e social ocasionado pelo comprometimento do rio.	As sequelas foram muitas e persistiram a longo prazo. Ampliação do desastre e refletindo o contraste entre a vida urbana e a natureza.	Vastidão da natureza por meio da profundidade da fotografia. As manchas que entrelaçam a água acentuam a plenitude da natureza, acarretando uma riqueza de detalhes que complementa a foto como um todo.	Por ser parte de um rio que foi capturado, pode-se imaginar que todo o rio foi prejudicado pela quantidade de rejeitos que chegaram até mesmo à área abastecida pela água.	O efeito "olho de peixe" (circular) e o enquadramento embelezam a natureza e sua prosperidade, apesar da lama do rio. Se a foto for separada do contexto, ela será interpretada como uma paisagem, e essas manchas passarão a fazer parte do fundo do rio.

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Bourdieu (2008) concorda com a ideia de discursos relacionados a interesses. O discurso é uma aptidão social que implica uma linguagem sancionada para governar e conquistar interesses. Com um simbolismo narrativo ou mais precisamente, como uma alegoria, que exprime um significado transcendente e acrescenta a conotação, uma fotografia pode constituir certamente um discurso (BOURDIEU, 2003b). A partir destas fotos, é possível interpretar que a Samarco Mineração S.A. tem o interesse, por este discurso imagético, de apresentar ações que “buscaram conter os rejeitos ao longo de cursos d’água, preservar a qualidade do recurso e reduzir os impactos sobre fauna e flora” (SAMARCO, 2016a, p. 74). Pois, a adesão cada vez maior da sustentabilidade e sua reincidência em relatórios e outras mídias têm contribuído a distender práticas sustentáveis (MONTIEL; DELGADO-CERBALLOS, 2014), como é o caso da mineradora Samarco que alega ser uma empresa sustentável.

Todavia, as machas de lama nas águas (Foto 9, Foto 11 e Foto 13) ou a água lamacenta em sua totalidade (Foto 10 e Foto 12) apresentadas pelas fotografias declaram laivos de (in)sustentabilidade, no que se refere ao posicionamento da empresa. As próprias fotografias revelam uma contradição, o interesse no momento é realmente se mostrar transparente em relação ao que foi causado, como estavam as condições dos rios. Mas, na realidade, fazendo uma alusão às águas, existe uma turbidez que encoberta este interesse, pois o que gerou o cenário identificado nestas fotos reflete um desinteresse anterior em relação ao cuidado com as barragens e, conseqüentemente, com as águas, rios, mares etc.

As fotos não são vistas e apreciadas por si só, ou seja, não a partir de sua qualidade técnica ou estética, mas são como um mapa social que permite visualizar relações sociais e papéis existentes (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006). Como não é possível observar de modo explícito, equipamentos, máquinas, indivíduos ou objetos de qualquer natureza que auxiliariam no tratamento da água e na recuperação da flora e fauna afetadas, não fica claro pelas fotos quais ações a empresa realizou em decorrência dos danos na barragem, isto é, seguindo a teorização bourdieusiana, seu papel social desempenhado para controle das áreas impactadas ao longo dos rios.

Ademais, embora as fotos façam parte dos arquivos correspondentes da Samarco Mineração S.A. – Relatório de Sustentabilidade (Foto 9), Book 1 ano de rompimento (Foto 10), Facebook (Foto 12 e Foto 13) e site institucional (Foto 11) –

também não é possível notar, em sentido objetivo, o comparecimento da empresa nas fotos. Em sentido subjetivo, sua presença nas fotos se manifesta nas manchas de lama na água. Não obstante, de acordo com as legendas das fotos e algumas narrativas “desde 6 de novembro de 2015, ações de monitoramento da qualidade das águas e sedimentos foram realizadas pela Samarco” (SAMARCO, 2016a, p. 75) e “ações de revegetação estão entre as medidas para mitigar os impactos sobre a biodiversidade nas regiões afetadas” (SAMARCO, 2016a, p. 77). Atitudes como estas de cuidado com o meio ambiente e a natureza são de antemão vistas com bons olhos por aqueles que tem noção sobre o que é uma empresa sustentável (FONSECA, 2009; ROSENBAUM, 2011).

Concretude, especificidade, imprevisibilidade, urgência, adaptação e criatividade são as características que definem a prática na sociologia bourdieusiana (BOURDIEU, 2009). Neste grupo de fotos, a concretude é devida à lama do rio ou a toda a água lamacenta. Confirmou a especificidade do crime pela poluição das águas. É urgente, porque a amplitude de rejeitos nas águas acaba afetando os problemas sociais causados pelo abastecimento urbano insuficiente, os problemas ambientais causados pelo comprometimento da flora e da fauna e da água, e os problemas econômicos, porque as atividades que dependiam e se mantinham pela água foram paralisadas. Para a empresa, questiona-se a imprevisibilidade, não há condições de segurança efetivas para o controle de rejeitos? Adaptabilidade, adequada à natureza que teve alteração em seu percurso natural e à população ribeirinha diretamente afetada pela supressão de mananciais. Criatividade, pela demanda provocada pela pouca ou nenhuma oferta de água. A “empresa tem se empenhado na limpeza dos rios impactados” (SAMARCO, 2016b, p. 42), isto é, o que traduz a sua prática na reconquista de seu público de relacionamento e de seus acordos com a sustentabilidade, mas as fotos promovem um certo desencontro. A apresentação destas fotos, traduz a tentativa de condição de uma sustentabilidade, levando em consideração os aspectos ecológicos de reorganização e transformação, e usando-a para garantir o status quo (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006), de empresa sustentável.

Quando se pensa sobre coloração da água, não importa qual seja, imagina-se uma tonalidade azul. As fotografias deste capítulo vão em contra mão deste sentido, pois embora o azul possa ser visto em algumas delas, são os pontos ou espaços de água de tonalidade terrosa que chamam a atenção. Cada foto contém

uma particularidade ao retratar a mesma temática, seja pelo contraste (Foto 9), pela composição (Foto 10), pela estética (Foto 11), pela comparação (Foto 12) ou pelo efeito (Foto 13). Este conjunto de fotografias atenta contra a sustentabilidade. O interesse em mostrar fotos que ilustrem ações relacionadas ao tratamento de rios e diluição de efluentes na tentativa frustrada de ‘rebentação’ com a (in)sustentabilidade, testemunha a prática da empresa para com seus *stakeholders* e a própria natureza.

#### 4.1.5 Tapar as Manchas?

No Book Um ano do Rompimento, a Samarco trouxe três fotos juntas, uma ao lado da outra, que representam o mesmo local em épocas diferentes (SAMARCO, 2016b). A escolha do título desta seção foi para evidenciar a estratégia da empresa em tapar as manchas de lama na cidade, mais especificamente no tronco dos coqueiros, em que a parte atingida pela coloração marrom da lama foi coberta com tinta branca, o que é perceptível ao correr o olhar de uma para a outra.

Figura 17 – Foto 14



Fonte: Samarco (2016b, p. 30-31).

O carrossel de fotografias está situado na seção intitulada Primeiras Ações. De acordo com a legenda que contempla a terceira fotografia da sequência, a localização corresponde a avenida Beira Rio da cidade de Barra Longa (MG). A primeira foto à esquerda, tirada no mês do rompimento da barragem, no dia 12 de novembro de 2015, mostra a região que foi visivelmente afetada pela lama, não é possível visualizar nem sequer a pavimentação e o imóvel no final da fileira de palmeiras. A foto do meio, em maio de 2016, já se encontra com a avenida assentada com terra/areia, os andaimes em frente das casas, montes de materiais de construção (areia, pedra, telhas de proteção) que conforme sinaliza a placa com detalhe azul o

acesso é seguro. Por fim, a terceira foto do trio, clicada em outubro de 2016, a cidade em um dia normal em atividade, já com a rua pavimentada e sinalizada, é possível ver a calçada, os veículos e as casas.

Em relação à cromaticidade, a primeira fotografia apresenta tons frios e quentes. O lamaceiro que invadiu a rua é fator indicativo dos tons quentes em metade do recorte. A outra metade é contrastada pelo tronco das palmeiras em tons de cinza e as folhas, arbustos, árvores e montanhas verdes. O destaque fica por conta da filiera de palmeiras em que é possível atentar ao alcance da lama pela manchas que sobem da raiz até o parte do tronco. Essa composição muda nas fotografias seguintes, tendo em vista que a empresa pintou de branco a parte do coqueiro que anteriormente estava coberta de lama. A segunda fotografia segue na mesmo padrão em relação às cores, entretanto os tons quentes se sobressaem, tendo em vista os tons terrosos presente nas casas, no chão e em algumas folhagens das árvores. Já, na última fotografia, há a predominância dos tons frios traduzidos pelo azul do céu, o cinza das ruas e o verde da vegetação. Alguns tons mais quentes podem ser observados nas moradias localizadas na lateral direita.

O enquadramento adotado em cada uma das fotos foi de plano mais aberto. Apesar de serem fotografias de diferentes fotógrafos conforme descrição nas laterais de cada uma delas, todos tiveram a intenção de registrar os desdobramentos depois do ecocídio em um mesmo local na cidade de Barra Longa. Embora exista uma leve mudança de ângulo, nos cliques estão as fileiras de coqueiros da avenida, a rua e calçadas desbulhadas em lama na primeira fotografia. A segunda já em fase de reparação. E, por fim, a terceira pouco mais afastada das demais em que é possível ter uma melhor visão dos sobrados rentes à avenida, ao imóvel e à montanha que compõem o fundo.

O conteúdo expressivo é a evolução, considerando toda a mudança de uma foto para outra, sendo que a última foto traduz a sensação de normalidade, as coisas voltaram a ser como antes. O sentido denotativo retrata exatamente essa evolução de uma foto para outra. O sentido conotativo envolve a concepção que a cidade foi submersa pela lama, podendo ter arruinado vidas, espécies, vegetações e história e que muitos encaminhados tiveram de ser feitos para que a situação fosse regulada no período de diferença entre as fotos. A análise retórica é o renascimento da cidade, que foi de uma situação caótica, praticamente dizimada, passando por restauros e melhorias e alcançando o status de volta a vida.

Quadro 8 – Síntese Foto 14

Elementos	Esquerda	Meio	Direita
Cor e Luz	Colorida. Tonalidade fria. Luz natural.	Colorida. Equilíbrio entre tons quentes e frios. Luz natural.	Colorida. Tonalidade Quente. Luz natural.
Espaço	Região urbana cercada por vegetações na cidade de Barra de Longa em Minas Gerais.		
Composição	Corredor de palmeiras com tronco sujo de lama, lamaçal do chão, maquinário, profissionais uniformizados em atividade, árvores, objetos em madeira.	Corredor de palmeiras com a copa pintada, chão assentado com areia, pilhas de pedra, areia, andaimes, placa sinalizadora e telhas de proteção.	Corredor de palmeiras com a copa pintada, calça e chão já pavimentado, veículos, frente das casas, árvores e montanha.
Enquadramento	Plano aberto, embora o ângulo tenha mudado um pouco, as avenidas arborizadas com fileiras de coqueiros nas ruas e calçadas imersas na lama da primeira foto apareceram quando clicadas. A segunda já aparece a avenida e calçada assentada com areia/terra. A terceira área é um pouco mais distante das outras áreas, e se pode ter uma melhor visão das casas geminadas próximas da avenida com carros já pavimentada e a montanha verde ao fundo.		
Conteúdo Expressivo	Evolução, considerando todas as mudanças de uma foto para outra, a última foto reflete o senso de normalidade, ela restaura o estado anterior.		
<i>Interpreting</i>	A cidade foi submersa pelo lama, destruindo vidas, espécies, vegetação e história. Muitos passos foram dados para que a situação fosse ajustada durante o período de diferença entre o trio de fotos.		
Análise Retórica	Renascimento da cidade. Ela vem situação caótica, que na verdade foi destruída, passando por restauração e melhoria, atingindo um estado de restauração da vida.		

**Fonte:** elaborado pelo autor (2021).

Interesses, na maioria das vezes, sequer são esclarecidos ou exteriorizados em discursos (BOURDIEU, 2008). As fotografias como discursos imagéticos também testemunham interesses (BOURDIEU, 2003b). No debate e nas atitudes sobre sustentabilidade, como razão e solução potencial para os problemas ambientais e sociais, as empresas ofertam vantajosamente significados que estão principalmente em linha com seus próprios interesses (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006). Fazendo um parênteses com a sociologia bourdiusiana, considerando a degradação ambiental e os conflitos sociais ocasionados pelo crime, evidenciados pela primeira foto do conjunto, o interesse mostra-se com sinais de resgate da credibilidade, ao apresentar em conjunto as três, exibindo a reparação do local de forma evolutiva ao longo do tempo, como forma a conformar-se à estrutura objetiva que define o que é uma sustentabilidade aceitável.

As fotografias são um corte do fluxo em tempo real e o congelamento momentâneo da continuidade de eventos (MONTEIRO, 2006). Como um recorte mais

profundo, retratam características essenciais do fenômeno fotografado (BECKER, 1974). A ação na sociologia bourdieusiana se refere a ações objetivas, as quais sofrem influência das relações estabelecidas, do status social e da experiência dos agentes envolvidos e do contexto circunscrito por uma temática polêmica, isto é, as ações são uma continuidade da integração subjetiva obtida por meio da vivência ao longo da trajetória de sujeitos em diferentes realidades sociais (BOURDIEU, 1996, 2004). A série de fotos pode ser uma forma de explicitar a continuidade e estabilidade das ações de Samarco devido ao ecossistema da área suprimido, territórios e comunidades foram destruídos como mostra a primeira e a reconstrução do ambiente na segunda foto e pelo que pode-se imaginar a volta ao cenário que era anteriormente existia como na última foto.

A primeira foto é a única que prova a existência objetiva da empresa por contar elementos (o trator e as pessoas) que podem identificar ou remeter à Samarco Mineração S.A., pois nas demais não se observam itens compatíveis com a empresa. De certo modo, esta primeira foto compromete e ameaça o entendimento de como a organização se relaciona com a sustentabilidade, o que é exacerbado pelo lamaçal na foto, apesar de contar com itens que podem qualificá-la. Entretanto, por esta foto estar acompanhada de outras duas fotos que não explicitam ações realizadas e pela própria empresa, a Samarco pode ter a intenção de gerenciar a impressão do público a fim de mostrar a retomada de sua relação com a sustentabilidade.

A prática seguindo a teoria social de Bourdieu (2009) pode ser compreendida como decorrer da vida, ela ainda é também concreta, específica, urgente, imprevisível, adaptativa e criativa. Neste ponto, a manifestação da prática na trilogia fotográfica simboliza concretude pela destruição das áreas urbanas, a evolução para a restauração e o retorno à normalidade. A especificidade pelo comprometimento e, após certo período, o retorno da vida urbana e ambiental. A urgência de correr contra o tempo para voltar às condições normais. A imprevisibilidade causada pelo comprometimento da principal via da cidade, o que deve ter afetado o funcionamento e atividades do local, os moradores, a flora e a fauna ali localizadas, uma vez que, na última demonstra-se a volta de tudo isto. Adaptabilidade, pelos impactos diretos e indiretos na economia, sociedade, meio ambiente e diversos campos. Um novo conceito de criatividade foi necessário para recriar mudanças no ambiente afetado.

Do ponto de vista fotográfico, é possível para a Samarco Mineração S.A. enfrentar a (in)sustentabilidade por meio desta série de fotografias e, mais importante, correr contra o tempo para reconquistar o crédito com todos os agentes, sejam eles quais forem: Estado, natureza, pessoas e comunidades. “A Samarco reconhece sua obrigação legal e moral de mitigar, compensar e remediar os impactos gerados à população mineira e à capixaba” (SAMARCO, 2016a, p. 68). Em quesito legal, a violação de práticas sustentáveis podem estar relacionadas às questões econômicas, pois a organização utiliza capital econômico e sua influência para consolidar as relações (BOURDIEU, 2004, 2009; DUIT; FEIDT; MEADOWCROFT, 2016; SENA *et al.*, 2017). Não se sabe ao certo se a Samarco burlou o sistema e suas relações com Estado por meio de capital econômico. Mas, pelas fotografias foi possível constatar a interferência e conturbação gerada na vida urbana e ambiental de Barra Longa (MG), a qual não foi impactada somente em diretrizes econômicas, pois pelo que pode-se observar o cotidiano da cidade, isto é, aquilo que existia antes da primeira foto do trio, deveria ser semelhante ao que se pode visualizar na última fotografia do conjunto.

Findando a análise das fotografias, destaca-se a mudança de tonalidade de uma foto para outra respectivamente - tonalidade fria, equilíbrio entre tons quentes e frios e tonalidade quente – pode ser encarada como estratégia da Samarco de embelezamento das fotografias, a fim de refletir a normalidade reinstaurada, o que se dá pela saturação que parece ter sido acentuada de uma foto para outra. O interesse, a ação e a prática destas três fotos estão diretamente relacionados, pois o interesse em selecionar essas fotos é retratar a ação de cobrir literalmente as manchas e suas consequências, o que pode ser visto na pintura com tinta branca de uma determinada parte do tronco dos coqueiros em que os limites são definidos pela abrangência dos tons terrosos de lama, revelando a postura da Samarco em impedir e ‘tapar’ simbolicamente as evidências de (in)sustentabilidade promovidas pelo crime. Apresentadas as análises das fotografias da Samarco, o próximo tópico teve como objetivo desenvolver uma síntese, a partir de tudo que foi analisado.

#### 4.2 UMA SÍNTESE A PARTIR DO MEU IMAGINÁRIO: EM BUSCA DE UMA FOTOGRAFIA REPRESENTATIVA

A partir da relação entre os registros fotográficos analisados, as teorias de sustentabilidade e a lente bourdieusiana, esta etapa da análise buscou construir a partir do imaginário do pesquisador uma fotografia que represente a síntese do que foi analisado. Imagina-se na posição de fotógrafo, estando com a câmera na mão, o que estaria diante do visor: qual seria o retrato do crime ambiental, considerando este conjunto de registros fotográficos? Primeiramente, em relação ao formato da foto idealiza-se uma foto em formato paisagem. Justifica-se a opção por esse formato contrário ao formato retrato, pois é possível visualizar de forma mais clara aquilo que está ao redor do que se deseja retratar. Imagina-se tons de coloração, uma fotografia colorida, pois uma foto preta e branca poderia mascarar e encobrir detalhes peculiares, gerando interpretações fora de contexto e possivelmente equivocadas diante da realidade do ecocídio.

A dominância dos tons terrosos em praticamente toda a fotografia reforçaria a metanoia da organização com os compromissos da sustentabilidade. Esta tonalidade quente é representada pelo lamaçal que cobre o chão, casas, natureza e a poluição da água. Mesmo com a dominância quente, existiria a introdução de outras cores, como o verde da natureza, contrastante com o restante da fotografia. Sobre a luminosidade, a foto seria de luz natural, uma vez que as consequências e as repercussões do crime aconteceram em ambientes externos. Diante desta perspectiva, o plano aberto pode ser identificado, pois com este enquadramento é possível dar maior amplitude à cena como um todo, valorizando todos os elementos em cena. No que diz respeito à composição, esta foto contaria com a presença de um mix de elementos: envolvendo pessoas que podem ou não fazer parte da empresa, rio e/ou água enlameada em poças, a natureza em parte devastada e em parte intocada, a ruína representada pelos destroços das casas e objetos pessoais que remetem presença de civilidade que ali existia.

A fotografia é carregada de significações que extrapolam seu caráter objetivo de registro histórico e testemunho de acontecimentos. Como sentido atribuído, se tem a ideia de conversão de uma realidade para outra pressionada e imposta pelas circunstâncias do crime. A manifestação de interesse traz consigo aquilo que é agradável a realidade recortada regida por um tema polêmico em que se

encontra (BOURDIEU, 1989, 2004). Essa foto destruiu o ideal em relação à sustentabilidade, pois mesmo que o interesse seja para permanecer ou fazer parte do que é considerado valorizado como sustentável, os elementos que formam a composição da foto incriminam e denunciam (in)sustentabilidade da organização. No debate sobre a sustentabilidade e no registro fotográfico pretense, diversos interesses estão fortemente desintegrados, e agora são pautados e reproduzidos pelo resgate da sustentabilidade 'abalada'.

Levando em consideração a capacidade do agente de inovar e agir estrategicamente, a ação na teoria bourdieusiana parte de uma ruptura com o objetivismo e o subjetivismo (BOURDIEU, 1996). Como uma luta entre uma história objetivada e uma história concreta, a ação coloca em xeque se aquilo que é narrado e contado é realmente o que foi vivido e experienciado. Por este ângulo, a fotografia também opera desta maneira, diante de tantas manipulações e efeitos de edição, reflete-se se realmente o que é mostrado é o que realmente foi vivido. É válido ressaltar que a fotografia representa um recorte micro de um contexto macro. Assim como a sociologia bourdieusiana, que opera com um recorte de um todo, a fotografia registra apenas uma parte de algo maior.

Apesar desse delineamento, a fotografia propõe uma narrativa que é alcançada dentro e fora de seus limites. Os elementos objetivos denunciam aspectos subjetivos e até mesmo simbólicos do registro fotográfico, promovendo interpretações, reflexões e problemáticas que não se restringem ao seu escopo. A foto até aqui imaginada, faz um contraponto e gera certos questionamentos se o protocolo de ações apresentado pela Samarco Mineração S.A. é suficiente para remediar os impactos ocasionados. Até que ponto, ações foram previamente tomadas para ao menos evitar uma calamidade como o considerado maior crime ambiental em Mariana (MG)? A empresa foi omissa em princípios e atitudes tidas como sustentáveis? Houve uma preocupação em termos ambientais e sociais? Ou a empresa procurou frisar e exhibir ações que pudessem beneficiar o retorno das atividades priorizando o aspecto econômico?

As ações, que na realidade são de obrigação da empresa pela responsabilidade dos danos gerados, podem ser encaradas como forma de recuperação do vínculo perdido com a sustentabilidade. Isto posto, como expressão singular da prática, manifestou-se "ações focadas em restaurar e restabelecer as

comunidades e os recursos impactados pelo rompimento da barragem” (SAMARCO, 2016b, p. 17).

Considerando a leitura bourdieusiana, a Samarco Mineração S.A. empreendeu uma prática específica, concreta e urgente. Específica pelo contexto singular em que se encontrava (crime ambiental), e concreta e urgente, pois se medidas objetivas não fossem tomadas rapidamente os impactos seriam muito maiores do que já eram. A prática precisou ser imprevisível, adaptativa e criativa, ela precisou se movimentar aos poucos perante a sociedade para ir reconquistando a confiança e melhorando sua reputação. Logo, procurou incumbir mudanças na percepção dos agentes, aqueles que foram diretamente ou indiretamente afetados por tal episódio (BOURDIEU, 2009). De fato, se ela fosse previsível, tal visibilidade seria vista com tom brusco por estes agentes, o que leva a incredulidade sobre o que realmente a Samarco Mineração S.A. valoriza.

A foto seria uma forma dela não hesitar sobre o acontecido para, ao menos resolver a calamidade em nível social e ambiental causada, na tentativa da redução da sua parcela de culpa no ecocídio. Entender a sustentabilidade como uma prática discursiva utilizada pelas empresas ajuda a entender como elas aderem a esse conceito (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006). A organização se relaciona com a foto como modo de mitigar o impacto do crime, simplificar o extremo do ocorrido e seus desoboramentos. Contudo, considerando os elementos que dela se fazem presentes (lamaçal, destroços, a conturbação gerada na natureza) pode-se fazer alusão a uma câmera.

Neste caso, é possível entender que o ajuste do foco da “câmera da empresa” está desfocado em relação à sustentabilidade. Ele está distorcido e precisa ser reajustado para este debate, se é que este debate existia pré-crime ou não passava de um instrumento narrativo estratégico e de diferencial competitivo. O que pode ser visualizado no quadrado do visor é o crime ambiental e seu desenrolar. Ainda em uma interpretação metafórica, a empresa faz o uso do zoom como forma de destacar o esmero do que ela tem feito. O ISO, configuração que auxilia na luminosidade, foi colocado no máximo para dar clareza aos compromissos assumidos pós crime, todavia seu aspecto de granulação na foto acabou por revelar embaraços em relação à sustentabilidade. O botão do clique está travado e é disparado em compromissos de reconquistar a reputação. A empresa opera entre o modo manual e automático para lidar com as consequências que perduram até hoje.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo: desvelar, a partir de registros fotográficos do crime ambiental de Mariana, as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas (in)sustentáveis adotadas pela Samarco Mineração S.A. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Compreender os registros fotográficos como manifestações narrativas para os estudos desenvolvidos sob orientação da sociologia bourdieusiana; Identificar, por meio dos registros fotográficos selecionados, os interesses a respeito da sustentabilidade referentes à e da organização investigada; Descrever, por meio dos registros fotográficos selecionados, as ações relacionadas à sustentabilidade referentes à e da organização investigada; Interpretar, por meio dos registros fotográficos selecionados, as práticas vinculadas à sustentabilidade referentes à e da organização investigada.

Em resposta ao primeiro objetivo específico, no referencial teórico, foi elaborado um tópico que abordou definições, características, aspectos e dimensões da fotografia, como um todo, considerando a lente bourdieusiana e outros autores que discorrem sobre o tema. A partir destas considerações apreendeu-se os registros fotográficos como manifestações narrativas. Alicerçado nesta perspectiva teórica, a fotografia funciona como alerta e relato de certas situações. As fotografias têm significações subjetivas e interpretações díspares para cada um daqueles que as decifra, porque podem ser consideradas além do óbvio (BOURDIEU, 2003b; KOSSOY, 2002). No tocante a esta pesquisa, as fotos explicitam a situação vulnerável e as ramificações promovida pelo crime.

A composição das fotografias envolve um conjunto de elementos que unem a objetividade e a subjetividade, aspectos visíveis e ocultos que revelam a relação da empresa com a (in)sustentabilidade, sendo possível acessar o interesse, a ação e a prática da Samarco. Constatou-se um cenário de devastação social e ambiental, oriundo de atividades organizacionais pautadas em interesses capitalistas, constituindo-se em um crime perante a qualidade de vida, segurança e a própria existência. Percebe-se, pelas fotos analisadas, uma perspectiva de (in)sustentabilidade. Interesse, ação e prática nestas fotografias traduzem a relação da Samarco Mineração S.A. com a (in)sustentabilidade pelo rompimento das barragens em Mariana (MG).

Ao todo foram analisadas quatorze fotografias, porém considerando o carrossel com três fotos do capítulo 4.1.5, esta contagem aumenta em mais duas, totalizando em dezesseis fotos no geral. Em termos de descrição das fotografias, notou-se somente a presença de fotografias coloridas, o que revela a busca de retratar o estado das coisas em sua própria realidade. Não foram encontradas fotografias em preto e branco. Não se sabe se estas fotografias sofreram manipulações e tratamentos de edição a fim de valorizar/ressaltar ou não certas características. A tonalidade das fotografias se dissipa entre tons frios, tons quentes e uma mescla entre estes dois. Sete fotos são de tonalidade fria e quatro são de tonalidade quente. Cinco fotos combinam tons frios com tons quentes. No que diz respeito à luminosidade das fotografias, apenas as três fotos presentes no capítulo 4.1.3, que retratam questões de monitoramento, controle e segurança, são de luz artificial por conta do ambiente fechado. As demais fotografias são todas de luz natural e em ambientes externos.

Estas últimas se diferem em termos de espaço, algumas retratam a natureza e o meio ambiente, outras comunidades, construções, cidade e distritos e há ainda aquelas em que existe contraste entre natureza e as comunidades impactadas pelo crime. No tocante aos enquadramentos adotados pelos fotógrafos, onze das fotos analisadas são de plano aberto, valorizando a presença de diversos elementos em cena. Quatro fotos são de plano médio, em que buscou-se destacar um elemento, mas ainda considerando o cenário ao redor. E por fim, uma foto de plano fechado, a fim de focalizar em um ponto específico. Com a escolha pela maioria de fotos em plano aberto se pode ter ao menos uma noção dos desdobramentos do crime. É evidente que as fotos representam apenas um recorte do todo, a presença de diversos elementos em cena conduz a pensar fora do recorte, adentrando em universos retóricos e simbólicos manifestados nas fotografias.

Diante desta explicação, caminhando para o segundo objetivo específico, verificou-se, a partir da descrição das fotografias com seus componentes e da análise com explanação teórica que surgiu a partir disso, o interesse pela exposição das fotos em momentos cirúrgicos. Verificou-se que algumas fotos foram publicadas próximas à data do acontecido, ou foi excluída, outras acobertadas em documentos que só tem acesso via download e algumas que, por conta do período de seis anos que já se sucederam do crime, ficaram alocadas abaixo de novas publicações da empresa em redes sociais ao longo dos anos. A decisão pela exposição ou não de certas fotos revelam o interesse da empresa pelo desvio para

(in)sustentabilidade. Entretanto, a grande maioria das fotos publicadas pela empresa embaraça incumbências com a sustentabilidade. Há um interesse pelo rompimento do rompimento. Na maioria dos registros fotográficos publicados pela Samarco Mineração S.A. foi possível interpretar uma dissonância entre o interesse de exposição das fotos para reconquista de sua imagem e elementos objetivos que denunciavam uma (in)sustentabilidade.

O rompimento da barragem em Mariana gerou o rompimento da Samarco com a sustentabilidade, e as fotografias foram vistas em certos momentos pela empresa como forma de resposta aos impactos do crime. As fotos revelaram ainda um desinteresse da Samarco anterior ao crime, uma vez que, se medidas de controle, cálculos de risco, normas de segurança e fiscalização tivessem sido computados, ou se foram não condizem com os investimentos destinados a estas questões, o episódio poderia ao menos ter sido evitado ou impactos poderiam ser minimizados, não acarretando na supressão de ecossistemas, vidas, territórios e do meio ambiente, o que caracteriza o evento como crime ambiental, isto é, ecocídio (ROSSO; PIFFER, 2019).

No que diz respeito ao terceiro objetivo específico, certas ações puderam ser apreendidas pelas fotos. Todavia, por conta de seu caráter objetivo, em algumas fotografias não se podia notar o protocolo de ações remediado pela empresa, a não ser em algumas delas pela legenda que as acompanhava. Parte das fotografias contou componentes que puderam explicitar ao que a empresa estava recorrendo para remediar os desdobramentos do crime. Muito além daquilo que estava sendo exibido, pode-se inferir que ações como limpeza, monitoramento e pintura assumiram o status de equivalência no tocante a importância de serem exibidas.

Apesar de seu sentido objetivo e mesmo que não de forma escancarada nas fotografias, elementos como lama, árvores e água remeteram simbolicamente à Samarco. Mesmo que certas fotos buscassem promover de maneira geral uma narrativa de ação da empresa em resposta ao crime, ao voltar olhares para a composição da foto, rastros e evidências comprometiam o status de organização socialmente responsável. Estes vestígios conduziram a interpretações que comprometem o protocolo de ações que a empresa considerava exibir em benefício próprio por meio do recurso imagético.

Em relação ao último objetivo específico, interpretou-se as práticas dos registros fotográficos selecionados, referentes à e da organização investigada,

vinculadas à sustentabilidade, a partir das características que emergiram do processo de análise. A prática, considerando a teorização bourdieusiana, foi analisada em termos de concretude, especificidade, urgência, imprevisibilidade, adaptação e criatividade. Levando-as em consideração, estas características colocaram em xeque no conjunto de fotos analisado se uma organização sustentável teria este tipo de comportamento. Interpretou-se que as fotografias apresentadas após o capítulo 4.1.1. seriam uma forma de reconquistar todos os seus públicos relacionados, comunidades, funcionários, contratados, fornecedores e governos. O rompimento da barragem abalou fortemente a confiança, fator essencial da estratégia empresarial, por isso a Samarco, por meio de registros fotográficos, procurou assumir seu impacto e responsabilidade na recuperação socioambiental e de sua imagem.

Em relação ao objetivo geral e enquanto argumento de pesquisa compreendeu-se a sustentabilidade como alegoria, pois as fotografias exalaram interpretações que fogem dos limites do recorte. Os elementos objetivos que caracterizam e descreveram os registros fotográficos manifestaram extrapolação do sentido de sustentabilidade, uma vez que para a empresa as fotografias seriam uma forma de expressar uma ideia, no caso restaurar condições de sustentabilidade e seu status de organização socialmente responsável para os grupos de interesse com os quais se relaciona diretamente e indiretamente. Todavia, no decorrer dos registros, foi possível tecer relações entre elementos objetivos e subjetivos que denunciam interesses, ações e práticas (in)sustentáveis da empresa.

À vista disso, esta pesquisa promoveu avanços em níveis teórico-metodológicos ao estabelecer relação entre organizações e sustentabilidade a partir de registros fotográficos. Por meio de uma pesquisa dinâmica, como aponta Bourdieu em sua teoria social, os três grandes temas foram analisados de maneira conjunta e relacional: os registros fotográficos, enquanto objeto de registro e testemunho que perdura e ganhou mais força na contemporaneidade com celulares, drones e outros aparelhos tecnológicos se tornando um instrumento valioso e perigoso para as organizações; sustentabilidade, como tema de interesse para as organizações e a sociedade impactada; e, por fim, interesse, ação e prática advindos da sociologia bourdieusiana, que contribuíram para aprofundamento da relação entre os aspectos objetivos e subjetivos que abrangem as fotografias do crime ambiental.

A pesquisa avançou na construção de uma metodologia que conseguir envolver todos os aspectos e características dos registros fotográficos a fim

descrever, considerar, interpretar e desvelar sentidos ocultos, encobertos, simbólicos e resguardados. A fotografia por si só imputa em uma complementaridade verbal, isto é, uma interpretação para além da foto, partindo da foto, desencadeando narrativas, palavras que são sustentação das mesmas (JOLY, 1994). Diferentemente de pesquisas que utilizam fotografias como complemento de análise para com documentos escritos e entrevistas, esta pesquisa buscou utilizar as fotografias como fonte principal de análise e as narrativas escritas dos documentos e das fontes analisadas como coadjuvantes, a critério de contextualização dos registos fotográficos.

Embora esta pesquisa tenha promovido um progresso teórico-metodológico, acredita-se que outros estudos podem enriquecê-la. Para pesquisas futuras, sugere-se a análise de vídeos publicados nas redes sociais e outros veículos midiáticos pela Samarco Mineração S.A. Ainda, sugere-se a replicação desta metodologia e pressupostos teóricos a fim de acessar outras fontes a título de comparação, isto é, outros canais midiáticos que veicularam notícias e postagens com fotografias referentes ao crime ambiental, como jornais, revistas, sites e redes sociais. Outro estudo interessante pode trabalhar com fotografias de quem vivenciou o crime. A ideia de fazer um estudo de campo comparando os mesmos locais das fotos até aqui analisadas como estão agora também pode conduzir a análises interessantes. Como esta pesquisa se voltou a compreender as narrativas relacionadas a interesses, ações e práticas nas fotos que preenchem o escopo da pesquisa, sugere-se a análise a partir outra gama de conceitos da sociologia bourdieusiana como forma de agregar e complementar o estudo até aqui desenvolvido.

## REFERÊNCIAS

- AGUSTÍN LACRUZ, M. El contenido de las imágenes y su análisis en entornos documentales. *In: GÓMEZ DÍAZ, R., AGUSTÍN LACRUZ, M. C. (Eds.), Polisemias visuales: aproximaciones a la alfabetización visual en la sociedad intercultural.* Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2010. p. 85-116.
- ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales.** 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.
- ANDERSON, C. J.; IMPERIA, G. The corporate annual report: a photo analysis of male and female portrayals. **The Journal of Business Communication**, v. 29, n.2, p. 113-128, 1992.
- AHN, P.; JACOBS, K. Using photographs in interpreting cultural and symbolic meaning: A reflection on photographs of the Korean Association for Government Accounting. **Accounting Forum**, v. 42, n. 1, p. 142-152, 2018.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARTHES, R. **A análise estrutural da narrativa.** Seleção de ensaios da revista "Communications". Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- BARTHES, R. **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. *In: BARTHES, R. O óbvio e o obtuso.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p.11-25, 1990.
- BECKER, H. S. Photography and Sociology. **Studies in Visual Communication**, v. 1, n. 1, p. 3-26, 1974.
- BECKER, H. S. Visual sociology, documentary photography, and photojournalism: It's (almost) all a matter of context. **Visual Sociology**, v. 10, n. 1-2, p. 5-14, 1995.
- BELINASSO, L. A (in)sustentabilidade da imagem. **ExperimentArt**, v. 1, n. 1, 2017.
- BENSON, J. K. Organizations: A dialectical view. **Administrative Science Quarterly**, v. 22, n. 1, p. 1-21, 1977.
- BIGO, D. Pierre Bourdieu and international relations: Power of practices, practices of power. **International Political Sociology**, v. 5, n. 3, p. 225-258, 2011.
- BJERREGAARD, T.; KLITMØLLER, A. Conflictual Practice Sharing in the MNC: A Theory of Practice Approach. **Organization Studies**, v. 37, n. 9, p.1271-1295, 2016.
- BM&FBOVESPA. **Sobre o Índice de Sustentabilidade Empresarial.** BM&FBOVESPA, 2020. Disponível em: [http://www.bmfbovespa.com.br/pt\\_br/produtos/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise.htm#panel3a](http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/produtos/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise.htm#panel3a). Acesso em: 06 de jun. 2020.

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a Análise Documental de Fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação**, n. 2, p. 84-100, 2006.

BORGES, F. T.; LINHARES, R. N. Imagem e narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas. **Revista Educação Em Questão**, v. 33, n. 19, p. 128-149, 2008.

BORINELLI, B.; GALASSI, J.; MOSTAGI, N. C.; ALMEIDA, D.; COSTA, R. (Des)ordem institucional e ordenamento territorial: considerações sobre a política ambiental de Goiás. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 16, p. 5-27, 2019.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. O campo econômico. **Política & Sociedade**, v. 6, p. 15-58, 2005.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. Concluding remarks: for a sociogenetic understanding of intellectual works. *In.*: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. **Bourdieu: Critical Perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1993a, p. 263-275.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Intérêt et désintéressement**, Cours du Collège de France à la Faculté d' Anthropologie et de Sociologie de l'Université Lumière Lyon 2, 1988.

\_\_\_\_\_. Le capital social. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 31, p. 2-3, 1980.

BOURDIEU, P. **Photography: a middle-brow art**. Cambridge, Polity Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes 2009.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. **The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature.** Cambridge: Polity Press, 1993b.

\_\_\_\_\_. **Un Arte Medio.** Ensayo sobre los usos sociales de la fotografía. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Televisão:** seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M.C. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, n. 26, p.31-39, 2006.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. **An Invitation to Reflexive Sociology.** Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução.** 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 13 de fevereiro de 1998.

BROADY, D. The epistemological tradition in French sociology. *In*: GRIPSRUD, J. **Rhetoric and Epistemology.** Papers from a Seminar at the Maison des sciences de l'homme in Paris. 1996. p. 1-15

CARNEIRO, A.; BARROS, A. Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 11, n. 30, p. 14-23, 2017.

DINIZ, E. M. Os Resultados da Rio+10. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 15, p. 31-35. 2002.

DOVERS, S. R. Sustainability: Demands on Policy. **Journal of Public Policy**, v. 16, n. 3, p. 303-318, 1996.

DUIT, A.; FEINDT, P. H.; MEADOWCROFT, J. Greening Leviathan: the rise of the environmental state?. **Environmental Politics**, v. 25, n.1, p. 1-23, 2016.

EDWARDS, E.; HART, J. **Photographs, objects, histories:** On the materiality of images. London: Routledge, 2005.

EMIRBAYER, M.; JOHNSON, V. Bourdieu and organizational analysis. **Theory And Society**, v. 37, n. 1, p.1-44, 2008.

EVERINGHAM, J-A.; DEVENIN, V.; COLLINS, N. "The beast doesn't stop": the resource boom and changes in the social space of the Darling Downs. **Rural Society**, v. 24, n. 1, p. 42-64, 2015.

FEIL, A.; SCHREIBER, A. D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, n. 3, p. 667-681, 2017.

FERRO, L. Ao encontro da sociologia visual. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 25, p.373-398, 2005.

FISHER, W. R. Narration as a human communication paradigm: The case of public moral argument, **Communication Monographs**, v. 51, n. 1, p. 1-22, 1984.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FLIGSTEIN, N., MCADAM, D. Toward a General Theory of Strategic Action Fields. **Sociol Theor**, v. 29, n. 1, p.1-26, 2011.

FLIGSTEIN, N. Fields, power, and social skill: A critical analysis of the new institutionalism. **International Public Management Review**, v. 9, n. 1 2008.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta** – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, I. F. da. **Entre o discurso e a prática**: boa governança e Agenda 21 locais na Amazônia. 2009. 166f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GERGEN, K. J.; THATCHENKERY, T. J. Organization science as social construction: Postmodern potentials. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 40, n. 2, p. 228-249, 2004.

GIUNTA, A. **¿Cuándo empieza el arte contemporáneo?**. Buenos Aires: Fundação de Arte BA, 2014.

GLADWIN, T., KENNELLY, J.; KRAUSE, T. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 4, p. 878-907, 1995.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GRADY, J. The Scope of Visual Sociology. **Visual Sociology**, v. 11, n. 2, p.10-24, 1996.

GREENWOOD, M.; JACK, G.; HAYLOCK, B. Toward a Methodology for Analyzing Visual Rhetoric in Corporate Reports. **Organizational Research Methods**, v. 22, n. 3, p. 798–827, 2019.

HAGUETTE, A. Racionalismo e empirismo na sociologia. **Revista de Ciências Sociais**, v. 44, n. 1, p. 194-218, 2013.

HANSEN, A.; MACHIN, D. Researching visual environmental communication. **Environmental Communication**, p. 151-168, 2013.

HARPER, D. Framing Photographic Ethnography: A Case Study. **Ethnography**, v. 4, n. 2, p. 241–266, 2003.

HARPER, D. Visual sociology: Expanding sociological vision. **The American Sociologist**, v. 19, n. 1, p.54-70, 1988.

HARTLEY, J. F. Case Studies in Organizational Research. In.: Casell and Symon, **Qualitative Methods in Organizational Research: a practical guide**. London: Sage, 1994, p. 208-229, 1994.

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In.: CASSELL, C.; SYMON, HATCH, J. A. **Doing qualitative research in educational settings**. Albany: State University of New York Press, p. 37-70, 2002.

HATCH, J. A. **Doing Qualitative Research in Education Settings**. Albany: State University of New York Press, 2002.

HOPWOOD, B.; MELLOR, M.; O'BRIEN, G. Sustainable development: Mapping different approaches. **Sustainable Development**, v. 13, p. 38-52, 2005.

HRASKI, S. Visual disclosure strategies adopted by more and less sustainability-driven companies. **Accounting Forum**, v. 36, n. 3, p. 154-165, 2012.

IASBECK, L. C. A. Identidade organizacional e a construção dos discursos institucionais. In: KUNSCH, M. (Org.), **Comunicação organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2009.p. 7-29.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: TupyKurumin, 2001.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Paris: Éditions Nathan, 1994.

KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAYRARGUES, P. P. Anti ecologismo no Brasil: reflexões ecológicas sobre o Modelo do desenvolvimentismo-extrativista-predatório e a Desregulação ambiental pública. In: OLIVEIRA, M. M. D.; MENDES, M.; HANSEL, C. M.; DAMIANI, S. (Org). **Cidadania, Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Caxias do Sul: EDUCS, p.325-356, 2017.

LÜERSEN, A. Como entender a 'análise do discurso' na análise fotográfica?. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais [...]** Brasília: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

MACINTYRE, A. **After virtue**. Notre Dame: Ed. University of Notre Dame Press, 1981.

MARSH, David.; FURLONG, Paul. A skin not a sweater: ontology and epistemology in political science. *In*: MARSH, D.; STOKER, G. **Theory and Methods in Political Science**. London: Pallgrave MacMillan, 2002. p. 177-194.

MARTIN-CHENUT, K.; NEYRET, L.; PERRUSO, C. Rumo à internacionalização da proteção penal do meio ambiente: dos ecocrimes ao ecocídio. **Revista de Direito Internacional**, v. 12, n. 2, p. 541-569, 2015.

MATON, K. Reflexivity, relationism, & research: Pierre Bourdieu and the epistemic conditions of social scientific knowledge. **Space and culture**, v. 6, n. 1, p. 52-65, 2003.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história: Interfaces. **Revista Tempo**, v.1 n. 2, p. 73-98, 1996.

MEBRATU, D. Sustainability and Sustainable Development: Historical and Conceptual Review. **Elsevier Science Inc**, v. 18, p. 493-520, 1998.

MELLO, M. T. B. de. **Arte e fotografia**: o movimento pictorialista no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MILNE, M. J.; KEARINS, K.; WALTON, S. Creating adventures in wonderland: The journey metaphor and environmental sustainability. **Organization**, v. 13, n. 6, p. 801-839, 2006.

MITCHELL, W. J. T. Showing seeing: a critique of visual culture. **Journal of Visual Culture**, v. 1, n. 2, p. 165-181, 2002.

MOL, A. P. J. A globalização e a mudança dos modelos de controle e poluição industrial: a teoria da modernização ecológica. *In*: HERCULANO, S. C.; SOUZA PORTO, M. F. de; FREITAS, C. M. de (Orgs.). **Qualidade de vida e riscos ambientais**. Niterói: EdUFF, 2000.p. 267-280.

MOL, A. P. J. Ecological modernization industrial transformations and environmental reform. *In*: REDCLIFT, M.; WOODGATE, G. (Org.). **The international handbook of environmental sociology**. London: Edward Elgar, 1997.p. 138-149.

MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história e cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, 2006.

MONTIEL, I.; DELGADO-CEBALLOS, J. Defining and measuring corporate sustainability: Are we there yet?. **Organization & Environment**, v. 27, n. 2, p. 113-139, 2014.

MOORE, J. W. The Capitalocene, Part I: On the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal of Peasant Studies**, v. 44, n. 3, p. 594-630, 2017.

MORAVCIKOVA, K.; STEFENIKOVA, L.; RYPAKOVA, M. CSR reporting as an important tool of CSR communication. **Procedia Economics and Finance**, n. 26, p. 332 – 338, 2015.

MÜLLER, H-P. Action et structure. La praxéologie de Pierre Bourdieu. *In*: SINTOMER, Y.; MÜLLER, H-P. **Pierre Bourdieu, théorie et pratique**. La Découverte, p. 47-62, 2006.

MÜLLER-POHLE, A. Estratégias de informação. *In*: **Boletim Nº 3**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

MUNCK, L.; BORIM-DE-SOUZA, R. Responsabilidade social empresarial e sustentabilidade organizacional: a hierarquização de caminhos estratégicos para o desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 2, n. 2, p. 185-202, 2009.

MYLES, J. F. **Bourdieu, Language and the Media**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

NEWHALL, B. **Historia de la fotografía**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

O'CONNOR, J. ¿ Es posible el capitalismo sostenible?. **Papeles de población**, v. 6, n. 24, p. 9-35, 2000.

OLIVEIRA, J.; SERRASQUEIRO, R.; MOTA, S. N. Determinants of risk reporting by Portuguese and Spanish non-finance companies. **European Business Review**, v. 30 n. 3, p. 311-339, 2018.

PARENTI, C. Environment-Making in the Capitalocene Political Ecology of the State. *In*: MOORE, J. W. **Anthropocene or Capitalocene?** Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland, CA: PM Press, 2016. p. 166-184.

PEEPLER, J. Toxic Sublime: Imaging Contaminated Landscapes. **Environmental Communication**, v., n. 54, p. 373-392, 2011.

PIERRI, N. El Proceso histórico y teórico que conduce a la propuesta del desarrollo sustentable. *In*: PIERRI, N.; FOLADORI, G. (Eds.) **Sustentabilidade? Desacuerdos sobre el desarrollo sustentable**. Montevideo: Trabajo y Capital, 2001.p. 27-80.

PINTO MOLINA, M.; GARCÍA MARCO, F. Y.; AGUSTÍN LACRUZ, M. C. **Indización y resumen de documentos digitales y multimedia**: técnicas y procedimientos. Gijón: Trea, 2002. 350p.

PONTES, N. L. Os motivos de tais fotografias: os usos sociais da fotografia para uma leitura sociológica do mal. **Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 40, p. 257-275, 2014.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; LEFF, E. Political Ecology in Latin America: The Social Re-Appropriation of Nature, the Reinvention of Territories and the Construction of an Environmental Rationality. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, p. 65-88, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Argentina: CLACSO, 2005.p. 107-126.

REED, M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

RIGAT, L. Fotografía Latinoamericana Contemporánea: crítica poscolonial y renovación de los lenguajes. El caso Brasil. **Revista Crítica Cultural**, v. 13, n. 2, p. 233-244, 2018.

ROSE, G. **Visual Methodologies**. An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. Sage Publications, 2001.

ROSENBAUM, W. A. **Environmental politics and policy**. 8. ed. Washington, D.C.: CQ Press, 2011.

ROSSO, A. L. M. de; PIFFER, C. Ecocídio como instrumento de proteção transnacional do meio ambiente. **Ponto de Vista Jurídico**, v. 8, n. 2, p.114-125, 2019.

SALMON, U. Making the Case for a mixed methods design in a bourdieusian analysis of family firms. **Electronic Journal of Business Research Methods**, v. 14, n. 2, p. 135-146, 2016.

SAMARCO. **Compromisso com a Reparação**. 2021a. Disponível em: <https://www.samarco.com/reparacao/#rompimento-do-fundao>. Acesso em: 8 mai. 2021.

SAMARCO. **Sustentabilidade**. 2021b. Disponível em: <https://www.samarco.com/sustentabilidade/>. Acesso em: 8 mai. 2021.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2015-2016**. Belo Horizonte, 2016a. Disponível em: [https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2017/09/Samarco\\_Relatorio-Bienal-2015\\_16-08092017.pdf](https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2017/09/Samarco_Relatorio-Bienal-2015_16-08092017.pdf). Acesso em: 8 set. 2020.

SAMARCO. **Um Ano do Rompimento de Fundão**. Belo Horizonte, 2016b. Disponível em: [https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Book-Samarco\\_final\\_baixa.pdf](https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Book-Samarco_final_baixa.pdf). Acesso em: 8 set. 2020.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Em Minas Gerais, está em andamento a recuperação dos canais dos pequenos afluentes dos rios Gualaxo e Carmo afetados pelo rompimento da Barragem do Fundão, permitindo que a água chegue a eles mais limpa**. Mariana, 7 abr. 2016. Facebook: @SamarcoMineracao. Disponível em:

<https://www.facebook.com/SamarcoMineracao/photos/1728050080745140>. Acesso em: 9 set. 2020.

**SAMARCO MINERAÇÃO. Está em fase de finalização a limpeza da principal via do município de Barra Longa, em Minas Gerais.** Mariana, 23 nov. 2015a. Facebook: @SamarcoMineracao. Disponível em: <https://www.facebook.com/SamarcoMineracao/photos/1681809458702536>. Acesso em: 9 set. 2020.

**SAMARCO MINERAÇÃO. Seguindo as recomendações do Ministério Público, lema, Projeto Tamar e Instituto Chico Mendes, continuamos tomando todas as providências para direcionar a pluma da turbidez ao mar.** Mariana, 20 nov. 2015c. Facebook: @SamarcoMineracao. Disponível em: <https://www.facebook.com/SamarcoMineracao/photos/1681189145431234>. Acesso em: 9 set. 2020.

**SAMARCO MINERAÇÃO. Uma equipe de 35 pessoas acompanha 24 horas por dia a situação das barragens de Santarém e Germano, com o auxílio de câmeras, telões, drones, radares, inspeções de campo e ponto de monitoramento visual.** Mariana, 20 nov. 2015b. Facebook: @SamarcoMineracao. Disponível em: <https://www.facebook.com/SamarcoMineracao/photos/1681158532100962>. Acesso em: 9 set. 2020.

SAMPAIO, S. M. V. de; GUIMARÃES, L. B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**, v. 30, n. 2, p. 395-409, 2012.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

SCHAEFFER, J-M. **A Imagem Precária.** Campinas: Papius, 1996.

SCHWARTZ, J. M. The geography lesson: photographs and the construction of imaginative geographies. **Journal of Historical Geography**, v. 22, p.16-45, 1996.

SCOTT, W. R. Reflections on a half-century of organizational sociology. **Annu. Rev. Sociol.**, v. 30, p. 1-21, 2004.

SENA, A. M. C.de *et al.* Abordagem *grassroots* e resistência: atualizando a concepção de desenvolvimento sustentável. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 651-666, 2017.

SERRANO, A. El análisis de materiales visuales en la investigación social: el caso de la publicidad. *In*: GORDO, A.; SERRANO, A. **Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social.** Madrid: Pearson Educación, 2008.p. 245-286.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas.** 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

SMIT, J. W. A Representação da Imagem. **INFORMARE**, v.2, n. 2, p. 28-36, 1996.

SOLOMON-GODEAU, A. **Photography at the Dock**. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press., 1997.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004, 224p.

SPECTOR, M.; KITSUSE, J. Social Problems: a reformulation. **Social Problems**, v. 20, p. 145-159, 1973.

STROUD, B. Epistemology, the history of epistemology, historical epistemology. **Erkenntnis**, v. 75, n. 3, p. 495-503, 2011.

SWARTZ, D. L. Bringing Bourdieu's master concepts into organizational analysis. **Theory And Society**, v. 37, n. 1, p.45-52, 2008.

THOMSEN, D. C. Seeing is questioning: prompting sustainability discourses through an evocative visual agenda. **Ecology And Society**, v. 20, n. 4, p.1-9, 2015.

VAUGHAN, D. Bourdieu and organizations: the empirical challenge. **Theory And Society**, v. 37, n. 1, p. 65-81, 2008.

VALLE GASTAMINZA, F. del. El análisis documental de la fotografía. *In*: VALLE GASTAMINZA, F. del. (Ed.). **Documentación Fotográfica**. Madrid: Síntesis, p. 121-123, 2001.

WACQUANT, L. Following Pierre Bourdieu into the field. **Ethnography**, v. 5, n. 4, p. 387-414, 2004.

WACQUANT, L. J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Rev. Sociol. Polit.**, n.19, p. 95-110, 2002.

WELLER, W. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, v. 7, n. 13, p. 260-300, 2005.

WESTWOOD, R.; CLEGG, S. **Debating organization**: point-counterpoint in organization studies. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

WILLIG, C. **Introducing qualitative research in psychology**: adventures in theory and method. 2. ed. Berkshire: Open University Press, p. 15-32, 2008.

ZALD, M. N. Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: Toward a reconceptualization of the foundations of the field. **Organization Science**, v. 4, n. 4, p. 513-528, 1993.